Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Olga Mariah Santos De Freitas

O texto argumentativo nos anos finais do ensino fundamental: uma leitura crítica da coleção didática português linguagens

Rio de Janeiro

2023

Olga Mariah Santos De Freitas

O texto argumentativo nos anos finais do ensino fundamental: uma leitura crítica da coleção didática português linguagens

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Profª. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F866 Freitas, Olga Mariah Santos de.
O texto argumentativo nos anos finais do ensino fundamental: uma leitura crítica da coleção didática Português Linguagens / Olga Mariah Santos de Freitas. – 2023.
116 f.:il.

Orientadora: Tania Maria Nunes de Lima Camara.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Línguística – Teses. 2. Livros didáticos – Teses. 3. Textos - Teses. 4. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. I. Camara, Tania Maria N. L. (Tania Maria Nunes de Lima). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Olga Mariah Santos De Freitas

O texto argumentativo nos anos finais do ensino fundamental: uma leitura crítica da coleção didática português linguagens

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 27 do mês de outubro de 2023**.**

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Tânia Maria Nunes de Lima Câmara

Instituto de Letras - UERJ

_____

Prof. Dr. André Nemi Conforte

Instituto de Letras - UERJ

_____

Prof. Dr. Fábio André Cardoso Coelho

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe Elina, por ser minha maior incentivadora e inspiração para realizar os meus sonhos.

Ao meu esposo Wallace Marques, pela dedicação , paciência, amor e parceria ao respirar esse sonho junto comigo.

Aos meus amigos Jean Ignácio, Maria Eduarda e Adriana Bastos, por todo apoio emocional e intelectual e pelos conselhos nos momentos de desesperança.

Às colegas de profissão Sileide, Luciene e Hellen, que, diariamente, preocupavam-se com cada passo deste trabalho, enviando as melhores energias para a sua concretização.

E aos grandes mestres que a UERJ colocou na minha vida acadêmica. Professora Tania Maria, minha orientadora, agradeço pela paciência, calma, apoio e amparo nos momentos mais críticos. Ao professor André Conforte agradeço pelas orientações e críticas atentas que foram essenciais para que eu pudesse dedicar o meu melhor à escrita. Agradeço também às suas grandiosas aulas na especialização e no mestrado, tão cheias de trocas construtivas e de generosidade ao compartilhar seus conhecimentos. Por fim, meus agradecimentos ao professor Fábio André por sua boa vontade, generosidade, atenção e incentivo para ajustar os caminhos desta dissertação

Escrever é um trabalho árduo. Uma frase clara não é acidental. Poucas frases surgem prontas logo de cara, ou mesmo depois de duas ou três vezes. Lembre-se disso nos momentos de desespero. Se você acha difícil escrever, é porque é difícil mesmo.

William Zinsser

RESUMO

FREITAS, Olga Mariah de. *O texto argumentativo nos anos finais do ensino fundamental*: uma leitura crítica da coleção didática Português Linguagens. 2024.116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta pesquisa possui como tema a análise da abordagem dos gêneros argumentativos em determinada coleção de livros didáticos do 6º ao 9 º ano do ensino fundamental. A motivação para tal investigação é fruto do curso *O texto argumentativo*, ministrado no programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Para ter um embasamento teórico capaz de sustentar a análise do material, buscou-se suporte nos pressupostos da Linguística Textual, que centraliza o texto para investigar os seus componentes internos e externos. Foram trazidos os conceitos de Koch (2019), Marcuschi (2012), Abreu (2000) entre outros que também contribuíram teoricamente, como Garcia (1969) e Fiorin (2021). A partir das análises, percebeu-se que a coletânea dialoga com os pressupostos apresentados nesta pesquisa e considerados como relevantes ao trabalhar os gêneros argumentativos na escola. Pois posiciona o texto no centro do processo, explorando assim os aspectos linguísticos internos e externos a ele.

Palavras-chave: Gêneros textuais argumentativos. Argumentação. Texto.. Livros didáticos. Ensino.

ABSTRACT

FREITAS, Olga Mariah de. *The Argumentative Text in the Final Years of Elementary School*: a critical reading of the didactic collection 'Português Linguagens. 2024.116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This research aims to investigate the approach to argumentative genres in a certain collection of textbooks from the 6th to the 9th year of elementary school. The motivation for this investigation is the result of the course "O texto argumentativo" taught in the postgraduate program at the Rio de Janeiro Status University (UERJ). "Having a theoretical basis capable of supporting the analysis of the material, assumptions of Textual Linguistics, which centralizes the text to investigate its internal and external components, were sought. The concepts of Koch (2019), Marcuschi (2012), Abreu (2000) were brought in, among others who also contributed theoretically, such as Garcia (1969) and Fiorin (2021). From the analyses, it was noticed that the collection dialogues with the assumptions presented in this research which are also considered relevant when working on argumentative genres at school. It positions the text at the center of the process, thus exploring the linguistic aspects internal and external to it.

Keywords: Textual genres. Argumentative. Argumentation. Text. Didatic books. Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e o sujeito-alvo 34
Figura 2 - Português - Linguagens - 6º ano 50
Figura 3 - Sumário 51
Figura 4 - Produção de texto 52
Figura 5 - Produção de texto 53
Figura 6 - Questões 1 a 3 54
Figura 7 - Produção de texto 56
Figura 8 - Português - Linguagens - 7º ano 58
Figura 9 - Sumário 59
Figura 10 - Produção de texto 61
Figura 11 - Produção de Texto 63
Figura 12- Produção de texto 65
Figura 13 - Produção de texto 66
Figura 14 - Produção de texto 67
Figura 15 - Português - Linguagens - 8º ano 69
Figura 16 - Sumário 70
Figura 17 - Sumário 71
Figura 18 - Produção de texto 72
Figura 19- Produção de texto 73
Figura 20 - Produção de texto 74
Figura 21- Produção de texto 76
Figura 22 - Produção de texto 77
Figura 23 - Produção de texto 78
Figura 24 - Produção de texto 79
Figura 25- Produção de texto 80
Figura 26- Produção de texto 81
Figura 27- Produção de texto 83
Figura 28 - Produção de texto 84
Figura 29 - Produção de texto 86
Figura 30 - Produção de texto 87
Figura 31 - A conjunção na construção do texto 89
Figura 32 - A conjunção na construção do texto 90
Figura 33 - Português - Linguagens - 9º ano 91
Figura 34 - Sumário 92
Figura 35 - Produção de texto 94
Figura 36 - Produção de texto 95
Figura 37- Produção de texto 97
Figura 38 - Produção de texto 98
Figura 39 - Produção de texto 99
Figura 40 - Produção de texto 100
Figura 41 - Produção de texto 101
Figura 42 - Produção de texto 102
Figura 43 - Produção de texto 104
Figura 44 - Produção de texto 105
Figura 45 - Produção de texto 106

Figura 46 - Para escrever coesão e coerência..... 108
Figura 47 - Para escrever coesão e coerência..... 109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9
1 OS GÊNEROS DO DISCURSO: UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA 11
1.1. Os Gêneros Textuais e o Ensino de Língua Portuguesa 14
2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL: UM POUCO DA TRAJETÓRIA, CONCEPÇÃO DE TEXTO E IMPACTO NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA 17
3 A ARGUMENTAÇÃO: ORIGEM E PREMISSAS INICIAIS 22
3.1 Algumas Considerações Teóricas sobre a Argumentação 29
3.1.1 As Condições para a Argumentação 33
3.1.2 A Estrutura do Texto Argumentativo: Iniciar, Desenvolver e Concluir 35
3.2 Os Articuladores Argumentativos 39
3.2.1 A Progressão Textual e Argumentação 42
4 OS GÊNEROS ARGUMENTATIVOS E A PERSPECTIVA DO ENSINO 43
5 METODOLOGIA DE PESQUISA 45
6 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS 47
6.1. Sobre a Coletânea de Livros 47
6.1.1 A Estrutura dos Livros 48
6.1.2 Português - Linguagens - 6º Ano 50
6.1.3 Português - Linguagens - 7º Ano 58
6.1.4 Português - Linguagens - 8º Ano 68
6.1.5 Português - Linguagens - 9º Ano 91
CONSIDERAÇÕES FINAIS 111
REFERÊNCIAS 114

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo geral analisar como uma coletânea de livros didáticos de Língua Portuguesa, destinada aos anos finais do ensino fundamental, aborda em seu conteúdo os gêneros argumentativos. O material analisado corresponde ao *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, o qual integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), compreendendo o triênio 2017/2018/2019.

Após as aulas do curso *O texto argumentativo*, ministrado na pós-graduação da Universidade do Estado do Rio Janeiro (UERJ), surgiu a motivação para a pesquisa, e a escolha da coletânea em questão se deve ao fato de ela ser adotada para as aulas de Língua Portuguesa por muitas escolas, tanto públicas quanto particulares.

Segundo Abreu (2021, p. 25,) "argumentar é a arte de convencer e persuadir", para que esses objetivos sejam alcançados, é importante que, no contexto da sala de aula, haja um trabalho em que o texto seja o centro do processo e que tenha seus aspectos internos e externos explorados pelos alunos.

Este trabalho encontra-se dividido em seis capítulos de base teórica, que constituirão os parâmetros para analisar a coleção didática. A começar pelo primeiro capítulo, que apresenta, junto a Fiorin (2011), o conceito bakhtiniano de gêneros do discurso, as concepções de dialogismo, os gêneros do discurso e os gêneros primários e secundários. Também são trazidas as perspectivas acerca dos gêneros de acordo com Marcuschi (2008) e Koch e Elias (2018). Na sequência, fala-se sobre os gêneros e o ensino, com o suporte do que preconizam para o ensino de língua materna os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998).

No segundo capítulo estão algumas considerações sobre a Linguística Textual, linha de pesquisa a que se filia esta dissertação. Nele são abordadas as tipologias textuais, que em alguns momentos serão chamadas de sequências textuais, com base nos pareceres de Marcuschi (2012) e Fávero e Koch (2000).

Na sequência, tem-se o quarto capítulo, no qual é apresentando um pouco da origem da argumentação, com o suporte de Garcia (1969), Fiorin (2020) e Marques (2011). O quarto capítulo subdivide-se em: pareceres teóricos da argumentação, condições para argumentação, estrutura da argumentação e articuladores argumentativos e progressão textual. Para o

desenvolvimento dos subcapítulos mencionados serão utilizados os pressupostos de Koch e Elias (2012).

O capítulo quatro apresenta algumas explanações sobre o ensino do gênero argumentativo, pautado nas ideias de Marcuschi (2008) e nas diretrizes dos PCN (1998).

A metodologia de pesquisa é qualitativa, em decorrência da análise dos livros didáticos selecionados. A compreensão do objeto em análise é de cunho descritivista, pois ocupar-se-á em descrever detalhadamente como os gêneros argumentativos figuram em cada livro. A dissertação está constituída por um compêndio teórico que será a base para a análise de dados que, por sua vez, será descritiva: os livros em questão serão avaliados de acordo com suas características, objetivos e propostas didáticas trazidas. Por fim, é um estudo de cunho bibliográfico, porque utiliza literatura, como livros e artigos científicos, de autores que são relevantes para o tema da pesquisa.

No capítulo 6 estão expostos a estruturação dos livros e os objetivos dos autores William Cereja e Thereza Cochar, seguidos por descrições, imagens e ponderações críticas de cada um dos volumes, de acordo com as colocações e filiações teóricas deste trabalho.

Posterior às análises, nas considerações finais, são explanadas as conclusões e as impressões acerca da coletânea, para que possam ser feitas observações que sejam relevantes para os estudos da argumentação nos anos finais do ensino fundamental, auxiliando, dessa forma, na reflexão acerca de um ensino que priorize a formação de alunos proficientes e seguros quanto ao uso de língua e na produção dos gêneros textuais de ordem argumentativa nos variados contextos de interação. Tornando-os, assim, capazes de desempenhar papéis críticos e participativos na sociedade.

1 OS GÊNEROS DO DISCURSO: UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

A relação entre os seres humanos se dá pela interação, esta, por sua vez, mediada pela linguagem. Em qualquer instância comunicativa, sempre se está agindo, ou pelo menos tentando, sobre o outro. O pensador russo Mikhail Bakhtin designa como dialógica essa relação entre os falantes de uma língua.

A interação é materializada por meio de textos orais ou escritos, que são construídos de infinitas formas a depender dos participantes e do contexto que envolve uma situação comunicacional. A esses textos, Bakhtin deu o nome de gêneros do discurso. Eles podem variar desde uma simples conversa em um ponto de ônibus, até uma tese de doutorado com 150 páginas, por exemplo. A realização desses textos, com objetivos de estabelecer interações, irá depender das intenções de quem fala, do efeito que pretende atingir, de quem fala e para quem se fala...

As contribuições de Bakhtin funcionam como base teórica e orientação para a maioria das teorias de enunciação. No presente momento, os gêneros textuais apontam outra concepção, uma vez que buscam estabelecer funções sociais específicas para os textos que circulam entre nossa comunidade linguística. A contribuição de Bakhtin foi primordialmente considerada para a realização do presente estudo. Segundo Barros (2005, p. 25 - 26)

> Bakhtin influenciou ou antecipou as principais orientações teóricas dos estudos sobre o texto e o discurso desenvolvidos, sobretudo nos últimos 30 anos e ao contrário do empreendido pelos estudos linguísticos, que tomaram a língua por objeto e começaram pelo busca de unidades mínimas ou de unidades até a dimensão da frase, Bakhtin afirma que a especificidade das ciências humanas está no fato de que seu objeto é o texto (ou discurso). Em outras palavras, as ciências humanas se voltam para o homem, mas é o homem como produtor de textos que se apresenta aí.

Nas palavras de Bakhtin, os gêneros do discurso são "tipos relativamente estáveis de enunciados” e,

> a riqueza e a variedade dos gêneros são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa" (BAKHTIN, 1997, p. 279 - 281).

As atividades humanas são de natureza extremamente diversa e tal diversidade é responsável pela existência de um grande número de gêneros do discurso. Com o passar do

tempo, novos gêneros surgem ou se apresentam modificados. Desse aspecto resulta o caráter relativamente estável supracitado. Essas modificações pelas quais os gêneros passam podem ser resultado dos avanços tecnológicos, da modificação da língua, do contexto histórico-social etc.

Bakhtin divide os gêneros em primários e secundários: os gêneros primários são os presentes no cotidiano, ocorrem de maneira mais imediata, por exemplo, os diálogos face a face, conversas pelo celular, piada, bilhete, carta etc. De outro lado, os secundários, que, por sua vez, são dotados de maior complexidade e residem majoritariamente na esfera escrita; sendo assim, perdem o imediatismo presente nos primários. Necessitam de um trabalho mais cuidadoso em sua construção e transmutam os gêneros primários. São exemplos os artigos científicos, romances, resenhas, poemas, entre outros (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Diante das considerações expostas, evidencia-se que, na concepção bakhtiniana, a língua é produto da história de uma sociedade e dela não deve ser desvinculada. Os seres humanos modificam a língua para atender às suas necessidades e a língua também se modifica para atender aos seus falantes. Desse modo, uma visão engessada do fenômeno que a língua representa é insuficiente para seu estudo e compreensão, principalmente no que diz respeito ao ensino de nas escolas. Um ensino demasiadamente focado em falar da língua como uma abstração, sem considerar a realidade e cada contexto com suas especificidades linguísticas, corrobora a formação de falantes com conhecimentos insipientes e com dificuldades de usar com proficiência a língua que falam.

Fiorin (2011) declara que o interesse do pensador russo, ao teorizar sobre os gêneros do discurso, é o de inclinar-se menos às características formais e composicionais e mais aos seus processos de produção, pois “seu ponto de partida é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na sua função, no seu processo de interação" (FIORIN, 2011, p. 52).

Sendo assim, observa-se que os gêneros surgem, como exposto anteriormente, em função das necessidades comunicativas dos falantes. Cada situação e cada contexto histórico-social irão ditar as maneiras de concretização dos gêneros. O estilo, a linguagem e a composição se moldam ao que cada circunstância comunicativa solicita. Por exemplo, um bilhete será muito diferente em linguagem, composição e estilo de um e-mail destinado a um chefe. Enquanto este requer um pouco mais de rigor em sua linguagem e estrutura, podendo ser um pouco mais extenso também, aquele é mais imediato, direcionado a recados de importância moderada, porém mais curtos. Há de se considerar também que, devido ao grau

de informalidade, não se direciona um bilhete a um chefe, uma vez que tal gênero normalmente é mais utilizado entre pessoas com uma relação de intimidade maior.

À afirmação de Bakhtin acerca da relativa estabilidade dos gêneros, Fiorin complementa que "o acento deve incidir sobre o termo relativamente, pois ele implica ser preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, ao que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito" (FIORIN, 2011, p. 54).

O linguista brasileiro exemplifica a questão acima ao comparar os estilos de época Realismo e Modernismo. Apesar de os movimentos literários compartilharem o gênero de discurso Romance, que é um gênero narrativo, em suas manifestações artísticas, estas nunca se deram igualmente. Isso ocorre porque o contexto, a temática e o objetivo de cada um dos movimentos são diferentes um do outro. Por isso, Bakhtin prefere não prescrever estilo, estrutura e composição em um mesmo gênero, consciente de que isso poderá se modificar a depender de uma série de questões existentes.

Marcuschi (2008) confirma as ideias bakhtinianas, quando expõe os seus pensamentos acerca dos gêneros do discurso, afirmando que "não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de suas relações com as atividades humanas" (MARCUSCHI, 2008, p. 155). O autor é categórico ao defender que os gêneros devem ser entendidos de maneira dinâmica, e não como modos estanques ou sequer como estruturas rígidas.

Koch (2016) também considera as colocações teóricas de Bakhtin e junta-se a Marcuschi ao destacar a relevância dos gêneros do discurso. Ela reflete que as situações sociais irão ditar quais gêneros serão utilizados e como serão construídos, pois "cada uma dessas situações que determina o gênero, com características temáticas composicionais e estilística próprias" (KOCH, 2016, p.7). A heterogeneidade presente nas camadas da língua faz com que os gêneros também sejam heterogêneos. Tal marca inclui desde uma conversa trivial entre amigos em uma mesa de bar até um romance Realista de 200 páginas, por exemplo.

Aprofundando um pouco mais, Koch e Elias (2018 p. 54) apontam que "[...] todos nós, falantes/ouvintes, escritores/leitores, construímos, ao longo de nossa existência, uma competência metagenérica, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, sua caracterização e função".

A "competência metagenérica" (KOCH e ELIAS, 2018) constitui-se na capacidade que o falante possui de dominar o gênero e usá-lo não apenas como instrumento linguístico,

mas também como um instrumento de atuação social a fim de atingir objetivos comunicacionais específicos. Graças a essa competência desenvolvida ao longo da existência, o indivíduo consegue adequar a linguagem aos diversos contextos vivenciados. Por exemplo, não se lê um conto erótico em uma sala de aula de educação infantil.

Diante do exposto até o presente momento, é possível perceber que as contribuições de Bakhtin para a teoria dos gêneros do discurso reverberaram nas obras de muitos estudiosos da língua. A concepção do teórico russo acerca da linguagem é encontrada em diferentes estudos: variadas correntes teóricas, mesmo com diferentes inclinações filosóficas, têm suas premissas básicas baseadas nas reflexões do autor russo. Foi a partir dos anos 50 que a Linguística despertou seu interesse pelo estudo dos gêneros, porque antes somente os estudos literários e retóricos nutriam curiosidade por eles.

O valor da obra de Bakhtin reside justamente no fato de ele considerar os gêneros do discurso como um produto resultante da relação entre os indivíduos e da necessidade de interação entre eles. É essa relação dialógica da linguagem que define e amplia os gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. O autor, ao entender os gêneros como fenômenos não estáticos, deixa claro que sua visão acerca de linguagem e gênero passa longe de qualquer característica normativa ou dogmática, como é possível confirmar na passagem que segue:

.

> Cada esfera, com sua função socioideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa, cotidiana etc.) e suas condições concretas e específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico etc.), historicamente formula na/para a interação verbal gêneros discursivos que lhe são próprios. Os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando, no interior dessas esferas (RODRIGUES, 2005, p. 164).

Em síntese, a estrutura social da qual os falantes fazem parte é uma fonte geradora de diferentes gêneros textuais, e as particularidades dessas estruturas são expostas na superfície textual dos gêneros.

1.1. Os Gêneros Textuais e o Ensino de Língua Portuguesa

Quando se pensa no ensino de Língua Portuguesa na educação básica, considera-se a valorização do texto como princípio no processo, pois espera-se um ensino contextualizado,

para que assim os falantes sejam preparados para se expressarem nos mais variados contextos de comunicação.

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998 apresentou diretrizes para o ensino de língua nas escolas, e essas diretrizes dialogam com a necessidade de um ensino contextualizado e consideram os pareceres teóricos bakhtinianos sobre os gêneros e suas contribuições para a vivência e interação em sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram criados pelo Governo Federal e publicados pelo Ministério da Educação no ano de 1998, e tinham como função nortear o ensino nos anos finais do ensino fundamental no Brasil. Apresentavam-se separados por disciplinas, e cada uma delas possuía particularidades para serem trabalhadas na sala de aula.

Entendendo a educação enquanto uma tarefa complexa que necessita de constante reflexão sobre a prática, os PCN “buscam auxiliar o professor na sua tarefa de assumir, como profissional, o lugar que lhe cabe pela responsabilidade e importância no processo de formação do povo brasileiro" (BRASIL, 1998).

O documento foi elaborado pela extinta Secretaria de Educação Fundamental do MEC, com o objetivo de apoiar o desenvolvimento de um projeto da educação brasileira, fomentar a reflexão acerca da prática, dar suporte ao planejamento das aulas e auxiliar na análise para a seleção dos materiais didáticos. Além disso, o documento entende que a educação deve atender às necessidades específicas da população. Por isso, foi construído de forma que respeitasse a diversidade regional, cultural e política do Brasil. Sendo assim, uma referência comum a nível nacional (BRASIL, 1998).

Em relação ao ensino de língua materna, o documento explica que ele deve ser contextualizado e capaz de preparar os alunos para além da escola, a fim de que, ao saírem dela, sejam capazes de utilizar a língua com habilidade e proficiência em suas vivências cotidianas. Ao considerar a língua um instrumento de exercício da cidadania, os PCN lançam um novo olhar sobre os gêneros do discurso, pois, quando formulam as diretrizes para trabalhar a língua na sala de aula, é possível observar que “as práticas pedagógicas dos gêneros textuais apresentam uma perspectiva centrada em uma concepção representativa, dialógica, social e interacional da linguagem, na qual o texto e os gêneros discursivos assumem papéis principais” (CORTEZ, 2010, p. 22). A aliança entre a teoria dos gêneros do discurso e as propostas do documento destaca a concepção de gênero como uma forma de inclusão e de participação do indivíduo socialmente.

Os PCN se apoiam em Bakhtin ao definirem, por exemplo, em suas orientações, que os gêneros dependem de um contexto e são desenvolvidos e articulados para um determinado contexto. Desse modo, entendem os gêneros textuais como uma preocupação central, principalmente no que diz respeito ao estilo e à composição, considerando as macro e microestruturas:

> todo texto se organiza dentro de um determinado gênero (...). Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, que são caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Podemos ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a "famílias" de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como: visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros, os quais dão forma aos textos (...) (BRASIL, 1998, p. 19).

De acordo com Rodrigues (2002, p. 23), nos PCN é deixada de lado a proposição tradicional do ensino de língua fixada na narração, descrição e dissertação. As orientações contidas no documento trazem um novo olhar para o ensino de língua portuguesa na escola, o que é certamente inovador, mas, em relação às práticas pedagógicas, não apresentam aplicações ou ilustram formas de desenvolver um trabalho com os gêneros textuais (SEGATE, 2010, p. 25).

Para finalizar, apesar de alguns pontos a serem observados, o documento compreende os textos em sua totalidade, ao considerar que a produção discursiva se manifesta linguisticamente por meio deles, assim, considerando que eles não existem isolados do meio social, mas, sim, em função desse meio. Entende que são dotados de significado; que eles e os elementos presentes neles não estão ali por um simples acaso, mas porque foram escolhidos, acatando uma série de fatores que se coaduna com os desejos comunicativos do interlocutor.

2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL: UM POUCO DA TRAJETÓRIA, CONCEPÇÃO DE TEXTO E IMPACTO NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A Linguística Textual, também reconhecida como LT, é um campo relativamente recente dos estudos linguísticos, seu início foi na década de 60 na Europa e se estendeu até meados dos anos 70, porém no território brasileiro ganhou força nos anos 80. Ela tem como seu principal foco de estudo o texto e todos os aspectos internos e externos a ele que colaboram para a constituição do seu todo.

Inicialmente, o texto não era o seu ponto de partida, pois ela dedicava-se a pesquisar os mecanismos interfrásticos que fazem parte do sistema gramatical da língua, que, quando utilizados, dariam a duas ou mais sequências de frases o valor de texto. Para explicar esses fenômenos incluía-se a "correferência, a pronominalização, a seleção do artigo (definido/ indefinido), a ordem das palavras, a relação tema/tópico – rema/comentário, a concordância dos tempos verbais [...]" (KOCH, 2019, p. 3).

Na tentativa de definir o modo de analisar frases ou sequências de frases e o que as colocava na categoria de texto, o estudo seguia orientações heterogêneas, às vezes de caráter estruturalista ou gerativista, ora funcionalista, o que faziam flutuar as concepções de texto, pois podia ser definido enquanto uma "frase complexa", "signo linguístico primário" (Hartmann, 1969), "cadeia de pronominalizações ininterruptas" (Harweg, 1968), "sequência coerente de enunciados" (Isenberg, 1971), "cadeia de pressuposições" (Bellert, 1970)" (KOCH, 2015, p. 3).

Quando foi observada a necessidade de ir além dos estudos da frase, buscaram-se regras que ditassem a organização e o encadeamento das frases dos mais variados tamanhos e formação de pares. Muitos enunciados e sequências de enunciados iam em direção ao texto, ultrapassando assim as fronteiras da frase, porém ainda não apresentavam uma autonomia significativa, porque era insuficiente como modelo teórico para analisar esses fenômenos.

O passo seguinte incluía as Gramáticas textuais, porque os linguistas esperavam encontrar nelas as explicações para fenômenos que incluíam o uso dos pronomes, dos artigos, dos verbos e dos tempos verbais, a organização dos elementos das frases, a relação de ligação que as conjunções estabeleciam etc. Logo perceberam que deveriam fazer um movimento inverso ao que vinham realizando: agora o estudo partiria do macro para o micro, ou seja, do texto, unidade maior, para a frase, unidade menor. Sendo o texto uma unidade altamente hierarquizada, foi percebido que suas estruturas deveriam ser determinadas por uma Gramática do Texto, que tinha como função definir o que é um texto, o que faz do texto um

texto, quais os textos existentes e assim por diante. A opção pela análise do texto em vez da frase conduz a um estudo pragmático, portanto os textos seriam analisados em decorrência do uso que os usuários faziam deles, levando em consideração os contextos de produção.

Na década de 80, os estudiosos da língua materna perceberam a necessidade de investigar fatores relacionados ao texto, logo surgiu o interesse por outras áreas, como a coesão e a coerência, a cognição relativa ao processo textual, os sistemas de conhecimentos ativados no processamento textual etc. Atualmente, a Linguística Textual inclina-se ao estudo dos gêneros textuais e das tipologias textuais, constituindo, assim, um fértil campo de pesquisa, devido à multiplicidade de gêneros textuais que surgem à medida que a sociedade se modifica, às necessidades de comunicação que surgem e aos modos como as tipologias textuais funcionarão nos textos.

Fávero e Koch (2000, p. 11), colocam que a hipótese de trabalho da LT tem "como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim com o texto, por serem os textos a forma de manifestação da linguagem". A LT destacou-se justamente por não se restringir aos aspectos gramaticais, visto que existe uma atenção aos fatores de produção, recepção e interpretação do texto. Marcuschi (2012, p. 16) diz que a LT "dispõe, porém, de um dogma de fé: o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma certeza: a gramática de frase não dá conta do texto".

Nessa perspectiva, a LT valoriza os fatores e critérios de textualidade contidos na manifestação linguística, isso porque a investigação do texto pode ser vista como estudar uma estrutura dotada de sentido, com objetivações e intenções definidas, porque de acordo com Florêncio et al.(2009, p. 25-26), não existe discurso que seja isento ou neutro, isso porque em sua produção, assim como ocorre com o texto, "o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representa os lugares sociais que ocupa".

Na análise do macro, texto, para o micro, frase, tem-se as tipologias textuais, enquanto elementos que cooperam para a concretização do texto como todo, Marcuschi (2000) defende que a tipologia textual é um aspecto fundamental dos estudos linguísticos, pois possibilita a análise dos gêneros sob o aspecto linguístico. Ainda, segundo o autor, "um tipo textual é um constructo ideal que se identifica no contexto de uma tipologia textual que pretende determinar estruturas linguísticas e formais que constituem esses tipos" (MARCUSCHI, 2000, p. 21). Koch (1997, p. 74 – 75) observa que a tipologia textual parecia ter sido esquecida após ser objeto de preocupação das gramáticas de texto, no entanto volta a

ocupar, sob outros enfoques, ou seja, junto aos gêneros textuais - um lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto, revelando-se um terreno bastante promissor.

Os tipos textuais são enunciados que se organizam com uma finalidade comunicativa. Constituem esquemas linguísticos que fazem parte da constituição interna dos gêneros textuais e, no ato da construção dos textos, serão selecionados os tipos que se adequam a certos gêneros discursivos. Diferente dos gêneros, que formam um conjunto infinito, Koch e Elias (2018), que os nomeiam como "sequências textuais", explicam que os tipos limitam-se à narração, descrição, injunção, exposição e argumentação. As tipologias citadas apresentam características intrínsecas e invariáveis, ou seja, não sofrem a influência do contexto das atividades de interação. De maneira pré-determinada, apresentam vocabulário, relações lógicas, tempos verbais e construções frasais que acolhem os diversos gêneros.

É importante esclarecer que gênero e tipos textuais não são dicotômicos, mas complementares, como explica Marcuschi (2008, p. 16): “não subsistem isolados em alheios um ao outro, são formas constitutivas do texto em funcionamento”. Sempre que há necessidade de se comunicar, o usuário recorre a algum gênero, e a concretização dessa ferramenta de interação depende da construção do seu interior e da organização do que se pretende dizer, e, para tanto, tem-se as sequências textuais.

Os tipos textuais encontram-se organizados na constituição dos gêneros e suas características principais existem nos aspectos linguísticos que envolvem o léxico, os verbos, a sintaxe etc. No dizer de Marcuschi (2008, p. 154), “o tipo caracteriza-se muito mais como sequência linguística do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais”.

Cada um dos gêneros textuais que circulam socialmente faz uso de determinada sequência textual. Isso não quer dizer que não possa figurar, em um mesmo gênero, mais de uma sequência, mas sempre haverá aquela que irá predominar em todo o texto. Por exemplo, um conto pode conter passagens descritivas, mas com maior presença estará a sequência narrativa com seus elementos linguísticos que irão cumprir a função de narrar um fato. De acordo com Koch e Elias (2018),

> cada gênero vai eleger uma ou, o que é mais comum, algumas dessas sequências ou tipos para a sua constituição. Assim, por exemplo, num conto ou num romance, vamos encontrar, a par das sequências narrativas, responsáveis pela ação propriamente dita (enredo, trama), sequências descritivas (descrições de situações, ambientes, personagens) e expositivas (intromissões do narrador); peças jurídicas como a petição inicial ou a contestação vão conter, normalmente, sequências narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas; num manual de instruções encontrar-se-ão, pelo menos, sequências injuntivas e descritivas, e assim por diante (KOCH e ELIAS, 2018, p. 73).

Os tipos textuais têm características particulares no que tangem à organização e à utilização dos elementos linguísticos disponíveis no sistema da língua, e, para cada uma delas, sempre existirá uma infinidade de gêneros que deles fazem uso.

A tipologia descritiva tem como função detalhar e apresentar caraterísticas positivas ou negativas de qualquer ser situado no tempo e no espaço, e, para cumprir seu papel recorre a adjetivos, predicados nominais, verbos de estado e a articuladores de espaço e de situação. Costuma-se encontrar tal tipologia predominantemente em diário, relatos de viagens, anúncios de classificados, aplicativos de relacionamentos, cardápio.

Quando se recorre à tipologia expositiva, tem-se a apresentação de conceitos numa ordenação lógica, "os tempos verbais são do mundo comentado e os conectores, predominantemente, do tipo lógico" (WEINRICH *apud* KOCH 2018, p. 67). Costuma fazer uso de enumerações, comparações e os contrastes para clarificar conceitos. São exemplos os gêneros textuais de caráter informativo, que utilizam dados de outras áreas e fazem uma composição ou decomposição de um determinado assunto.

A tipologia injuntiva traz consigo recomendações de comportamentos e ações ordenadas. Os verbos no imperativo, no infinitivo ou futuro do presente predominam nessa sequência. Lista de compras, manuais de instrução, receitas de cozinha, receitas médicas etc, figuram como gêneros textuais que carregam em si traços marcantes de injunção.

Por fim, a tipologia argumentativa é aquela que apresenta "uma ordenação ideológica de argumentos e/ou contra-argumentos" (KOCH, 2018, p. 72); para que a sequência argumentativa se materialize linguisticamente, há que se recorrer a alguns recursos, como a utilização de elementos modalizadores, verbos que introduzem opiniões, operadores argumentativos (conjunções coordenativas, conjunções subordinativas, palavras denotativas...). Dentro de um texto, a sequência argumentativa vai girar em torno de um ponto de vista, ou seja, tese, defendido por meio da argumentação.

Após as explanações teóricas acerca do surgimento e do desenvolvimento dos estudos de Linguística Textual, pode-se refletir sobre que essa área de pesquisa impactou no ensino de língua materna. Segundo Koch a maior mudança foi que o texto passou a ser o centro do processo de ensino, dando aos alunos a possibilidade de "refletir sobre o funcionamento da língua nas diversas situações de interação verbal, sobre o uso dos recursos que a língua lhes oferece para a concretização de suas propostas de sentido, bem como sobre a adequação dos textos a cada situação (KOCH, 2003, p. 1)".

A LT também revitalizou o estudo da gramática, pois com o texto tornando-se o alvo de investigação e análise, a gramática normativa passa a ser concebida em um cenário contextualizado,

> evidenciando de que modo o trabalho de seleção e combinação dos elementos, dentro das inúmeras possibilidades que a gramática da língua nos põe à disposição — e que, portanto, é preciso conhecer —, nos textos que lemos ou produzimos, constitui um conjunto de decisões que vão funcionar como instruções ou sinalizações a orientar a construção do sentido.

Dessa maneira, os alunos percebem que as escolhas linguísticas que um texto apresenta e as possibilidades de seleção que a gramática oferece não são aleatórias, mas sim coerentes com ideias e significados que se pretende produzir.

3 A ARGUMENTAÇÃO: ORIGEM E PREMISSAS INICIAIS

Questionamentos sobre o que é argumentar, como e por que a argumentação ocorre parece terem respostas óbvias e originárias do senso comum; entretanto, por trás das conclusões, existem definições, divergências entre teorias no tempo, nomenclaturas, desdobramentos dos conceitos, etc. O que se pode afirmar é que a argumentação "é um setor da atividade da linguagem que sempre exerceu fascínio, desde a retórica dos antigos que dela fizeram o próprio fundamento das relações sociais (a arte de persuadir) até hoje quando voltou à moda" (CHARAUDEAU, 2016, p. 201).

É importante expor que a argumentação consiste em uma prática do discurso, pois qualquer ser humano frequentemente, nas situações mais cotidianas, faz uso dessa tipologia textual, buscando agir sobre o posicionamento do outro. A premissa básica é a de que a argumentação tem como propósito persuadir, convencer ou influenciar o leitor ou ouvinte acerca de determinada visão de mundo. Assim, busca-se mudar a atitude do interlocutor por meio da argumentação. Nas palavras de Garcia "na argumentação [...] procuramos principalmente formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade" (1969, p. 361).

Foi na Grécia que surgiu a primeira teoria sobre a argumentação: a Retórica de Aristóteles. No texto do filósofo, eram apresentadas as práticas de persuasão inerentes ao exercício argumentativo. Segundo Marques (2011, p. 270), o pensador precisou atribuir um novo tratamento à retórica, em decorrência do modo como ela foi utilizada tempos antes pelos sofistas - habilidosos oradores que eram instrutores itinerantes contratados para ensinar retórica com finalidades políticas.

Os sofistas desenvolveram técnicas de manipulação para convencer as massas ignorantes. Isso fez com que ficassem malvistos e fossem duramente criticados. Eles eram viajantes itinerantes, e, em função desse estilo de vida, tinham muitas vivências e experiências com outros costumes e culturas. Em face dessa bagagem de conhecimento, os sofistas usavam a retórica amplamente para vencer os debates políticos, dessa forma ganhavam fama e dinheiro ao ensinar outros jovens sobre como vencer discussões. Para eles, o importante era convencer o outro acerca de determinado fato, sendo verdade ou não. Para os sofistas, não importava a essência das coisas, não havia necessidade de ser claro no que se pretendia dizer. Tal comportamento contrariava as premissas básicas da dialética, que consiste em estabelecer uma relação com outro, a fim de discutir determinada questão e juntos chegar a uma síntese

em comum. Eles acreditavam que o convencimento apenas proporcionado pela retórica já era o suficiente.

Como consequência dessa problemática, Aristóteles precisou estabelecer um limite entre a retórica dos sofistas e a que ele pretendia fomentar, desse modo, associou-a à dialética e à lógica. O filósofo justifica essa associação ao explicar que a retórica é uma parte da dialética, porque esta é a "lógica do que é provável, ou seja, o procedimento racional não demonstrativo" *(*2005a, I, 1 *apud* FIORIN, 2020, p. 19). A retórica é enxergada como a arte de persuadir, e para o pensador clássico ela pode ser definida como "a faculdade de considerar, para cada questão, aquilo que é próprio para persuadir" (1991, I, 2, 1355b, *apud* FIORIN 2020, p.19). Sendo assim, cabe pontuar que "é segundo este quadro construído por Aristóteles, de síntese, reformulação e inovação, que a argumentação retórica vai estar presente na civilização ocidental" (MARQUES, 2011, p. 271).

Quando a argumentação passa pelas mãos do filósofo, ele a organiza de modo que fique distante do que era feito pelos seus antecessores. Ao se basear nos princípios da lógica, a argumentação de base aristotélica estabelece condições para argumentação, pois assim evitam-se desvirtuamentos que fazem com que debates, discussões, conversas e assembleias tornem-se "bate-boca estéril, falacioso ou sofismático" (GARCIA, 1969, p. 362). Os argumentos são raciocínios que têm como papel principal a persuasão acerca de determinada tese.

A Retórica de Aristóteles é dividida em três livros, cada qual com objetivos específicos. O primeiro faz referência ao enunciador e ao modo como ele constrói seu *ethos* na enunciação; o segundo livro é sobre o enunciatário e como se dá por ele a recepção dos argumentos em função do *páthos*; e o terceiro ocupa-se da mensagem, o *logos*, ou seja, de como são elaborados os argumentos (FIORIN, 2020, p. 19). Nota-se a preocupação do filósofo ao estabelecer um limite entre as partes que compõem a sua retórica, cada uma demarcada com suas funções e objetivos, mas que ao fim se direcionam à construção de uma argumentação precisa e estruturada. Nas palavras de Aristóteles (1991, I, 2, 1356a *apud* FIORIN, 2020, p. 19): "as provas inerentes ao discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador outras na disposição do auditório e outras, enfim, no próprio discurso, quando ele é demonstrativo ou parece ser".

Do grego *Rhetórike,* originário de rhéiseis (ação de falar), Retórica é a arte da Oratória, é o convencimento pelo discurso (FIORIN, 2020, p. 26). No surgimento dessa disciplina, o caráter discursivo já se fazia notar, entretanto sem que houvesse ampliação de

seus conceitos. Por isso se diz que as teorias do discurso herdaram a retórica dos gregos, ao enxergá-la sob uma ótica de questões teóricas modernas. O fator discursivo sempre foi inerente à retórica, o que faltava, de fato, era ganhar maior relevância, para assim aflorar.

Isso possibilitou que os estudos atuais pudessem observar e descrever como a argumentação se constrói, considerando o falante, o interlocutor, o contexto de produção etc. Era a observação do funcionamento real da argumentatividade, ou seja, o dialogismo que estava presente na argumentação.

O interesse pela argumentação fez com que o seu conceito flutuasse entre uma infinidade de definições, tornando difícil a delimitação desse fenômeno da linguagem. Charaudeau (2016) expõe a trajetória desse tipo de texto ao longo do tempo e confronta as diversas teorias acerca da argumentação e deixa evidente o caráter de complexa definição que essa atividade possui.

Segundo o autor, os gregos colocavam-na no centro da retórica, a arte do bem falar e persuadir. Ele traz como contribuição teórica, também, pareceres que conduzem a persuasão - finalidade argumentativa - ora no campo da psicologia, ora fora desse campo. Há que se salientar um momento considerado divisor de águas para a argumentação, quando uma certa tradição filosófica engessou-a em uma lógica formal, abrindo assim, futuramente, espaço para a intervenção dos linguistas que retomaram a retórica grega e começaram a moldar o que se tem hoje em dia em termos de conceito de argumentação.

A argumentação faz parte da relação dos seres humanos, portanto não cabia enquadrá-la nas previsibilidades de uma lógica formal, esta que, por sua vez, era puramente matemática, cartesiana, pois não levava em consideração o conhecimento de mundo e trabalhava coma rigidez do silogismo. Em contrapartida, a lógica informal era a lógica material, humana, que não desprezava os elementos de conhecimento de mundo. Nos primórdios, havia, inclusive, lugares propícios para a argumentação acontecer, entretanto as novas visões que surgiram, diante do avanço dos estudos, redefiniram esses espaços. Agora, a argumentação é vista ocorrendo em lugares novos e heterogêneos, ela é reconhecida no dia a dia.

A atividade argumentativa pode ser considerada como uma questão de sobrevivência em sociedade e importante para a formação e fortalecimento de relações. De acordo com Roland Barthes (1975), a retórica surgiu no ano de 485 a.C., quando, depois de atos democráticos, os tiranos da Scília, Gelon e Hieron foram derrubados. Os dois governantes expropriaram muitas terras para dá-las aos seus soldados. Com a queda do governo, os

soldados ficaram sem suas respectivas terras e tiveram que reivindicá-las, o que mobilizou os júris populares, que precisaram ser persuadidos acerca da legitimidade da reivindicação. A eloquência com que a questão foi defendida fez com que essa capacidade de convencer viesse a ser um objeto de ensino (FIORIN, 2020).

Abreu (2021), por outro lado, afirma que o surgimento da retórica, a arte do convencimento, deu-se em Atenas, aproximadamente em 427 a.C.; ela foi fruto da primeira experiência de democracia dos atenienses, quando estes conseguiram consolidar os princípios do legislador Sólon. Nesse contexto, era importante que os cidadãos conseguissem se expressar com habilidade e proficiência. "Para satisfazer essa necessidade, afluíram a Atenas, vindo sobretudo das colônias gregas da época, mestres itinerantes, que tinham competência para ensinar essa arte. Eles se autodenominavam SOFISTAS, sábios, aqueles que professam com sabedoria" (ABREU, 2021, p. 27).

Os dois dados históricos apresentados pelos teóricos citados, apesar de divergirem entre datas e os envolvidos no acontecimento que foi o surgimento da retórica, representam o que se espera em termos de argumentar: a argumentação é fundamental nas relações humanas; faz parte da desenvoltura das relações em sociedade.

Quase a todo tempo somos motivados a defender um posicionamento, a convencer alguém sobre algo, seja direta ou indiretamente. Diretamente podemos tomar como exemplo um debate, a produção de uma redação para ser aprovado num concurso, o filho menor de idade que tenta convencer os pais para que o deixem sair, por exemplo; indiretamente pode ser a confecção de um currículo para que se consiga um emprego, o comportamento durante uma entrevista de emprego, a roupa que se usa para chamar atenção etc. São todas formas de convencer o outro de que estamos em posse da verdade. Ainda que sejam feitas de modos diferentes as atividades citadas, o objetivo é o de persuadir.

Qualquer produção verbal pode ser elaborada de acordo com as intenções que o falante possui em relação ao seu interlocutor. Isso facilita a presença subjacente da sequência argumentativa nas demais sequências textuais, porque mesmo que não se argumente explicitamente, está-se argumentando, é o que se pode nomear de argumentatividade.

A fábula ilustra bem essa questão: é um gênero narrativo, a sequência é sumariamente narrativa, mas a moral da história e o decorrer da narrativa têm objetivos argumentativos, ainda ela que não seja estruturada nos moldes de um texto argumentativo. Em *A cigarra e a formiga*, de Esopo, é narrada a história da cigarra, que prefere cantar e tocar em vez de trabalhar, como fazem as formigas, para se precaverem do inverno que se aproxima. O

decorrer da narrativa argumenta, enquanto narra a história, a favor da importância de se trabalhar para ficar confortável no inverno e se concretiza com a moral da história e os dizeres da rainha formiga, que são marcados pela argumentação, com a presença, por exemplo, de um operador argumentativo condicional, como destacado no exemplo:

> A rainha das formigas falou então para a cigarra:
> - Se não mudar de vida, no inverno você há de se arrepender, cigarra! Vai passar fome e frio.
> A cigarra nem ligou, fez uma reverência para a rainha e comentou:
> - Hum!! O inverno ainda está longe, querida! Para a cigarra o que importava era aproveitar a vida, e aproveitar o hoje, sem pensar no amanhã. Para que construir um abrigo? Para que armazenar alimento? Pura perda de tempo.
> Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de Frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga. Abrindo a porta, a Formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio. Puxou-A para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e Deliciosa.
> Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:
> - No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser Ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.
> Para a cigarra e para as formigas, aquele foi o inverno mais Feliz das suas vidas (PORTAL EDUCAÇÃO, 2022).

Há que se atentar para dois sentidos - um mais abrangente e um mais restrito - para os quais a argumentação pode ser deslocada: um em que ela é tida como a representação de um ponto de vista, que tem como objetivo propor ou refutar uma tese, com intenções de convencer ou persuadir o interlocutor; e noutro em que ela figura como um dos modos de organização dos enunciados, se diferenciando, claro, da narração, da descrição, da injunção e da exposição.

Ducrot e Anscombre (1988) podem ser considerados os responsáveis pela modernização da Retórica. Inicialmente, na visão dos teóricos, a argumentação deve ser enxergada como o estudo das orientações semânticas dos enunciados e dos encadeamentos que as expressam, ou seja, é uma observação das estruturas frasais e de seus significados dentro de um determinado contexto (FIORIN, 2020).

Ducrot (1987), por sua vez, coloca a questão da Retórica e da argumentação no domínio pragmático-semântico (uso e sentido). Assim, por exemplo, quando se produz o seguinte enunciado: *Hoje vai fazer muito calor*, o significado reside na temperatura que irá subir e gerar calor. Mas esse enunciado pode ser proferido em várias situações de comunicação: por alguém que quer ir à praia; ou por uma mãe a um filho que se prepara para sair com roupas inapropriadas para o calor. São as condições de produção que irão ditar o significado das proposições.

Ducrot e Anscombre (1988) passaram a privilegiar a argumentação em seus estudos, o que eles pensam acerca da argumentação não tem relação alguma com a Retórica fomentada pela tradição milenar, cujo único objetivo era convencer um auditório. De acordo com os teóricos franceses citados por Fiorin (2020, p.16), “um locutor produz uma argumentação, quando ele apresenta um enunciado (ou um conjunto de enunciados) destinado a levar a admitir um outro (ou conjunto de outros)”. A maneira como Ducrot e Anscombre concebem a argumentação, postulando que cada enunciado se encaminha naturalmente para uma conclusão, faz com que a argumentação se torne um fato de língua e não de discurso; como algo que naturalmente emana, que já se coloque com uma condição de língua e de linguagem também.

Portanto, cabe à análise do texto considerar os aspectos estruturais, como a organização transfrástica e os modos reais de funcionamento do discurso. Tais análises não podem ser limitadas a um campo ou outro; elas devem emergir da consideração de ambos. Para isso, surge a necessidade de revisitar a tradição clássica, quando Aristóteles, seguindo outra longa tradição, faz uma divisão dos enunciados em necessários e preferíveis (FIORIN, 2020).

Os necessários são formados por premissas que encaminham para uma conclusão que depende exclusivamente das próprias premissas para que seja concluída, porque parte de verdades incontestáveis, como por exemplo:

Todos os nascidos nos Estados Unidos falam inglês

Will Smith nasceu nos Estados Unidos

Will Smith fala inglês.

Os preferíveis, por outro lado, não apresentam verdades absolutas, mas sim verdades discutíveis mediante o ponto de vista e as crenças que cada um carrega consigo acerca do mundo e de suas questões:

Toda mulher é insegura

Ana é mulher

Ana é insegura

Observa-se que a tradição não coloca seus esforços apenas na observação dos enunciados e dos elementos linguísticos que o compõem, pelo contrário, ao fazer tal distinção, Aristóteles entende que as implicações do contexto e do mundo refletem na construção e na interpretação dos enunciados.

As considerações até aqui colocadas levam a refletir se todo discurso é verdadeiramente argumentativo. Em uma primeira instância, é possível concluir que não, visto que a argumentação pressupõe debate de ideias divergentes e a necessidade de provar quem está em posse de verdade. Fiorin (2020) contrapõe que, se houver um embasamento nas ideias de Bakhtin, o dialogismo é considerado como o modo de funcionamento real de todo discurso. Isso quer dizer que todo discurso está costurado por outros discursos, não existe uma independência entre eles, pois estão intrinsecamente interligados. “Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes”. Logo, “dois enunciados, quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica” (BAKHTIN, 1992, p. 346 - 46 *apud* FIORIN, 2020, p. 28).

Tal natureza dialógica do discurso implica que, de acordo com Fiorin (2020), não existe a necessidade de distintos pontos de vista estarem declaradamente formulados em um enunciado. Em virtude da relação que esses discursos possuem de se refutarem, complementarem, irem de encontro a outros, etc. O autor afirma que “todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso” (2020, p. 29).

Assim, retomando os raciocínios preferíveis elaborados por Aristóteles, em sua retórica clássica, conclui-se que o exemplo supracitado, “todas as mulheres são inseguras/ Ana é mulher / Ana é insegura” está logicamente revestido por outros discursos que corroboram a construção do enunciado e também pelo fato de que ele não pode ser considerado uma verdade indiscutível. Ao dizer que “toda mulher é insegura” se está negando

os discursos que existem e que se opõem ao enunciado e que foram essenciais para essa construção discursiva.

Discursos que se contestam não precisam estar expostos para sabermos que existem pontos de vistas divergentes. A essência dialógica da linguagem por si só sustenta essas relações entre os discursos. Essa revisitação à tradição clássica salienta a presença da noção de dialogismo e de contextos de comunicação nos conceitos retóricos na Antiguidade clássica, ainda que à época não houvesse a ótica moderna dos estudos atuais. O que prova também, que, naturalmente, os discursos trazem em suas bagagens outros discursos, explicitando, dessa maneira, a alternância dos sujeitos falantes.

3.1 Algumas Considerações Teóricas sobre a Argumentação

Nesta subseção, intenciona-se abordar algumas noções teóricas sobre a argumentação. Começando por Koch e Elias (2016) que, sob a luz da Linguística textual, apresentam sua definição de texto e de argumentação, falam de argumentação e textualidade, apontam os conhecimentos linguísticos necessários para construir a argumentação e elencam estratégias para iniciar, desenvolver e concluir. Cabe adiantar que alguns desses pontos foram selecionados para utilização na análise dos livros didáticos, sendo assim escolhidos aqueles julgados como necessários.

As autoras, inicialmente, afirmam que o uso da linguagem na produção de textos "é essencialmente argumentativo", pois para elas os enunciados produzidos pelos falantes nas situações de comunicação são feitos com a intenção de agir sobre os seus interlocutores, produzindo assim orientações que conduzem a certas conclusões em detrimento de outras, (2016, p. 13).

Ao definir a argumentação, situam-na como inerente à existência humana, desde cedo o ser humano é levado a argumentar, seja em situações banais do dia a dia, como também em contextos de maior relevância ou seriedade. Complementa afirmando que "se o uso da linguagem se dá na forma de textos, e se os textos são constituídos por sujeitos em interação, seus quereres e saberes, então, *argumentar é humano*" (2016, p. 23).

As teóricas entendem também a argumentação como uma atividade complexa, e não deixa de expor que para ela realizá-la, no intuito de convencer o interlocutor acerca de uma postura defendida, é necessário construir argumentos que demandam "apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da

tese ou ponto de vista" (Koch e Elias, 2016. Nesse momento, inclusive, elas estabelecem diálogo com Charaudeau, quando utilizam como exemplo as condições de argumentação elaboradas pelo autor – que serão apresentadas mais a diante. Assim, as autoras constroem sua definição de argumentação, concluindo que

> é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial, e temporal de uma situação com finalidade persuasiva (KOCH e ELIAS, 2016, p. 24).

Escrever um texto argumentativo requer alguns cuidados, visto que argumentar constitui-se enquanto uma atividade complexa que demanda clareza de raciocínio, organização dos elementos linguísticos e das informações, para que assim o texto seja naturalmente encaminhado à conclusão e livre de contradições. Além das preocupações citadas, deve-se atentar aos explícitos e implícitos do texto, quem escreve o texto deve conhecer a quem se dirige, pois assim evitam-se informações desnecessárias, as que o leitor poderá ser paz de inferir a partir dos conhecimentos que possui. Ao entender o perfil do público a que se dirige, o locutor saberá que informações são uteis e quais afastariam o interesse do interlocutor em seu texto.

O produtor do texto deve ser capaz de estabelecer estratégias de sinalização textual, pois como a argumentação é composta de premissas o locutor precisa atentar-se à elaboração dessas premissas, que, quando bem relacionadas, encaminham o texto para a conclusão (KOCH e ELIAS, 2016, p. 31). As autoras complementam que uma boa conexão entre a conclusão e a premissa solicita a produção de inferências, e, novamente dialogam com Charaudeau, ao trazer para sua obra as palavras do autor, que diz que a argumentação é formada por três tipos de asserções, seriam elas: asserção de partida, um fato do qual surge uma consequência; asserção de chegada, que funciona como uma espécie de conclusão, que legitima a asserção de partida; e a asserção de passagem, que justifica a relação entre as asserções anteriores, aparece implícita e é como se fosse uma prova de que a asserção de partida e de chegada inferem uma conclusão (2008 apud KOCH e ELIAS, 2016, p. 31).

Garcia (1969) ao explicitar sobre argumentação, separa-a em formal e informal, e reflete "que a argumentação informal está presente em quase tudo quanto dizemos ou escrevemos por força das contingências do cotidiano. Quase toda conversa [...] é essencialmente argumentativa" (GARCIA, 1969, p. 365). Ao pensar em informalidade, tem-se como referência a espontaneidade, sendo assim, é possível inferir que a argumentação informal seja iniciada a partir de situações cotidianas de comunicação. Apesar de sua essência

informal, entende-se que ela precisa ser estruturada, criteriosa, baseada em fatos, evidências e razões, caso contrário pode tornar-se falaciosa ou especulativa. Garcia justifica que a recorrência maior desse estilo de argumentar se dá na língua falada, o que coaduna para sua denominação de informal, mas que essa arquitetura na elaboração dos constructos argumentativos serve muito bem também à língua escrita, nas situações em que a natureza do que é declarado implica o surgimento de ideias abstratas.

Existe uma linha bastante tênue entre a argumentação formal e informal. A formal compartilha estrutura e desenvolvimento semelhantes à informal, mas exige alguns cuidados em sua execução. Enquanto a informal surge da espontaneidade cotidiana, a formal necessita de uma proposição pensada e elaborada, ou seja, deve ser delimitada, clara, polêmica e discutível, para que assim seja viável a argumentação. No dizer de Garcia (1969, p. 370), "se argumentar é convencer pela evidência, pela apresentação de razões, seria inútil tentar convencer daquilo de que já estamos... convencidos". Além de ser passível a discussão, há que se pensar em um tema específico, que permita uma tomada de posição, pois uma proposta vaga pode findar-se em uma mera explanação ou dissertação de ideias. Fugindo, assim, aos objetivos pretendidos.

Abreu (2021, p. 97) afirma que "argumentar é, em primeiro plano, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impendem o consenso", ou seja, é uma atividade que se materializa perante a troca, fruto da relação dialógica entre os humanos. O autor também diz que argumentar é persuadir, e essa persuasão ocorre mediante a capacidade humana de enxergar o seu semelhante, entendendo assim suas ânsias, sonhos, emoções e necessidades. Sendo assim, quando se consegue persuadir o outro, ele também ganha com o que ganhamos.

Quando se questiona sobre o que é argumentar, é frequente ouvir que argumentar é convencer ou persuadir. Normalmente, essas palavras são empregadas com significados iguais, entretanto elas possuem uma diferença pontual. Convencer está relacionado à razão e persuadir liga-se à emoção. Assim, quando se pretender convencer, faz-se o uso de informações concretas, demonstrando-as, confrontando-as, utilizando- se de uma lógica para atingir racionalmente o outro, enquanto persuadir é tocar emocionalmente o outro, é fazê-lo agir após ser convencido, é fazer com que ele realize algo que é desejado.

Por exemplo, pode-se falar com um amigo que gasta muito dinheiro sobre a necessidade de gerenciar as suas finanças; ele pode, pois, ser convencido de que é importante

saber utilizar o dinheiro, mas não quer dizer que irá fazê-lo. Porém, quando resolve poupar e selecionar melhor os seus gastos, é possível dizer que foi persuadido. Argumentar é tentar atingir esses dois pontos, o do convencimento e o da persuasão; é “a arte de, gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das ideias e de, gerenciando relação, persuadi-lo no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça” (ABREU, 2021, p. 26).

Charaudeau (2016), em suas reflexões sobre argumentação, fala sobre a lógica e como ela se dá, mas também entende e coloca que a lógica não comporta sozinha tudo o que se refere à argumentação. Ele explica que a argumentação "não se limita a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos", (p. 203), isso porque nem todas as frases são abertamente argumentativas, a lógica não consegue abarcar as entrelinhas da argumentação. Tome-se como exemplo uma mãe que observa o filho que resolve sair para correr enquanto chove e pergunta se ele irá correr mesmo assim, debaixo de chuva. Ao questionar a decisão do filho de correr em tempo chuvoso, a mãe também quer argumentar que se ele correr na chuva pode ficar doente, pegar um resfriado, ficar todo molhado...

Desde uma simples comunicação do cotidiano, até trabalhos mais elaborados, como uma campanha publicitária, podem conter traços argumentativos, por exemplo, "os slogans publicitários, por menos argumentativos que sejam em sua aparência, devem sempre ser compreendidos em função do esquema argumentativo que define esse gênero de comunicação: "Acolher, escutar, aconselhar - BNP" interpreta-se: Se você vier ao BNP, **então** você será acolhido, ouvido, aconselhado; ora, é o que você mais deseja, **logo** você não pode deixar de vir ao BNP" (CHARAUDEAU, 2016, p. 204). É possível notar que o autor destacou todos os conectores que ligam os períodos, ao explicar a mensagem implícita no slogan da campanha. Como já é sabido, esses conectores são responsáveis por estabelecer uma relação de sentido entre as sentenças. Pensando nas intenções de um slogan publicitário, a mensagem deve ser objetiva e preferencialmente curta. Logo, a argumentação implícita é decisiva para a construção da mensagem, sem prejudicar o efeito comunicativo.

Assim entende-se o fato de que, em alguns casos, a lógica não consegue suprir alguns objetivos da argumentação, isso porque ela (a lógica) pode se apresentar um tanto quanto limitada. A intenção não é negar o papel da lógica para a construção do discurso argumentativo, o que se pretende é ampliar o conceito e o estudo da argumentação, levando em consideração que a comunicação nunca ocorre de maneira engessada, mas sempre em função dos desdobramentos das relações humanas, estas que, por sua vez, não são

rigorosamente estruturadas, pois são dotadas também de espontaneidade. A lógica formal, oriunda do contexto grego citado no início do texto, situava a argumentação em lugares específicos, como plenários, julgamentos e afins, quando essa visão é superada, a argumentação passa a ser enxergada no dia a dia como parte integrante da troca humana.

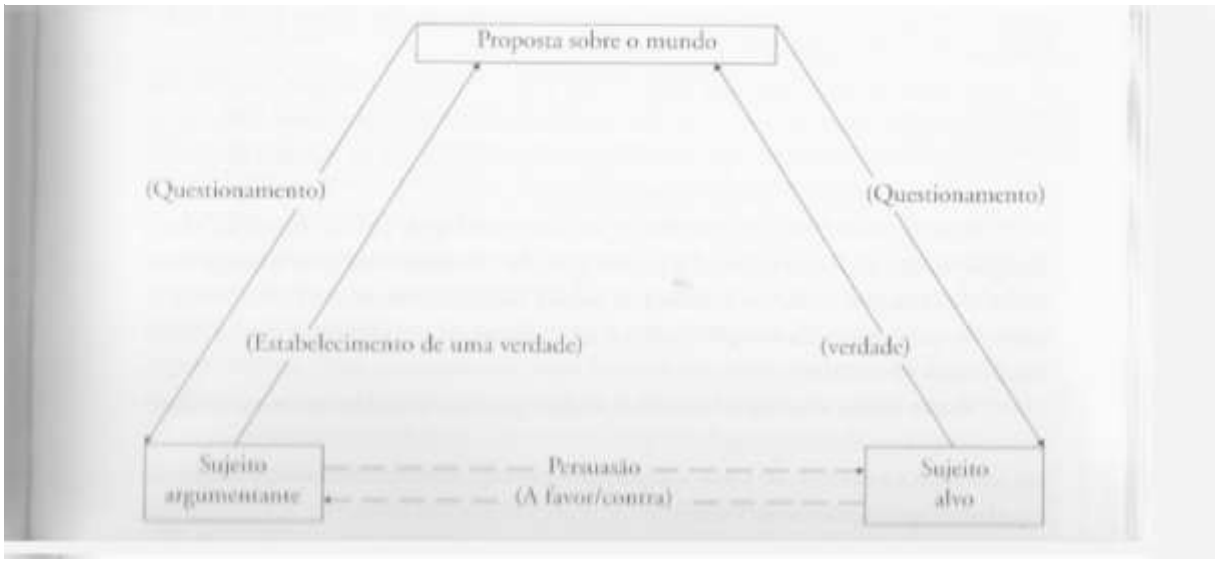
3.1.1 As Condições para a Argumentação

Para que a argumentação aconteça, são necessárias algumas condições básicas. Garcia (1969, p. 362) aponta que as condições de argumentação emergem como um meio de direcioná-la e organizá-la, de modo que ela seja estratégica, fundamentada e estruturada de maneiras funcionais, para o teórico “a legítima argumentação, tal como deve ser entendida, não se confunde com ‘bate-boca’ estéril ou carregado de animosidade. Ela deve ser, ao contrário, ‘construtiva na sua finalidade, cooperativa em espírito e socialmente útil’ [...]”.

Quando determinado assunto sobre o mundo gera desconforto, geralmente, o ser humano é levado a expor um ponto de vista sobre, e faz isso normalmente em uma situação de troca com o outro. A intenção ao defender seu ponto de vista é provar que está em posse de verdade, que tudo o que diz faz sentido, e assim persuadir o interlocutor.

Charaudeau (2016), ao explicar o mecanismo da argumentação, elenca condições básicas para que ela ocorra. O autor inicia pela proposta sobre o mundo, ou seja, uma questão de conhecimento universal que gere desconforto, em seguida, vem o sujeito argumentante, que é quem vai demonstrar a inquietude gerada pela proposta sobre o mundo. Assim, esse sujeito estará engajado na atitude de desenvolver um raciocínio que conduza à sua verdade sobre o ponto em questão. Entretanto, essa atividade não se dá solitariamente, ela acontece em um terreno de troca com um outro sujeito que também está ligado à mesma proposta, ele é o alvo da argumentação. O teórico (2016, p. 205) afirma que "trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação". Normalmente a postura desse sujeito alvo não será passiva, e isso configura a interação. Sua resposta pode ser tanto algo que reforce as ideias de quem argumenta quanto uma visão contrária, que irá levá-lo, assim como o sujeito que iniciou a argumentação, a provar que o seu raciocínio também apresenta sentido e conexão com a verdade. Para sintetizar essa dinâmica, o autor exemplifica-a com o auxílio de um quadro esquemático que demonstra a funcionalidade dessa relação.

Figura 1 - Relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e o sujeito-alvo



Fonte: Linguagem e discurso, 2016

Abreu (2021) expressa que para ocorrer a argumentação é preciso ter uma tese definida e uma linguagem comum com interlocutor. Ter uma tese definida demonstra que se sabe para qual problema ela será uma resposta, é uma forma de medir o quanto um questionamento é útil e relevante para o mundo. Quando se levanta um questionamento, é esperada uma proposta que seja carregada de certa polêmica, que engaje as pessoas a refletir e a discutir sobre. Tratar sobre assuntos consensuais ou sobre verdades universais não é interessante para a argumentação.

A adequação da linguagem é uma maneira de dialogar no mesmo grau de formalidade. Quem fala precisa conhecer o seu interlocutor, assim saberá como adequar a linguagem à situação, porque "temos de ter especial cuidado para não usarmos termos de informática, ou de engenharia, para quem não é da área de engenharia e assim por diante" (ABREU, 2021, p. 36).

Discutir ideias e posicionamentos é certamente algo sadio e imprescindível para as relações humanas, porém a maioria das pessoas não sabe ouvir, apenas quer falar e se expressar, dificilmente busca ouvir o outro com atenção e boa vontade. Estar atento às emoções e aos sentimentos do interlocutor, segundo Abreu, é exercitar a empatia, isso porque "páthos, em grego, além de enfermidade, significa sentimento. Em preposição, significa dentro De. Ouvir com empatia quer dizer, pois, ouvir dentro do sentimento do outro" (ABREU, 2021, p. 37). Preocupar-se com o estado de espírito de quem fala, perceber o tom

de voz, se ele se exalta ou mantém-se em equilíbrio à medida que a interação evolui faz parte da argumentação. Argumentar também é saber ouvir, é entender que, ao trocar e dividir ideias e pensamentos, para se chegar a um denominador comum, todos saem ganhando. Não é uma guerra com vitória individual, mas sim coletiva.

3.1.2 A Estrutura do Texto Argumentativo: Iniciar, Desenvolver e Concluir

O texto argumentativo pressupõe uma ordem para se materializar, quem escreve precisa ter consciência da necessidade de um projeto de texto, em síntese pode-se dizer que qualquer gênero textual de ordem argumentativa será organizado em início meio e fim. O que se modifica de um texto para o outro é o tema tratado, a linguagem, o público alvo e afins.

É sabido que linguagem é interação e que o seu uso é feito em função dos efeitos de sentido que o falante quer produzir e das relações que ele pretende estabelecer com o seu interlocutor (KOCH e ELIAS 2016, p. 13), logo, antes de se pensar em estrutura do texto argumentativo, deve-se considerar que para que a argumentação aconteça, ela demanda um cenário favorável, ou seja, é preciso que existam as condições de argumentação, e tais condições envolvem um contexto e sujeitos participantes da interação.

A estrutura da argumentação desenvolve-se sob três aspectos, que incluem: iniciar, desenvolver e concluir. É normal que, na escola, os alunos encontrem dificuldades para iniciar um texto, pois eles não estão prontos em suas cabeças de modo que tenham apenas que passá-los para o papel, pelo contrário, escrever é um exercício que demanda organização, planejamento, prática, conhecimento de língua, de texto e de mundo. Quando se trata de construir a argumentação, as dúvidas são igualmente, ou mais intensas, por se tratar de uma atividade que pode envolver complexidade e atenção ao que se propõe a escrever.

Ao iniciar a argumentação, quem escreve pode deter-se a algumas questões que irão auxiliar em seu projeto de texto, essas questões incluem, por exemplo: de que se trata o tema? Por que escrever sobre tal temática? Quem vai ler o que é escrito? Quais informações são relevantes e quais não são? Qual o gênero textual e como ele se estrutura? Essas perguntas ajudam a fundamentar e iniciar o texto, pois quando é sabido aonde se deseja chegar, fica menos difícil selecionar o que pode ou não contribuir positivamente. Outro ponto fundamental para argumentar é definir um ponto de vista, para isso é preciso meditar sobre o tema em discussão, ajustando assim as percepções que se tem dele. Definir um ponto de vista logo no início da argumentação facilita o trabalho, pois em razão da existência de vários

pontos de vista sobre um mesmo objeto, a escolha por determinado posicionamento é uma boa estratégia para iniciar um texto argumentativo (KOCH e ELIAS, 2016 p. 162). Além de facilitar a condução do texto, pode-se pensar também em quem lerá o texto: o quão interessante e motivador o posicionamento será para quem concorda ou não com ele? Pode ser que o interlocutor leia para discordar, para aprofundar o assunto ou até mesmo para forma uma opinião a respeito. Koch e Elias (2016) enumeram algumas estratégias para iniciar a argumentação, dentre as apresentadas, foram selecionadas as consideradas pertinentes a essa pesquisa, são elas: lançar perguntas, apresentar uma definição, estabelecer uma comparação e estabelecer uma relação entre textos.

Lançar perguntas pode ser uma estratégia para dialogar com o interlocutor, é uma forma de levá-lo imediatamente a refletir sobre as questões levantadas, e de também prepará-lo acerca das questões que serão respondidas no desenvolvimento do texto: *"*Que crédito você daria a uma meteorologista que errasse a maioria dos seus prognósticos? Não muito, imagino. Por que ainda damos créditos a economistas? Já ficou provado que eles são péssimos preditores de indicadores econômicos" (TEDOCK, 2006*).* Para que eles servem?

É comum observar textos argumentativos iniciados com a definição de algum termo presente no tema em discussão, isso é feito para familiarizar o leitor com termo de que o tema gira em torno: Define-se como sedentário o indivíduo que não pratica atividades físicas no seu cotidiano. Doenças como obesidade, diabetes, aumento do colesterol e problemas cardíacos são algumas das que podem aparecer como consequência deste mau hábito.

Estabelecer uma comparação é uma estratégia que consiste em apresentar semelhanças e diferenças para se chegar a uma conclusão. "Dependendo da intenção, podemos fazer uma comparação porque queremos salientar as semelhanças, os pontos comuns, as intersecções" (KOCH e ELIAS, 2016, p. 171)*:* Os Estados Unidos, referência em desenvolvimento tecnológico, são um bom exemplo de que a educação de qualidade e com a valorização adequada gera bons frutos. Em contrapartida, no Brasil a realidade tem sido bem distinta. O baixo piso salarial dos professores explicita essa falta de reconhecimento aos profissionais da educação. Tal desvalorização é fruto de baixos investimentos governamentais, aliado ao passado histórico brasileiro.

Intertextualidade consiste em trazer outro (s) para o texto produzido, de modo que seja estabelecida uma relação significativa entre eles. Koch e Elias (2016) pontuam que um texto sempre remete a outro texto, porque eles constituem o repertório cultural e a bagagem de quem escreve:

> A história recente do Egito pode ser vista como uma variação sombria da máxima expressa no romance "O Leopardo" de Giuseppe Tomasi de Lampedusa" Se queremos que tudo permaneça como está, é preciso que tudo mude". Nós últimos anos, tudo mudou no país árabe. Em alguns aspectos, entretanto, em vez de as coisas permanecerem como estavam, ficaram ainda piores (KOCH e ELIAS, 2016, p. 168).

Após o posicionamento tomado em relação ao tema em discussão, o próximo passo é provar porque a postura adotada é legítima, para isso serão desenvolvidos argumentos que a validem, e esses argumentos podem ser feitos estrategicamente, para isso, recorrendo a alguns modos de argumentar.

A primeira estratégia argumentativa consiste em fazer uma pergunta e apresentar uma resposta. O produtor pode elencar perguntas em tópicos, respondê-las e em seguida desenvolvê-las no seu texto. É uma estratégia que foca no tema, auxilia a delimitar o que pode ou não ser útil e a organizar o projeto de dizer. Ao se discutir, por exemplo, sobre o protesto dos professores da rede municipal do Rio de Janeiro, pode-se fazer a seguinte pergunta:

Por que os professores estão protestando?

- Desvalorização do magistério;
- Por melhores condições de trabalho;

As respostas para as razões do protesto precisam ser desenvolvidas, pois não é adequado que sejam topicalizadas no texto:

-A desvalorização do magistério é um motivo de protesto, porque os professores estão com o salário defasado em 20%, e os últimos aumentos salariais não cobriram a inflação, como determinado por lei.

-Melhores condições de trabalho são um motivo de protesto, porque as salas de aula estão superlotadas, muitas salas ainda não são climatizadas e apresentam estruturas precárias.

Na construção da argumentação, também pode-se recorrer às citações diretas e indiretas. Essa estratégia, além de enriquecer o texto, dá o suporte de um especialista da área, o que fortalece a argumentação:

-Para elaborar um texto argumentativo é preciso organização e planejamento, como afirmado por Meyer (2008, p. 63 apud KOCH e ELIAS, 2016, p. 183) “argumentar é, em primeiro lugar, encontrar uma ordem”.

- Ao argumentar, deve-se primordialmente estabelecer uma ordem para o que vai ser escrito.

Outra maneira de desenvolver a argumentação é recorrer à comparação, pois assim é possível “identificar pontos próximos ou distantes entre dois elementos e, com base nisso, manifestar, a nossa posição sobre o assunto” (KOCH e ELIAS, 2016):

> A desvalorização dos profissionais de educação e as más condições de trabalho não são exclusivos da rede municipal, pois, há menos de três meses, os professores da rede estadual de ensino também protestavam pela melhoria das mesmas questões. A educação, a qualquer nível de administração, possui tendência a repetir e não resolver antigos problemas (KOCH e ELIAS, 2016, p. 197).

Por último, outra estratégia argumentativa é a exemplificação, que pode ser considerada como didática e útil para defender um posicionamento (KOCH e ELIAS, 2016, p. 199):

"Atualmente estou com 46 alunos em uma das turmas para que leciono nos anos finais do ensino fundamental. Ainda com três alunos incluídos, laudados, que não possuem mediadores. A quantidade de alunos por turma não contribui para um trabalho com qualidade e os alunos incluídos sentem-se excluídos". Os dizeres foram colhidos de uma da professora, que não quis se identificar, por medo de represália, presente no protesto. Cada linha dita por ela legitima ainda mais os motivos pelos quais os professores vão às ruas. Estão todos cansados.

Muito se fala sobre como iniciar uma argumentação, mas é preciso também dedicar atenção à conclusão. Embora a conclusão, muitas vezes, dentro do texto, seja encaminhada naturalmente, existe, por um lado, estratégias que auxiliam na sua execução e que podem ser interessantes ao conteúdo do texto e aos olhos dos leitores. As estratégias de conclusão podem ser: elaborar uma síntese, finalizar com uma solução para um problema e finalizar com remissão a outros textos (KOCH e ELIAS, 2016, p. 208 - 09).

Elaborar uma síntese consiste em resumir nas primeiras linhas da conclusão o que foi discutido ao longo do texto, para assim concluí-lo. Nesse momento, pode surgir a necessidade de utilizar operadores argumentativos que vão somar argumentos para uma mesma conclusão ou indicar quais argumentos são mais fortes em determinadas escalas (KOCH e ELIAS, 2016, p. 208). Exemplo: Clichê. Meu dicionário Houaiss eletrônico define o termo como "frase frequentemente rebuscada que se banaliza por ser muito repetida; lugar-comum, chavão". A maioria das gramáticas escolares nos manda fugir de clichês como o diabo foge da cruz. Mas será que é isso mesmo? Receio que a questão seja mais complexa, e os clichês, muito mais interessantes do que sugerem dicionários e gramáticas. A melhor evidência disso vem dos programas de computador que tentam traduzir línguas naturais. Eles sempre foram muito ruins e continuam deixando a desejar, mas é forçoso reconhecer que melhoraram bastante nos últimos anos, depois que sucessivos fracassos levaram os programadores a mudar sua estratégia.

(...)

> E o fato de esses programas estatísticos funcionarem razoavelmente bem revela que o ser humano é muito mais previsível do que gostamos de supor. Até mesmo aquilo que dizemos, e que deveria ser o ponto inexpugnável da criatividade individual, é uma área densamente habitada por clichês e repetições (SCHWARTSMAN, 2015).

Finalizar o texto apresentando uma solução para o problema em discussão é uma estratégia que funciona muito bem em textos argumentativos. No exemplo a seguir, um artigo de opinião que discutia o racismo no futebol, apresenta uma solução para tal problemática: "Uma forma de acabar com tal infâmia seria o alto-falante anunciar, logo às primeiras macaquices, que, se aquilo continuar, o jogo será encerrado com a vitória do time do jogador humilhado. Mesmo que esteja 10 x 0 para o dos que humilham" (CASTRO, 2015).

Por último, um modo de concluir o texto argumentativo é recorrer a outros textos, por meio de citação direta ou indireta. Essa estratégia valoriza o texto e enriquece-o em termos de conteúdo. Sendo assim, útil ao leitor, de modo que pode ampliar seu leque de conhecimento e estimulá-lo a se aprofundar sobre tal tema:

Não estamos diante de uma mudança de paradigma científico, como diria Thomas Kuhn, mas da descoberta de mais complexidade num fenômeno que a imagem popular da genética acredita ser simples e unidirecional–genes fazem proteínas que determinam todas as características do organismo (EDITORIAL, 2015).

3.2 Os Articuladores Argumentativos

A atividade argumentativa é inerente à vida humana, é possível argumentar de modo implícito ou explícito, como já abordado ao longo desse texto. A defesa de um ponto de vista pode ser marcada pelo uso dos articuladores argumentativos, eles auxiliam no encadeamento das ideias do texto, evidenciam estratégias argumentativas e também cooperam com a coesão textual.

Esses elementos linguísticos apontam o sentido para que as ideias do textos estão se encaminhando, portanto, é necessário ter atenção ao emprego desses articuladores, porque seu uso equivocado, pode comprometer o sentido do que se pretende dizer. Esses articuladores podem marcar as ideias de: oposição, causa, condição, finalidade e conclusão (ABREU, 2000, p. 22 - 29).

A articulação de oposição desenvolve-se por meio de dois processos, sendo eles a coordenação adversativa e a subordinação concessiva (ABREU, 2000, p. 23). A coordenação

adversativa faz uso dos articuladores, **mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia:**

A festa surpresa da professora já estava pronta, **mas** ela não foi ao trabalho naquele dia.

Ao lugar do "mas" poderiam ser utilizados quaisquer dos outros operadores argumentativos citados:

A festa surpresa da professora já estava pronta, **entretanto** ela não foi ao trabalho naquele dia.

O processo de subordinação concessiva ocorre com o uso dos articuladores **embora, apesar de, ainda que, muito embora, conquanto, posto que, apesar de, a despeito de, não obstante:**

Embora fizesse sol, não foi à praia no feriado.

Abreu (2000, p. 24) chama a atenção para o fato de existirem duas possibilidades de oposição, uma regida pela coordenação e outra pela subordinação, e explica que a escolha de uma em detrimento de outra reside num motivo simplesmente ilocucional. O autor resolve a questão pontuando que a oposição por coordenação frustra o a expectativa do destinatário, por seguir um caminho contrário ao da oração anterior. A oposição por subordinação já prepara de antemão o destinatário para um desfecho contrário ao da sentença anterior, sem mesmo ter conhecimento da informação completa, ele entende que se encaminha para uma oposição:

Fizemos o possível para conseguir suas férias, **mas** você não poderá ter suas férias ainda neste ano, por motivo de força maior.

Embora tenhamos feito o possível para conseguir suas férias, você não poderá ter suas férias por motivo de força maior.

Face aos exemplos colocados, pode-se perceber

> que a articulação sintática de oposição utilizando a subordinação concessiva tem um efeito de modalização, uma vez que prepara, com antecipação, o destinatário, para uma conclusão contrária ao inicialmente esperado (ABREU, 200, p. 25).

A articulação sintática de causa conta com os articuladores **porque, pois, como, por isso, já que, visto que, uma vez que, em virtude de, por causa de, em consequência de, por motivo de, por razões de:**

Não comprei mais roupas **porque** precisava economizar para minha viagem à Espanha.

Nas orações causais, existe uma mobilidade entre as orações, ou seja, a oração subordinada pode preceder a oração principal:

Porque precisava economizar para minha viagem à Espanha, não comprei mais roupas.

Abreu (2000, p. 26) aponta que o articulador **como** só tem valor causal quando é feita essa inversão:

Como estava com pressa de regressar ao Brasil, não fui até Roma.

Os articuladores argumentativos que indicam uma condição são **se, contanto que, desde que, a menos que, a não ser que.** O **se** é o principal e "é o único que leva o verbo ao futuro do subjuntivo, quando a oração principal está no futuro do presente ou no presente do indicativo com valor de futuro" (ABREU, 2000, p. 27), enquanto os demais conduzem o verbo da oração que encabeçam ao presente do subjuntivo:

Se você viajar amanhã, terá dois dias a mais para aproveitar o local.

Se você viajar amanhã, tem mais dois dias para aproveitar o local.

Abreu (2000, p. 27) complementa que os articuladores '**a menos que'** e '**a não ser que'** introduzem uma ideia de negação à oração condicional, portanto podem ser utilizados em construções com esse sentido, suprimindo a necessidade do uso do **não**:

A menos que você preste atenção, vai errar a questão.

Os articuladores de fim são **para, a fim de, com o propósito de, com o objetivo de, com o intuito de.** O mais comum para expressar finalidade é o **para.** Os demais costumam figurar bastante em construções que apresentam um agente na oração principal:

Comprou mais mudas de plantas, **para** utilizar os vasos novos que ganhou.

A nova proprietária da casa comprou mais mudas de plantas, **com o intuito de** utilizar os vasos novos que ganhou.

Por fim, os articuladores de conclusão que se destacam são **logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, pois (colocado após o verbo), de modo que, em vista disso:**

A professora estava muito atrasada, **logo** esqueceu de passar na coordenação pela manhã.

A professora estava muito atrasada, **por isso** esqueceu de passar na coordenação pela manhã.

Como dito em linhas anteriores, os articuladores argumentativos possuem função de conectar sentenças de acordo com as ideias que se pretende imprimir e auxiliam na construção de um texto coeso e coerente. Entretanto, em alguns casos a presença desses articuladores pode ser dispensada, assim basta colocar os verbos da oração subordinada no gerúndio (ABREU, 2000, p. 28):

Viajando hoje, você terá mais dois dias para aproveitar o local. (condição)

Precisando economizar para a minha viagem à Espanha, não comprei mais roupas. (causa)

A nova proprietária da casa comprou mais mudas de plantas, objetivando utilizar os vasos novos que ganhou. (fim)

3.2.1 A Progressão Textual e Argumentação

Ao escrever um texto o autor deve preocupar-se com a maneira como esse texto irá evoluir, como será feita a inserção de novas informações e como informações já apresentadas serão retomadas. Quando se atenta a esses pontos específicos da construção do texto, quem escreve está intencionado em garantir uma progressão positiva do texto, de modo que a leitura seja prazerosa e objetiva aos olhos do leitor. "E tudo isso acontece porque, o autor, pensando no objetivo e no leitor de seu texto, elege um tema ou um assunto e o desenvolve, observando um equilíbrio variável entre duas exigências fundamentais: repetição (retroação) e progressão" (KOCH e ELIAS, 2016, p. 85).

Existem estratégias que auxiliam na progressão textual e na retomada de referentes, elas podem ser feitas de algumas maneiras: usando de expressões nominais, pronominalização, resumindo ou encapsulando porções de texto, elipse, numeral entre outras.

Usar expressões nominais consiste em retomar um referente por meio de outra expressão nominal:

Paul MacCartney fará uma série de shows no Brasil em dezembro. A última vez que **o ex-Beatle**s veio em turnê ao país foi em 2019. **O músico** se apresentou em 3 datas, duas em São Paulo e uma em Curitiba.

A pronominalização é retomar o referente por meio de um pronome:

Os ruídos continuaram noite afora, porém, agora, **eles** estavam mais intensos e pouco espaçados no tempo.

Encapsular ou resumir porções textuais é uma forma bastante comum, essas porções textuais viram um referente dando-lhes um rótulo (KOCH e ELIAS, 2016, p. 92):

A minha amiga Letícia detesta peixe. Odeia tanto que chega a sentir gosto de peixe em alimentos nada piscosos. Biscoitos de polvilho, por exemplo. É raro, mas acontece. Faz dez anos, desde que ela me contou dessa **alucinação gustativa** [...]

A elipse consiste em omitir um termo referente, evitando assim sua repetição, mas fazendo-o presente:

Nunca **fui** a paris no inverno, só **fui** na primavera!

Utilizar numerais para recuperar referentes pode ocorrer da seguinte maneira:

A professora de história foi a vice-campeã do concurso de educadores do ano da prefeitura. A **segunda** colocada disse estar grata aos alunos por ter chegando longe assim.

4 OS GÊNEROS ARGUMENTATIVOS E A PERSPECTIVA DO ENSINO

Espera-se que o ensino de língua portuguesa, na vida escolar de qualquer pessoa, seja pautado no uso da língua, ou seja, a apresentação de um contexto em que os gêneros textuais sejam o centro do processo. As aulas de língua materna são um momento para oportunizar aos alunos o contato com os mais variados textos, para que assim eles tenham a possibilidade de escrever, ler, interpretar e relacionar diversas construções textuais. Não existe comunicação que não seja feita por meio dos gêneros textuais, portanto, na escola, os falantes são preparados para saber lidar com a quantidade de gêneros existentes e ter capacidade utilizá-los nas situações de interação dentro e fora do ambiente escolar. Logo compreende-se que "a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas" (BRONCKART, 1999, p. 103 apud MARCUSCHI, 2008, p. 154).

No universo dessas possibilidades de gêneros textuais, estão, também, os gêneros textuais argumentativos. Não faltam exemplos úteis para o trabalho na sala de aula, pode-se citar a carta argumentativa, o artigo de opinião, a resenha crítica, o textos dissertativo-argumentativo entre outros, que podem funcionar como um terreno fértil para o exercício da análise e da produção textual.

Diante das discussões teóricas apresentadas, buscar-se-á analisar como que os livros selecionados dialogam com elas. Todos os pontos até aqui apresentados, na perspectiva dessa pesquisa, são considerados importantes para o ensino dos gêneros textuais argumentativos na sala de aula.

Sendo assim, espera-se que o ensino contemple algumas questões básicas que envolvem o projeto de um texto argumentativo. Essas questões incluem o trabalho em que o gênero esteja no centro do processo de ensino-aprendizagem, para que assim ele seja explorado em suas macro e micro estruturas, em diálogo com a LT ao considerar os elementos internos e externos aos textos que corroboram a construção de sentido. É interessante que os alunos sejam conduzidos a perceber que argumentar é inerente ao ser humano, que se argumenta quase que a todo tempo das mais variadas formas e nas mais variadas situações, sejam elas mais ou menos banais. Por isso é cabível pensar em propostas didáticas que induzam os alunos a refletir acerca de temáticas relevantes socialmente, que dialoguem com suas realidades, além de poder experimentar vivências reais em que estarão argumentando, seja oralmente ou por escrito.

Mais do que produzir textos, os alunos precisam explorar textos, para que tenham exemplos dos diversos gêneros e ampliem sua bagagem de conhecimentos. Ao explorar esses textos eles podem refletir sobre as condições de produção dos textos, observar estrutura dos gêneros textuais, reconhecer a relação entre as ideias, observar o uso dos articuladores argumentativos e a progressão textual, por exemplo. Além também de terem contato com outros pontos de vista, estando abertos a discussões em grupo, considerando o posicionamento alheio e exercitando a democracia nessa troca.

Ao abordar a argumentação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998, p. 40) dizem que o trabalho na sala de aula deve fornecer "a possibilidade de [o aluno] poder expressar-se autenticamente sobre questões efetivas", dessa maneira os temas polêmicos serão bem recebidos, ou seja tornam-se relevantes as questões sobre o mundo que tratem de temas que afetem a sociedade. O documento coloca também que a argumentação é uma capacidade importante para se exercitar a cidadania, e que trabalho feito com ela pode ser "por meio da análise de formas de convencimento empregadas nos textos, da percepção da orientação argumentativa, da identificação dos preconceitos que possam veicular no tratamento das questões sociais" (p. 41).

A Base nacional comum curricular (BNCC) é o documento mais recente que sugere abordagens para ensino de língua portuguesa, o documento elenca sete competências gerais que "consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento" e entre essas competências está a argumentação:

> 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (p. 9).

Ao colocar a argumentação como uma de suas competências gerais, a Base dá voz aos alunos, ou seja, existe uma preocupação em prepará-los para o exercício da cidadania, e para tanto eles precisam de espaço para falar, questionar e refletir, sabendo que serão ouvidos e considerados. Em vista disso, o ensino de língua materna nos anos finais entende que os alunos estão vivenciando outro momento escolar, com mais maturidade e com bagagem oriunda dos anos iniciais do ensino fundamental.

Portanto, "aprofunda-se, nessa etapa, o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública. No primeiro campo, os gêneros jornalísticos-informativos e opinativos - e os publicitários são privilegiados [...]" (BRASIL, 2017, p. 136). Os campos citados ganham destaque porque são

constituídos por uma quantidade de gêneros do discurso argumentativos com vistas à persuasão, tais como artigos de opinião, resenhas críticas, reportagem, crônicas, propaganda, comerciais de tv etc.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

O estudo tem como objetivo geral investigar a abordagem da argumentação na coletânea de livros didáticos *Português Linguagens* dos anos finais do ensino fundamental. Logo, classifica-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, porque visa a expor o levantamento e a análise de dados extraídos de uma coleção didática específica, dentre outras possíveis.

As filiações teóricas selecionadas para a pesquisa estão de acordo com o que será feito em termos de análise e com a concepção de mundo particular que se tem acerca do ensino de Língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental. Portanto, pode-se dizer que a compreensão do objeto é descritivista, pois, primeiramente, será feita a descrição detalhada de cada volume da coletânea, incluindo as reflexões dos autores sobre como idealizaram a coletânea, a estrutura dos livros e o modo como os gêneros argumentativos são abordados em cada um dos livros.

Quanto à natureza, esta dissertação se enquadra como pesquisa teórica, ou seja, para discussão e análise serão aprofundados os conceitos de estudiosos da área de Linguística Textual, para a partir dela traçar diálogos com outros teóricos e outras teorias. A pesquisa bibliográfica trouxe livros e artigos publicados pelos autores que são referência para a linha de pesquisa deste trabalho, como Koch, Marcuschi, Garcia, Charaudeau etc.

Ao propor analisar os livros didáticos, tendo como alicerce os pressupostos teóricos escolhidos, é possível definir como descritiva a análise de dados, uma vez que serão demonstradas, detalhadamente, o tratamento didático que cada livro confere aos gêneros argumentativos, levando em consideração: a quantidade de páginas e de capítulos; uma visão geral dos assuntos trabalhados; os gêneros textuais que permeiam os livros; os temas que norteiam os textos para leitura e escrita; e a exploração dos textos, considerando a interpretação do conteúdo e da estrutura do gênero textual.

Verificar-se-á de que maneira a coletânea dialoga com os conceitos teóricos que norteiam essa pesquisa, sendo assim serão observados: se os gêneros do discurso estão no centro do processo de ensino, como propõe a Linguística Textual; se os livros correspondem ao documento oficial a que se filiam; se há alguma explanação teórica acerca da

argumentação; se são trabalhadas a estrutura do texto argumentativo juntamente às estratégias textuais que podem estar em cada uma de suas partes; se há o papel dos articuladores argumentativos na construção do texto; e, por fim, se existe uma preocupação em abordar a progressão textual.

6 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

6.1. Sobre a Coletânea de Livros

A coletânea de livros -*Português Linguagens*- submetida à análise desta pesquisa, que compreende livros do 6º ao 9º ano dos anos finais do ensino fundamental, é de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Eles integram o período de 2017, 2018 e 2019, determinados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O programa é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativo se conveniadas com o Poder Público (BRASIL, 2018).

Sobre os autores, William Roberto Cereja possui graduação em Linguística e Português pela Universidade de São Paulo (1979), mestrado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). O autor tem experiência na área de Linguística e Teoria Literária, com ênfase em Linguística e Literatura, o seu foco de atuação é o ensino de Língua Portuguesa, análise do discurso, ensino de literatura, língua, enunciação, gramática, texto e Backthin (ESCAVADOR, 2023). As informações encontradas de Thereza Cochar foram coletadas no site da Livraria da Travessa (2023), assim foi possível saber que a autora é professora graduada em Português e Francês e licenciada pela Faculdade de Ciências e Letras, mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista e professora da rede pública municipal de ensino em Araraquara, SP.

Ao tomar conhecimento da formação acadêmica dos autores, consegue-se visualizar, superficialmente, o que se pode esperar de seus livros em termos de metodologia e abordagem do ensino. Tudo isso, junto à análise prévia do material, permite afirmar que o ensino de língua materna apresenta-se contextualizado, ou seja, os gêneros textuais são o centro do processo. Cereja e Cochar (2014, p. 3) apresentam "a proposta de um trabalho consistente de leitura, com uma seleção criteriosa de novos textos - que vão dos clássicos da literatura

universal aos autores da literatura contemporânea brasileira", firmando assim um compromisso "com a formação de leitores competentes de todos os tipos de textos e gêneros em circulação social”.

Os autores sinalizam que não possuem interesse em fugir à gramática normativa, que consideram como essencial a um mínimo exercício de metalinguagem ao tratar de assuntos da esfera morfológica como verbos, substantivos, pronomes etc. Dessa forma "alarga o horizonte dos estudos da linguagem, apoiando-se nos recentes avanços da linguística e da análise do discurso" (CEREJA E COCHAR, 2014, p. 3).

Como aditivos à contextualização do ensino de língua portuguesa, Cereja e Cochar apresentam seus pressupostos teóricos e metodológicos que incluem alguns pontos interessantes destacados a seguir, como a formação do leitor, a produção de textos e diversidade textual e a aprendizagem em espiral.

Há uma preocupação com a formação do leitor, pois são apresentadas ações que sejam colaborativas no sentido de despertar no aluno o interesse pela leitura. A produção de textos é outro ponto imprescindível, pois além do trabalho de incentivo à leitura, outro desafio seria formar alunos com capacidade e segurança para escrever em língua materna variados gêneros textuais. Os autores também pontuam a diversidade textual e a aprendizagem em espiral, ou seja, os conteúdos estarão sempre inacabados na visão deles. Sendo assim, a diversidade de gêneros apresentadas sempre será retomada e ampliada, em virtude do ano, da idade e do grau de maturidade os alunos, considerando suas habilidades linguísticas e áreas de interesse.

Para Cereja e Cochar, o tradicional ensino de redação, baseado em uma concepção "beletrista", com o foco em narração, descrição e dissertação é disfuncional, pois considera que narrar e descrever sejam mais fáceis e, portanto, adequados à determinada faixa etária ou ano. Para eles, o efeito espiral citado, irá ditar o grau de ampliação e de aprofundamento dos assuntos, sem a necessidade de interrompê-los em certo momento ou ano, garantindo desse jeito o contato com diversos gêneros, sempre buscando adequação (2014, p. 8).

Com base no que foi apresentado acerca das posturas dos autores e de suas inclinações teóricas, junto aos pressupostos dessa pesquisa, realizar-se-á a análise dos livros didáticos nas seções que seguem.

6.1.1 A Estrutura dos Livros

Todos os volumes estão organizados em quatro unidades cada um e os

> temas que organizam cada uma das unidades são variados e levam em conta tanto as recomendações dos Parâmetros curriculares nacionais quanto os temas transversais, a faixa etária e o grau de interesse dos alunos" (CEREJA e COCHAR, 2015, p. 296).

As quatro unidades estão separada em três capítulos, dois desses três capítulos são abertos com textos verbais e estão organizados nas seguintes seções: *Estudo do texto, Produção de texto, Para escrever com adequação/coerência/coesão/expressividade, A língua em foco e De olho na escrita.* Tais seções são definidas uma a uma pelos autores destacando a importância e a justificativa para estarem no livro.

O estudo do texto apresenta uma variedade textual, pois o texto é compreendido enquanto uma unidade significativa, fazendo uso da linguagem verbal, não verbal ou transversal. De acordo com os autores, os textos selecionados são aqueles que circulam nas distintas esferas sociais, como o ficcional, poético, autobiográfico, publicitário, divulgação científica, entrevista e afins. A escolha dos textos considera não somente a relação com os temas de cada unidade, como também a faixa etária e o grau de dificuldade por eles apresentados (CEREJA e COCHAR, 2015, p. 298).

A Produção de texto é dividida em dois momentos, uma na qual é desenvolvido o conteúdo do ponto de vista teórico "partindo da observação de um texto representativo de determinado gênero, consideram-se suas especificidades quanto ao tema, ao modo composicional (estrutura) e ao estilo (os usos da língua)" (CEREJA e COCHAR, 2015, p. 300). A outra parte designa-se Agora é a sua vez, na qual os alunos terão oportunidade de produzir um texto, aplicando os aspectos teóricos desenvolvidos. Ainda nessa seção, há outras duas subseções que orientam o planejamento do texto "retomando elementos essenciais do gênero que devem ser observados [...]" e a revisão e a reescrita "que orienta o aluno a fazer a revisão de seu próprio texto a partir de critérios fundamentais que caracterizam o gênero e a situação de produção" (CEREJA e COCHAR, 2015, p. 201).

Na seção *Para escrever com adequação/coerência/coesão/expressividade* são tratados os assuntos que se ligam à textualidade e ao discurso, como: adequação da linguagem, discurso citado, coerência, coesão, conectividade etc.

Em *A língua em foco*, Cochar e Cereja (2015, p. 302) definem o tratamento da gramática no livro, colocando que

> a proposta de ensino de língua desta obra procura alterar o enfoque tradicional dado à gramática, voltado quase exclusivamente à classificação gramatical [...] Não se trata de eliminar esse tipo de conteúdo, mas de redimensioná-lo e incluir no curso de língua portuguesa uma série de outras atividades que levam à aquisição de noções da maior importância, tais como: enunciado, texto e discurso,

> intencionalidade discursiva, o papel da situação de produção na construção do sentido dos enunciados, preconceito linguístico [...].

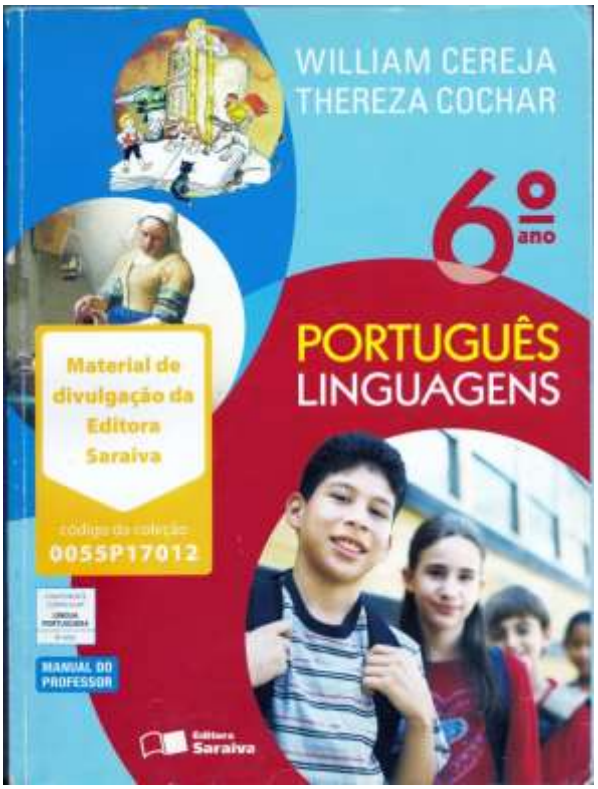
Por último, em *De olho na escrita*

> os problemas notacionais da língua - ortografia e acentuação, por exemplo- recebem uma atenção especial, com trabalho contínuo e sistematizado. Em dois ou mais capítulos de cada unidade didática, o aluno desenvolve, pelo método indutivo, uma atividade relacionada ao assunto, inferindo regras a partir das ocorrências e pondo-as em prática (CEREJA e COCHAR, 2015, p. 305).

6.1.2 Português - Linguagens - 6º Ano

O livro didático correspondente ao 6° ano do ensino fundamental possui o total de 320 páginas, nas quais são desenvolvidas as quatro unidades que abrigam os conteúdos abordados.

Figura 2 - Português - Linguagens - 6º ano



Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Em um panorama geral, os assuntos que aparecem no material são: variação linguística e seu uso na construção textual, os textos e os gêneros do discurso, intencionalidade discursiva na construção do texto, assuntos gramaticais como as classes de palavras, por exemplo, (substantivo, adjetivo, numeral). Há, de fato, uma diversidade textual,

são encontrados os gêneros: conto maravilhoso, história em quadrinhos, carta pessoal, diário, artigo de opinião, entre outros. A seleção temática dos textos dialoga com a faixa etária, pois apresenta textos acompanhados de ludicidade, algo que funciona bem ao público a que se destina o livro.

O que se encontra em termos de gênero argumentativo está na unidade 3, no capítulo 1, no qual é abordado o artigo de opinião.

Figura 3 - Sumário

SUMÁRIO

Acesse aqui o Manual do Professor Multimídia

UNIDADE 1
No mundo da fantasia

CAPÍTULO 1 Era uma vez

As três penas, Jacob Grimm 12
Estudo do texto 14
Compreensão e interpretação 14
A linguagem do texto 16
Cruzando linguagens 17
Trocando ideias 19
Produção de texto 19
O conto maravilhoso 19
A língua em foco 22
Linguagem: ação e interação 22
Linguagem verbal e linguagem não verbal 23
Os interlocutores 23
A língua 24
A linguagem e os códigos 25
O código linguístico na construção do texto 27
Semântica e discurso 28
De olho na escrita 29
Fonema e letra 29
Divirta-se 31

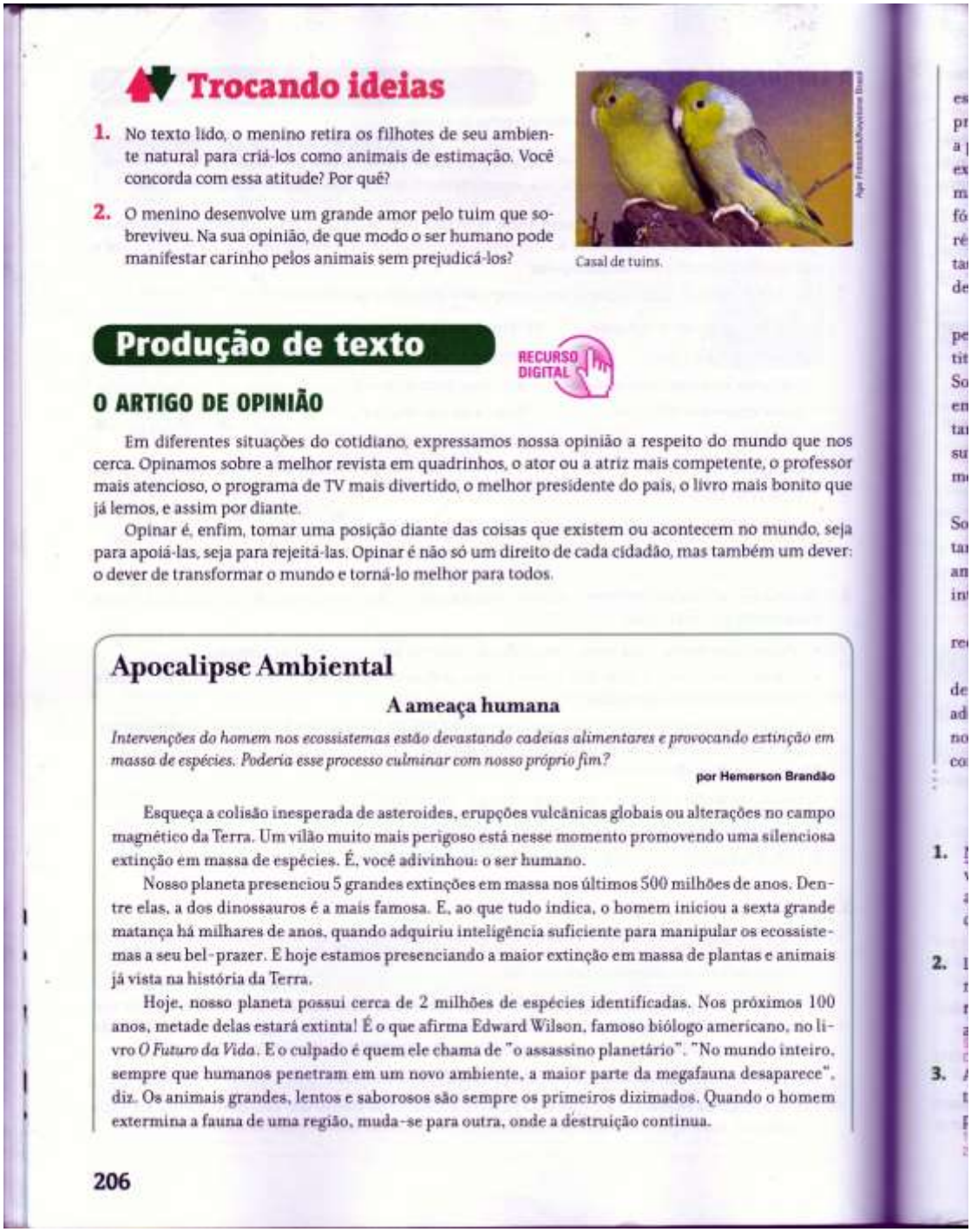
CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá

O patinho bonito, Marcelo Coelho 32
Estudo do texto 34
Compreensão e interpretação 34
A linguagem do texto 35
Leitura expressiva do texto 36
Trocando ideias 36
Ler é um prazer 37
Produção de texto 38
A língua em foco 39
As variedades linguísticas 39
Norma-padrão e variedades de prestígio 40
Variação linguística e preconceito social 41
Falar bem é falar adequadamente 41
Tipos de variação linguística 42
As variedades linguísticas na construção do texto 47
Semântica e discurso 49
Divirta-se 50

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Na página 206, na seção de Produção textual, antes de ser apresentado o texto, há uma breve definição do gênero textual em questão, que inicialmente fala acerca de opinar e sobre como essa atividade é inerente ao comportamento humano.

Figura 4 - Produção de texto



Trocando ideias

1. No texto lido, o menino retira os filhotes de seu ambiente natural para criá-los como animais de estimação. Você concorda com essa atitude? Por quê?
2. O menino desenvolve um grande amor pelo tuim que sobreviveu. Na sua opinião, de que modo o ser humano pode manifestar carinho pelos animais sem prejudicá-los?

Casal de tuins.

Produção de texto

RECURSO DIGITAL

O ARTIGO DE OPINIÃO

Em diferentes situações do cotidiano, expressamos nossa opinião a respeito do mundo que nos cerca. Opinamos sobre a melhor revista em quadrinhos, o ator ou a atriz mais competente, o professor mais atencioso, o programa de TV mais divertido, o melhor presidente do país, o livro mais bonito que já lemos, e assim por diante.

Opinar é, enfim, tomar uma posição diante das coisas que existem ou acontecem no mundo, seja para apoiá-las, seja para rejeitá-las. Opinar é não só um direito de cada cidadão, mas também um dever: o dever de transformar o mundo e torná-lo melhor para todos.

Apocalipse Ambiental

A ameaça humana

Intervenções do homem nos ecossistemas estão devastando cadeias alimentares e provocando extinção em massa de espécies. Poderia esse processo culminar com nosso próprio fim?

por Hemerson Brandão

Esqueça a colisão inesperada de asteroides, erupções vulcânicas globais ou alterações no campo magnético da Terra. Um vilão muito mais perigoso está nesse momento promovendo uma silenciosa extinção em massa de espécies. É, você adivinhou: o ser humano.

Nosso planeta presenciou 5 grandes extinções em massa nos últimos 500 milhões de anos. Dentre elas, a dos dinossauros é a mais famosa. E, ao que tudo indica, o homem iniciou a sexta grande matança há milhares de anos, quando adquiriu inteligência suficiente para manipular os ecossistemas a seu bel-prazer. E hoje estamos presenciando a maior extinção em massa de plantas e animais já vista na história da Terra.

Hoje, nosso planeta possui cerca de 2 milhões de espécies identificadas. Nos próximos 100 anos, metade delas estará extinta! É o que afirma Edward Wilson, famoso biólogo americano, no livro *O Futuro da Vida*. E o culpado é quem ele chama de "o assassino planetário". "No mundo inteiro, sempre que humanos penetram em um novo ambiente, a maior parte da megafauna desaparece", diz. Os animais grandes, lentos e saborosos são sempre os primeiros dizimados. Quando o homem extermina a fauna de uma região, muda-se para outra, onde a destruição continua.

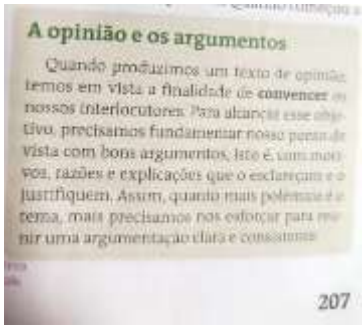
206

Fonte: Cereja e Cochar, 2015

O texto utilizado é intitulado de *Apocalipse ambiental*, e em seguida é explorado por meio de dez questões nas páginas 207 e 208, nas quais, a primeira e a terceira perguntas, indutivamente, conduzem o aluno a observar e analisar o texto em termos de estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Há um recuo na cor bege, no canto inferior direito da página, que fala sobre opinião e argumentos da seguinte maneira:

Figura 5 - Produção de texto



A opinião e os argumentos

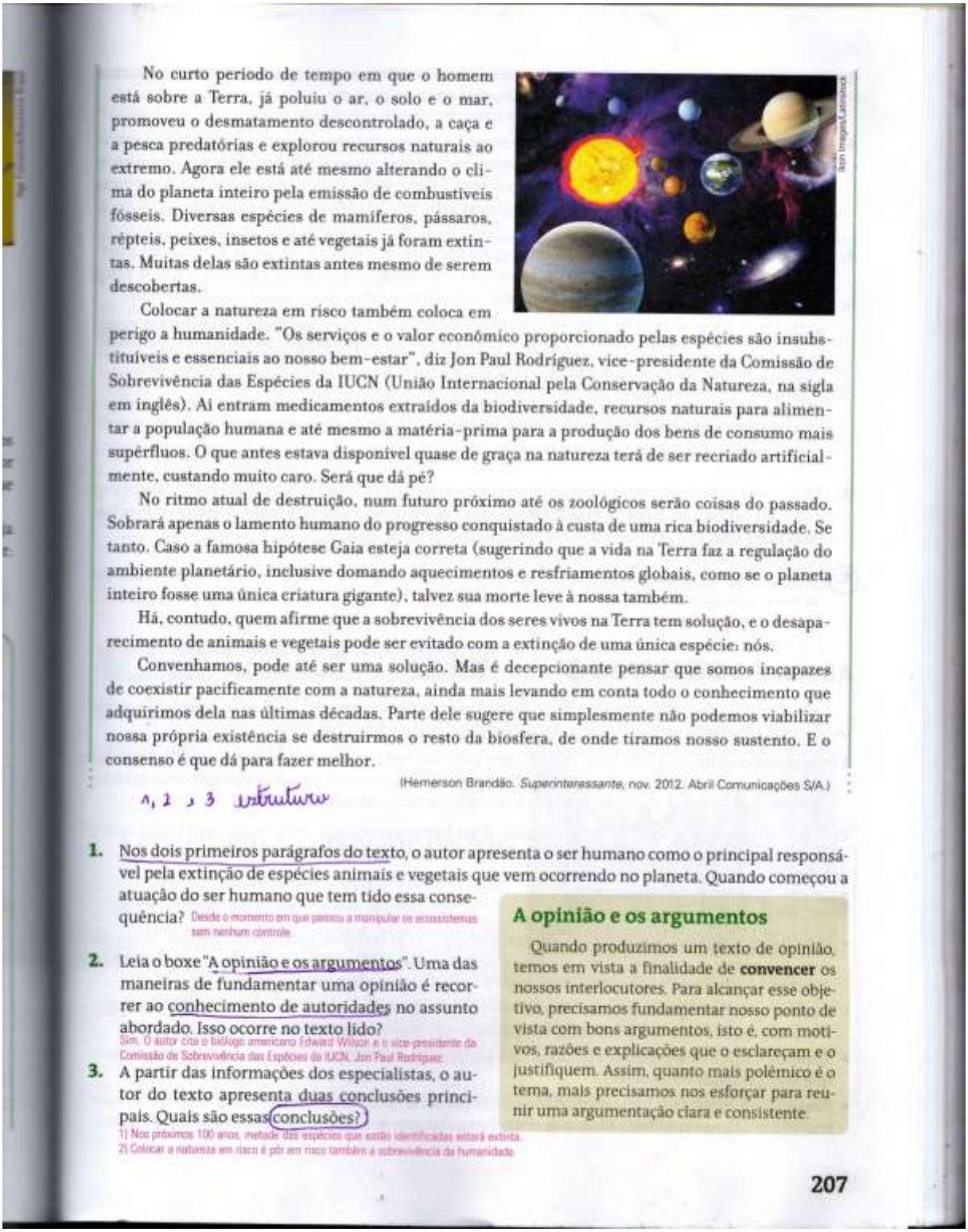
Quando produzimos um texto de opinião, temos em vista a finalidade de **convencer** os nossos interlocutores. Para alcançar esse objetivo, precisamos fundamentar nosso ponto de vista com bons argumentos, isto é, com motivos, razões e explicações que o esclareçam e o justifiquem. Assim, quanto mais polêmica e intensa, mais precisamos nos esforçar para manter uma argumentação clara e consistente.

207

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

A questão de número 2 do questionário dialoga com o que está definido no quadro acima em termos opinião e argumentos. Ela pede que seja identificado no texto um argumento de autoridade, mas é usada a nomenclatura "conhecimento de autoridade". As demais questões exploram o texto e o seu conteúdo, contextos de produção e linguagem. A décima questão promove uma discussão em grupo, para que os alunos analisem o que aprenderam em termos de função e estrutura do artigo de opinião. A escolha do gênero parece partir do princípio de que a palavra “opinião” é familiar aos alunos do ano em questão, porque, primeiramente, há uma preocupação em definir o que é opinião e como ela se relaciona com a realidade, para depois aproximá-la da argumentação.

Figura 6 - Questões 1 a 3



No curto período de tempo em que o homem está sobre a Terra, já poluiu o ar, o solo e o mar, promoveu o desmatamento descontrolado, a caça e a pesca predatórias e explorou recursos naturais ao extremo. Agora ele está até mesmo alterando o clima do planeta inteiro pela emissão de combustíveis fósseis. Diversas espécies de mamíferos, pássaros, répteis, peixes, insetos e até vegetais já foram extintas. Muitas delas são extintas antes mesmo de serem descobertas.

Colocar a natureza em risco também coloca em perigo a humanidade. "Os serviços e o valor econômico proporcionado pelas espécies são insubstituíveis e essenciais ao nosso bem-estar", diz Jon Paul Rodríguez, vice-presidente da Comissão de Sobrevivência das Espécies da IUCN (União Internacional pela Conservação da Natureza, na sigla em inglês). Aí entram medicamentos extraídos da biodiversidade, recursos naturais para alimentar a população humana e até mesmo a matéria-prima para a produção dos bens de consumo mais supérfluos. O que antes estava disponível quase de graça na natureza terá de ser recriado artificialmente, custando muito caro. Será que dá pé?

No ritmo atual de destruição, num futuro próximo até os zoológicos serão coisas do passado. Sobrará apenas o lamento humano do progresso conquistado à custa de uma rica biodiversidade. Se tanto. Caso a famosa hipótese Gaia esteja correta (sugerindo que a vida na Terra faz a regulação do ambiente planetário, inclusive domando aquecimentos e resfriamentos globais, como se o planeta inteiro fosse uma única criatura gigante), talvez sua morte leve à nossa também.

Há, contudo, quem afirme que a sobrevivência dos seres vivos na Terra tem solução, e o desaparecimento de animais e vegetais pode ser evitado com a extinção de uma única espécie: nós.

Convenhamos, pode até ser uma solução. Mas é decepcionante pensar que somos incapazes de coexistir pacificamente com a natureza, ainda mais levando em conta todo o conhecimento que adquirimos dela nas últimas décadas. Parte dele sugere que simplesmente não podemos viabilizar nossa própria existência se destruirmos o resto da biosfera, de onde tiramos nosso sustento. E o consenso é que dá para fazer melhor.

(Hemerson Brandão. *Superinteressante*, nov. 2012. Abril Comunicações S/A.)

1, 2 e 3 estrutura

1. Nos dois primeiros parágrafos do texto, o autor apresenta o ser humano como o principal responsável pela extinção de espécies animais e vegetais que vem ocorrendo no planeta. Quando começou a atuação do ser humano que tem tido essa consequência? Desde o momento em que passou a manipular os ecossistemas sem nenhum controle.

2. Leia o boxe "A opinião e os argumentos". Uma das maneiras de fundamentar uma opinião é recorrer ao conhecimento de autoridades no assunto abordado. Isso ocorre no texto lido?
Sim. O autor cita o biólogo americano Edward Wilson e o vice-presidente da Comissão de Sobrevivência das Espécies da IUCN, Jon Paul Rodríguez.

3. A partir das informações dos especialistas, o autor do texto apresenta duas conclusões principais. Quais são essas conclusões?
1) Nos próximos 100 anos, metade das espécies que estão identificadas estará extinta.
2) Colocar a natureza em risco é pôr em risco também a sobrevivência da humanidade.

A opinião e os argumentos

Quando produzimos um texto de opinião, temos em vista a finalidade de **convencer** os nossos interlocutores. Para alcançar esse objetivo, precisamos fundamentar nosso ponto de vista com bons argumentos, isto é, com motivos, razões e explicações que o esclareçam e o justifiquem. Assim, quanto mais polêmico é o tema, mais precisamos nos esforçar para reunir uma argumentação clara e consistente.

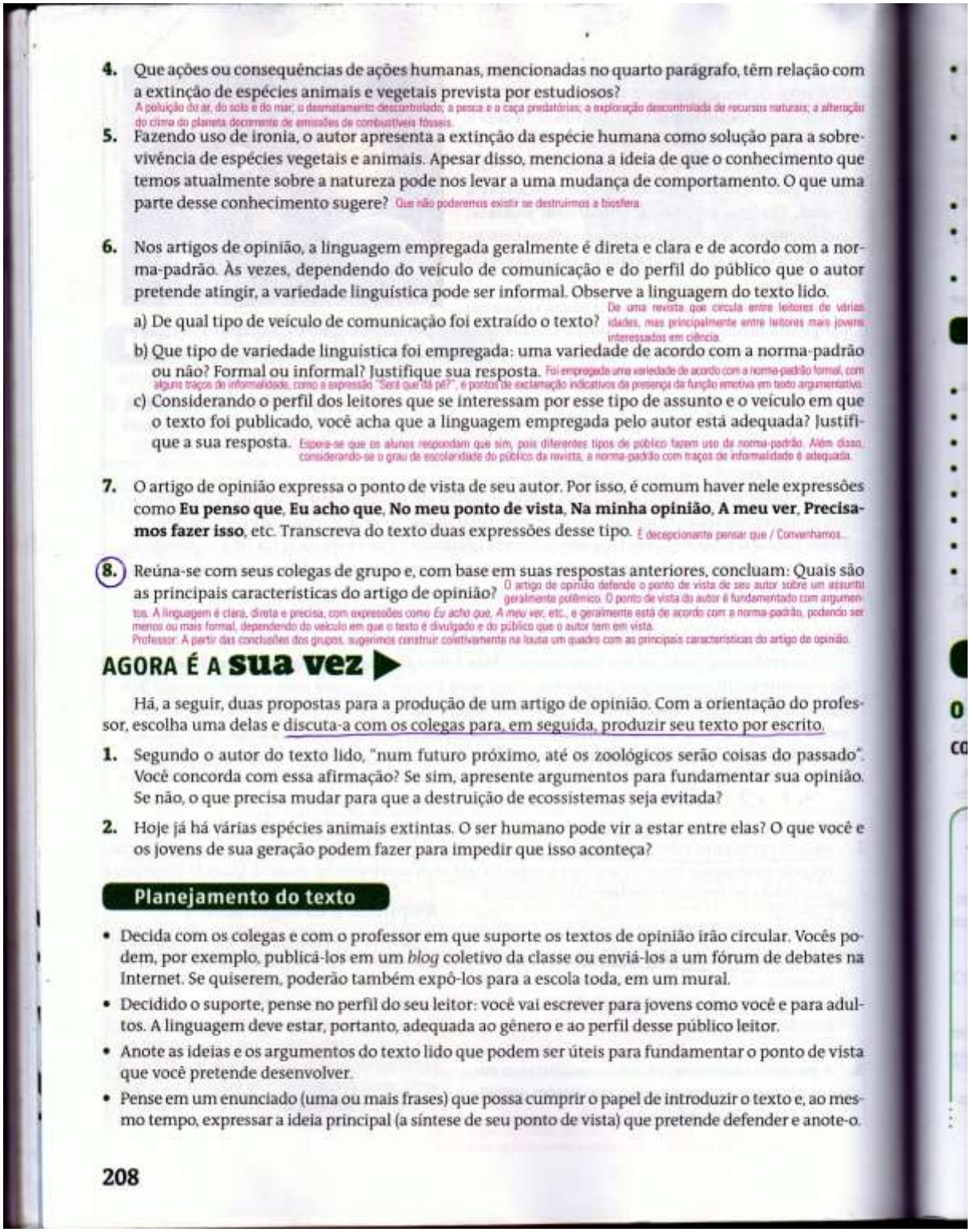
207

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Na subseção Agora é a sua vez é feita a proposta de produção de um artigo de opinião, na qual são sugeridos dois temas para serem escolhidos, mas, primeiramente, discutidos em

grupo, para depois serem escritos de acordo com o gênero abordado. Há orientações para o planejamento do texto, que incluem anotar ideias e argumentos úteis para elaborar um ponto de vista, definir enunciados para a introdução, pensar em argumentos para desenvolver a argumentação e refletir também sobre a melhor forma de concluir o texto. Tal momento relaciona-se com o que foi dito por Elias e Koch (2016, p. 162) a respeito de planejar a escrita antes de iniciar o texto argumentativo.

Figura 7 - Produção de texto



4. Que ações ou consequências de ações humanas, mencionadas no quarto parágrafo, têm relação com a extinção de espécies animais e vegetais prevista por estudiosos?
A poluição do ar, do solo e do mar; o desmatamento descontrolado; a pesca e a caça predatórias; a exploração descontrolada de recursos naturais; a alteração do clima do planeta decorrente de emissões de combustíveis fósseis.

5. Fazendo uso de ironia, o autor apresenta a extinção da espécie humana como solução para a sobrevivência de espécies vegetais e animais. Apesar disso, menciona a ideia de que o conhecimento que temos atualmente sobre a natureza pode nos levar a uma mudança de comportamento. O que uma parte desse conhecimento sugere? Que não poderemos existir se destruirmos a biosfera.

6. Nos artigos de opinião, a linguagem empregada geralmente é direta e clara e de acordo com a norma-padrão. Às vezes, dependendo do veículo de comunicação e do perfil do público que o autor pretende atingir, a variedade linguística pode ser informal. Observe a linguagem do texto lido.

a) De qual tipo de veículo de comunicação foi extraído o texto? De uma revista que circula entre leitores de várias idades, mas principalmente entre leitores mais jovens interessados em ciência.

b) Que tipo de variedade linguística foi empregada: uma variedade de acordo com a norma-padrão ou não? Formal ou informal? Justifique sua resposta. Foi empregada uma variedade de acordo com a norma-padrão formal, com alguns traços de informalidade, como a expressão "Será que dá pé?", e pontos de exclamação indicativos da presença da função emotiva em texto argumentativo.

c) Considerando o perfil dos leitores que se interessam por esse tipo de assunto e o veículo em que o texto foi publicado, você acha que a linguagem empregada pelo autor está adequada? Justifique a sua resposta. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois diferentes tipos de público fazem uso da norma-padrão. Além disso, considerando-se o grau de escolaridade do público da revista, a norma-padrão com traços de informalidade é adequada.

7. O artigo de opinião expressa o ponto de vista de seu autor. Por isso, é comum haver nele expressões como **Eu penso que**, **Eu acho que**, **No meu ponto de vista**, **Na minha opinião**, **A meu ver**, **Precisamos fazer isso**, etc. Transcreva do texto duas expressões desse tipo. É decepcionante pensar que / Convenhamos...

8. Reúna-se com seus colegas de grupo e, com base em suas respostas anteriores, concluam: Quais são as principais características do artigo de opinião? O artigo de opinião defende o ponto de vista de seu autor sobre um assunto geralmente polêmico. O ponto de vista do autor é fundamentado com argumentos. A linguagem é clara, direta e precisa, com expressões como *Eu acho que*, *A meu ver*, etc., e geralmente está de acordo com a norma-padrão, podendo ser menos ou mais formal, dependendo do veículo em que o texto é divulgado e do público que o autor tem em vista.
Professor: A partir das conclusões dos grupos, sugerimos construir coletivamente na lousa um quadro com as principais características do artigo de opinião.

AGORA É A sua vez ▶

Há, a seguir, duas propostas para a produção de um artigo de opinião. Com a orientação do professor, escolha uma delas e discuta-a com os colegas para, em seguida, produzir seu texto por escrito.

1. Segundo o autor do texto lido, "num futuro próximo, até os zoológicos serão coisas do passado". Você concorda com essa afirmação? Se sim, apresente argumentos para fundamentar sua opinião. Se não, o que precisa mudar para que a destruição de ecossistemas seja evitada?

2. Hoje já há várias espécies animais extintas. O ser humano pode vir a estar entre elas? O que você e os jovens de sua geração podem fazer para impedir que isso aconteça?

Planejamento do texto

- Decida com os colegas e com o professor em que suporte os textos de opinião irão circular. Vocês podem, por exemplo, publicá-los em um *blog* coletivo da classe ou enviá-los a um fórum de debates na Internet. Se quiserem, poderão também expô-los para a escola toda, em um mural.
- Decidido o suporte, pense no perfil do seu leitor: você vai escrever para jovens como você e para adultos. A linguagem deve estar, portanto, adequada ao gênero e ao perfil desse público leitor.
- Anote as ideias e os argumentos do texto lido que podem ser úteis para fundamentar o ponto de vista que você pretende desenvolver.
- Pense em um enunciado (uma ou mais frases) que possa cumprir o papel de introduzir o texto e, ao mesmo tempo, expressar a ideia principal (a síntese de seu ponto de vista) que pretende defender e anote-o.

208

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Há dois pontos para se destacar aqui: a leitura e a produção escrita voltadas para temáticas ambientais dialogam com a realidade, pois os temas selecionados classificam-se

como importantes para serem discutidos; a discussão em grupo anterior à escrita auxilia no exercício da democracia, pois dessa forma os alunos ouvem e respeitam as opiniões de outros colegas, como também constroem suas próprias opiniões por meio dessa interação.

O fato de o livro ser destinado ao 6º ano corrobora o modo como o gênero argumentativo e a argumentação são apresentados, porque as informações disponíveis, sem muito aprofundamento, são úteis aos alunos dessa faixa etária, pois assim é possível começar a construir o que se pode presumir em termos de escrever um texto argumentativo. Como os próprios autores indicaram, a coletânea e o trabalho com o ensino de língua e de produção textual funciona como espiral, ou seja, espera-se que os conteúdos sejam revistados sempre que necessário pelo aluno e pelo professor ao longo dos anos finais do ensino fundamental, assim o assunto não se dá como acabado no momento em questão, mas sim deve permanecer em constância.

Após a descrição dos conteúdos destacados do livro do 6º ano, é preciso confrontá-los com os pressupostos que são o escopo da pesquisa, e a partir disso foi possível observar certo cuidado no que diz respeito à produção textual, pois há preocupação com o planejamento do texto e de sua estrutura e com a interação que promove o exercício da democracia entre os alunos bem como previsto nos PCN.

Foi observada, no entanto, a ausência dos articuladores argumentativos e da sequência textual. Entende-se que se trata de um livro voltado ao 6º ano, período no qual os alunos ainda estão amadurecendo linguisticamente, porém ao tratar de um texto argumentativo, seria interessante que, mesmo de forma incipiente, fosse mencionado o primordial e necessário na construção da argumentação.

Outro ponto a se observar é a falta de distinção entre o que pode ser considerado opinião e o que vem a ser um tipo de discurso que fere qualquer pessoa ou grupo sob aspectos religiosos, étnicos, de raça, orientação sexual etc. Principalmente por conta de um momento em que as redes sociais figuram como a extensão da vida dos adolescentes, e das pessoas de um modo geral, sendo assim espaços nos quais qualquer pessoa pode se expressar e opinar sobre os diferentes assuntos. Quando é apresentado o artigo de opinião, iniciado com a definição de opinar, seria interessante que fosse abordada sutilmente a diferenciação entre opinião e discursos intolerantes à diversidade cultural, para depois ser aprofundado no 9º ano, no momento em que o gênero surge novamente, por exemplo.

Compreende-se que o respeito e a promoção aos direitos humanos são pontuados, como visto em seções teóricas anteriores, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e o livro atende aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que possuem em seus temas transversais a diversidade e a pluralidade cultural, mas sem abordar especificamente, como na base, a valorização dos direitos humanos. Porém, os livros analisados correspondem a momentos nos quais já se abordavam o respeito e a promoção aos direitos humanos, logo percebe-se aqui, portanto, uma necessidade de atualização nesse sentido.

6.1.3 Português - Linguagens - 7º Ano

O próximo livro analisado é referente ao 7º ano, ele está dividido em quatro unidades e possui 304 páginas. Nessas páginas ganham destaque os assuntos gramaticais, como tempos verbais e advérbio, e é dado início à morfossintaxe. Os gêneros textuais presentes são cordel, poesia, entrevista oral, entrevista escrita etc. O que se relaciona com o objeto de pesquisa deste trabalho está localizado no capítulo 2 da unidade 3, intitulada de "Eu e os outros".

Figura 8 - Português - Linguagens - 7º ano

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 9 - Sumário

UNIDADE 3
Eu e os outros

CAPÍTULO 1 Revelação

Bruxas não existem, Moacyr Scliar 138
Estudo do texto 139
Compreensão e interpretação 139
A linguagem do texto 140
Trocando ideias 141
Cruzando linguagens 141
Ler é reflexão 143
Produção de texto 144
O texto de campanha comunitária 144
Para escrever com coesão 148
Os pronomes e a coesão textual 148
A língua em foco 150
A preposição 150
Combinação e contração 151
Os valores semânticos das preposições 153
A preposição na construção do texto 155
Semântica e discurso 157
Divirta-se 159

CAPÍTULO 2 A alegria do outro

Foto, Gerald Waller 160
Produção de texto 162
Argumentação oral: a discussão em grupo 162
O que é uma discussão em grupo? 162
A língua em foco 165
Transitividade verbal, objeto direto e objeto indireto 165
A transitividade verbal na construção do texto 170
Semântica e discurso 171
De olho na escrita: há ou **a?** 172
Divirta-se 174

CAPÍTULO 3 A covardia do *cyberbullying*

ódio.com, Juliano Barreto 175
Estudo do texto 178
Compreensão e interpretação 178
A linguagem do texto 179
Trocando ideias 179
Produção de texto 179
O debate deliberativo 179

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Nesta unidade a proposta de trabalho consiste em possibilitar reflexões acerca do convívio em sociedade e do respeito às diferenças entre os seres humanos, a contextualização é feita com textos direcionados para esse tema. No plano de curso específico para a unidade, os autores destacam, entre tantos, como objetivos específicos:

> debater temas propostos pelos textos e desenvolver habilidades de expressão e argumentação orais; conhecer os princípios que regem alguns gêneros orais, como a discussão em grupo e o debate

> deliberativo; desenvolver habilidades de argumentação oral a partir da discussão em grupo e do debate deliberativo (CEREJA e COCHAR, 2015, p. 293).

Dando seguimento à proposta temática da unidade, que é a relação com o outro e o respeito à diversidade, nas páginas 162 e 163 é abordada a *Argumentação oral - a discussão em grupo*. Primeiramente, é definida a função da linguagem oral e demonstrado como ela se faz presente na vida humana. Em seguida, ressalta-se que, no volume em questão e nos próximos, haverá uma atenção maior aos gêneros orais públicos. A discussão em grupo é definida como "um gênero argumentativo oral, produzido coletivamente" e funciona como um meio de os participantes de uma equipe expressarem seus pontos de vista sobre um assunto de caráter polêmico (CEREJA e COCHAR, 2015, p. 162).

Figura 10 - Produção de texto

Produção de texto

ARGUMENTAÇÃO ORAL: A DISCUSSÃO EM GRUPO

Utilizamos a linguagem oral em várias circunstâncias de nossa vida: em casa, na escola, no trabalho, em conversas com os amigos, em festas e encontros. Em algumas dessas situações, o uso da língua oral é mais espontâneo e não segue normas ou procedimentos preestabelecidos. Já em outras situações, pode haver regras e fatores que orientam a produção do texto oral, tais como o momento adequado de falar, o tempo de que cada pessoa dispõe para usar a palavra, o direito de expor ideias ou de rebater as ideias do outro, e assim por diante.

Neste volume e nos próximos, você desenvolverá muitas atividades relacionadas com a produção de textos orais. Estudará principalmente os **gêneros orais públicos**, isto é, aqueles que empregamos normalmente em nossa vida, dentro ou fora da escola, como o seminário, a entrevista, o debate regrado, o debate deliberativo e a discussão em grupo.

O que é uma discussão em grupo?

A discussão em grupo é um gênero argumentativo oral, produzido coletivamente sempre que há a necessidade de os participantes de uma equipe expressarem seu ponto de vista sobre um assunto, geralmente polêmico. Ela pode ocorrer em diferentes situações sociais: na escola, no trabalho, em reuniões da comunidade, etc.

Geralmente ela é feita com certos objetivos, como levar os participantes a analisar uma situação, levantar dados e pontos de vista para depois apresentar uma opinião, preparar-se para redigir um documento ou participar de um debate, etc. Por essa razão, é comum a discussão em grupo dar origem à produção de outros gêneros textuais, sejam orais, sejam escritos.

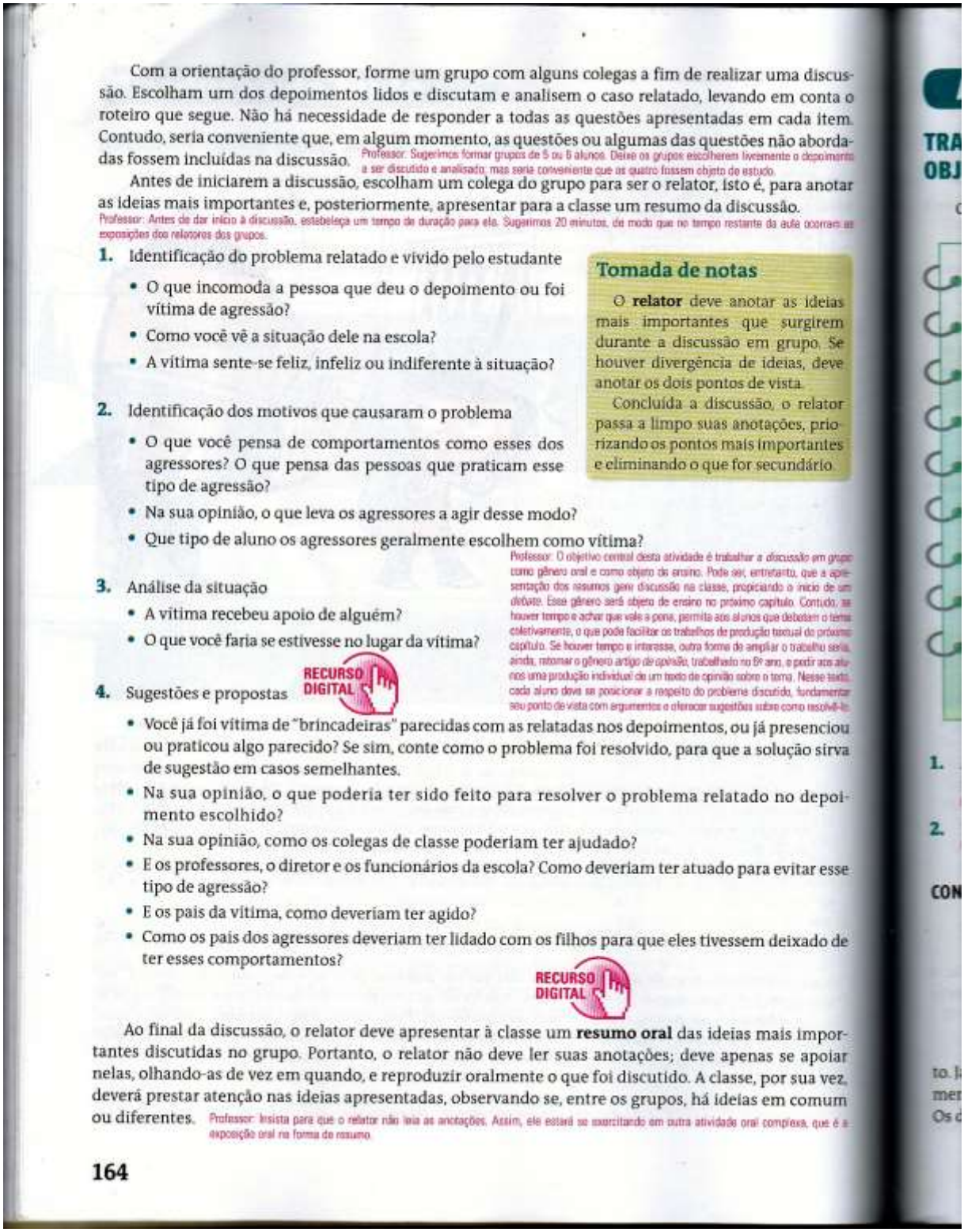
Regras para a discussão em grupo

Não há regras rígidas para a realização da discussão em grupo. Como nesse gênero não há a figura oficial de um mediador (pessoa que organiza as discussões), deve vigorar na discussão o princípio do **respeito ao outro**, o que significa estabelecer condições de igualdade entre os participantes. Assim, devemos respeitar a vez de falar do outro e suas ideias, mesmo que diferentes das nossas. O tempo da discussão varia e é estipulado pelos integrantes do grupo.

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

A fim de por em prática o que foi comentado acerca do gênero textual em questão, é sugerido que os professores organizem a turma em grupos para que possam realizar uma discussão sobre bullying a partir de alguns depoimentos que foram coletados como textos motivadores. Para tanto os alunos deverão seguir um passo a passo que inclui a identificação do problema e dos motivos que causaram esses problemas, seguidos de uma análise da situação.

Figura 11 - Produção de Texto



Com a orientação do professor, forme um grupo com alguns colegas a fim de realizar uma discussão. Escolham um dos depoimentos lidos e discutam e analisem o caso relatado, levando em conta o roteiro que segue. Não há necessidade de responder a todas as questões apresentadas em cada item. Contudo, seria conveniente que, em algum momento, as questões ou algumas das questões não abordadas fossem incluídas na discussão. Professor: Sugerimos formar grupos de 5 ou 6 alunos. Deixe os grupos escolherem livremente o depoimento a ser discutido e analisado; mas seria conveniente que os quatro fossem objeto de estudo.

Antes de iniciarem a discussão, escolham um colega do grupo para ser o relator, isto é, para anotar as ideias mais importantes e, posteriormente, apresentar para a classe um resumo da discussão.
Professor: Antes de dar início à discussão, estabeleça um tempo de duração para ela. Sugerimos 20 minutos, de modo que no tempo restante da aula ocorram as exposições dos relatores dos grupos.

1. Identificação do problema relatado e vivido pelo estudante
   - O que incomoda a pessoa que deu o depoimento ou foi vítima de agressão?
   - Como você vê a situação dele na escola?
   - A vítima sente-se feliz, infeliz ou indiferente à situação?
2. Identificação dos motivos que causaram o problema
   - O que você pensa de comportamentos como esses dos agressores? O que pensa das pessoas que praticam esse tipo de agressão?
   - Na sua opinião, o que leva os agressores a agir desse modo?
   - Que tipo de aluno os agressores geralmente escolhem como vítima?
3. Análise da situação
   - A vítima recebeu apoio de alguém?
   - O que você faria se estivesse no lugar da vítima?
4. Sugestões e propostas
   - Você já foi vítima de "brincadeiras" parecidas com as relatadas nos depoimentos, ou já presenciou ou praticou algo parecido? Se sim, conte como o problema foi resolvido, para que a solução sirva de sugestão em casos semelhantes.
   - Na sua opinião, o que poderia ter sido feito para resolver o problema relatado no depoimento escolhido?
   - Na sua opinião, como os colegas de classe poderiam ter ajudado?
   - E os professores, o diretor e os funcionários da escola? Como deveriam ter atuado para evitar esse tipo de agressão?
   - E os pais da vítima, como deveriam ter agido?
   - Como os pais dos agressores deveriam ter lidado com os filhos para que eles tivessem deixado de ter esses comportamentos?

Professor: O objetivo central desta atividade é trabalhar a discussão em grupo como gênero oral e como objeto de ensino. Pode ser, entretanto, que a apresentação dos resumos gere discussão na classe, propiciando o início de um debate. Esse gênero será objeto de ensino no próximo capítulo. Contudo, se houver tempo e achar que vale a pena, permita aos alunos que debatam o tema coletivamente, o que pode facilitar os trabalhos de produção textual do próximo capítulo. Se houver tempo e interesse, outra forma de ampliar o trabalho seria, ainda, retomar o gênero *artigo de opinião*, trabalhado no 8º ano, e pedir aos alunos uma produção individual de um texto de opinião sobre o tema. Nesse texto, cada aluno deve se posicionar a respeito do problema discutido, fundamentar seu ponto de vista com argumentos e oferecer sugestões sobre como resolvê-lo.

RECURSO DIGITAL

RECURSO DIGITAL

Tomada de notas

O **relator** deve anotar as ideias mais importantes que surgirem durante a discussão em grupo. Se houver divergência de ideias, deve anotar os dois pontos de vista.

Concluída a discussão, o relator passa a limpo suas anotações, priorizando os pontos mais importantes e eliminando o que for secundário.

Ao final da discussão, o relator deve apresentar à classe um **resumo oral** das ideias mais importantes discutidas no grupo. Portanto, o relator não deve ler suas anotações; deve apenas se apoiar nelas, olhando-as de vez em quando, e reproduzir oralmente o que foi discutido. A classe, por sua vez, deverá prestar atenção nas ideias apresentadas, observando se, entre os grupos, há ideias em comum ou diferentes. Professor: Insista para que o relator não leia as anotações. Assim, ele estará se exercitando em outra atividade oral complexa, que é a exposição oral na forma de resumo.

164

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Considerando a proposta apresentada, é inevitável que os alunos, a fim de obterem sucesso na tarefa que lhes foi designada, precisem argumentar com seus colegas para defender

os pontos de vista levantados pelo assunto. Entretanto, não se fala em argumentação, ela não é relembrada, o que pode vir a gerar dúvidas sobre como executá-la satisfatoriamente na proposta didática, visto que ela é importante para o desenvolvimento da atividade. Entende-se que os autores apresentam os conteúdos teóricos de forma indutiva e que a revisitação aos conteúdos anteriores é um modo de se trabalhar com os livros, mas é importante considerar o grupo de alunos, refletir sobre como foi o contato anterior deles com os gêneros argumentativos e se fizeram uso em seus estudos do Português Linguagens do 6º ano.

No capítulo 3 (p. 179), é apresentado o Debate deliberativo, por meio de um texto que elenca suas principias características, funções e contextos de circulação. Em seguida, é feita uma proposta textual, na qual os alunos irão se organizar para debater sobre Cyberbullying, um tema que pode ser considerado relevante e que faz parte da realidade dos alunos, logo a reflexão e o debate sobre tornam-se pertinentes. Para tanto, eles deverão escolher alguém como o moderador que irá organizar o debate. Há um quadro na página 180, que enumera pontos com os quais os alunos precisam se preocupar para terem um bom desempenho na atividade. Observou-se que o um dos pontos sugere a apresentação de bons argumentos, que deverão ser organizados mentalmente, para serem apresentados oralmente. Cada etapa do debate deliberativo é detalhada para que os alunos possam executá-la, há orientações para iniciar, desenvolver e concluir. Dessa forma, ao mesmo tempo em que fazem a atividade, podem analisá-la e assim perceberem suas características principais para execução.

Figura 12- Produção de texto

A LINGUAGEM DO TEXTO

1. A revista da qual foi retirado o texto lido publica normalmente reportagens relacionadas a certa área de atividades e do conhecimento.

   a) Qual é essa área? A informática.

   b) O vocabulário empregado no texto comprova a resposta ao item anterior? Faça uma lista de palavras que fazem parte desse vocabulário. Sim, comprova. Entre outras palavras, há: *web*, portal, internet, *haters*, redes sociais, *on-line*, *blog*, Facebook, Twitter.

2. Observe que muitas palavras do texto, além de *bullying* e *cyberbullying*, não pertencem à língua portuguesa e, assim, são consideradas **empréstimos linguísticos**. Na sua opinião, qual é a razão desses empréstimos? As inovações importadas de outros países tendem a trazer consigo o vocabulário do país original. Com o tempo, as palavras vão sendo assimiladas pela nova língua, podendo sofrer adaptação quanto à grafia, como é o caso de *futebol*, do inglês *football*.

Trocando ideias

1. As redes sociais devem compartilhar informações, interesses e esforços em busca de objetivos comuns. No seu entendimento, esse compartilhamento tem ocorrido?

2. Que ações positivas as redes sociais têm promovido?

3. Dê sua opinião: O que uma pessoa vítima de *cyberbullying* deve fazer?

Produção de texto

O DEBATE DELIBERATIVO

Entre os gêneros orais, um dos mais utilizados e valorizados socialmente é o **debate**. Esse gênero ficou muito conhecido na televisão, especialmente em razão do interesse despertado pelos debates realizados entre candidatos a cargos políticos importantes em época de eleição.

Mas há muitas outras situações e locais em que o debate é realizado: em escolas, comunidades de bairro, sindicatos, cinemas e teatros, universidades, etc. Dependendo da situação e da finalidade com que é produzido, ele pode ser um **debate regrado público**, utilizado para se conhecerem os diferentes ângulos e pontos de vista que envolvem um assunto polêmico (por exemplo, os projetos de governo de um candidato), ou um **debate deliberativo**, realizado quando se pretende, além de discutir o tema, **deliberar**, isto é, tomar decisões que implicam a ação de algumas pessoas ou de todo o grupo. Neste capítulo, você vai participar de um debate deliberativo.

Thinkstock/Getty Images

Você leu diferentes textos relacionados com o *bullying*. Debata com a classe o tema **Como combater o *bullying* na escola?** Ao final do debate, vocês deliberarão um conjunto de medidas de combate a esse comportamento que podem ser adotadas pela classe e, se possível, por toda a escola.

Professor: O debate deliberativo apresentado no DVD foi feito sobre o mesmo tema. Se preferir, poderá pedir aos alunos que debatam o tema antes de assistir, a fim de que eles não sejam influenciados pelos argumentos dos debatedores do vídeo. Nesse caso, quando apresentar a gravação, aproveite para discutir aspectos relacionados ao próprio gênero, como o papel do moderador, a negociação de propostas, etc.

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 13 - Produção de texto

Preparando e realizando o debate deliberativo

Pensem e discutam diferentes medidas que podem ser tomadas em relação ao problema do *bullying*. Se quiserem, poderão iniciar o debate discutindo a validade das sugestões dadas nos textos lidos e nas discussões em grupo que fizeram no capítulo anterior, tais como criar uma brigada *antibullying*, conversar com professores, diretores e funcionários, conversar com os agressores. Poderão também pensar em tomar medidas simples, como promover um pacto com os colegas, produzir cartazes e faixas, produzir textos de campanha comunitária ou textos de opinião, realizar palestras, etc. Pensem ainda em outras formas de combate ao *bullying* e discutam-nas durante o debate.

Num debate, é natural que muitas pessoas queiram falar ao mesmo tempo; também é possível que haja ideias divergentes entre um participante e outro. Por isso, para que o debate transcorra de modo organizado e produtivo, convém estabelecer algumas regras.

O papel do moderador

O **moderador** é a pessoa responsável pela organização do debate: anota as inscrições dos que querem falar, controla o tempo de cada debatedor e zela pelo ambiente de respeito entre os participantes. Tem autoridade para interferir no debate, seja, por exemplo, para informar um debatedor sobre o término do tempo, seja para alertar algum participante sobre uma conduta inadequada, como agredir um colega, falar palavrões, etc.

Foram Kopp/Glow Images

Como sair-se bem no debate

Se você quer se sair bem no debate, leve em conta estas orientações:

1. Fale alto, claro e sem pressa para que todos ouçam e compreendam o que você diz.
2. Supere a inibição; mostre segurança, olhando diretamente para as pessoas que o ouvem.
3. Para convencer os colegas, apresente bons argumentos. Por isso, elabore mentalmente o argumento antes de falar.
4. Preste atenção no que os colegas falam para não correr o risco de apresentar ideias já expostas.
5. Evite empregar gírias ou muita repetição de expressões como **tipo**, **tipo assim**, **né**, **tá?**.

Professor: Se achar conveniente, você poderá, neste primeiro debate, ser o moderador, a fim de que os alunos percebam de modo concreto como exercer essa função. Nos próximos debates, entretanto, é importante que eles próprios exerçam esse papel.

1. Sob a orientação do professor, elejam um **moderador**. Se quiser, o moderador poderá escolher um colega para ser seu **secretário**, que deve anotar as propostas apresentadas pela classe.
2. Definam o tempo de duração do debate e o tempo máximo que cada debatedor terá para apresentar suas ideias.
3. Para dar início aos trabalhos, o moderador cumprimenta a classe, apresenta o tema que será debatido e abre as inscrições.
4. Quem desejar participar, seja para fazer uma proposta, seja para revidar um argumento de um debatedor, deve levantar o braço ou fazer um sinal ao moderador até que este perceba o gesto e o inscreva para falar.
5. Em situações de polarização entre dois debatedores, o moderador decidirá se permite ou não o direito de réplica e de tréplica aos debatedores.

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 14 *- Produção de texto*

Antes do início do debate, leiam o quadro "Princípios de um debate democrático".

Princípios de um debate democrático

1. Todos os participantes têm o direito de:
   - falar e ouvir livremente (não se deve interromper a exposição do outro);
   - expressar suas ideias com liberdade e ter seu ponto de vista respeitado (não se deve, por exemplo, zombar ou provocar o debatedor durante sua exposição);
   - estar em igualdade de condições com os outros (quanto ao tempo para falar, por exemplo).
2. No debate, o confronto é de ideias; assim, a discussão nunca deve ser levada para o plano pessoal.
3. Quando um participante apresenta um contra-argumento à opinião de outro, pode haver réplica, dependendo do acordo prévio estabelecido entre o moderador e os participantes.

Filmando o debate

Se possível, filmem o debate para que, posteriormente, possam examinar os pontos positivos e possíveis falhas. Além disso, a gravação do debate poderá ser exibida na feira **Seja solidário, seja voluntário!**, que será realizada no final desta unidade, no capítulo **Intervalo.**

Thinkstock/Getty Images

Deliberando e executando medidas

Chegando ao fim o tempo estipulado para o debate, o moderador pede ao secretário que leia para todos as propostas apresentadas pelos debatedores e, em seguida, avalia com a classe a conveniência de acrescentar propostas ou eliminar algumas delas. Por fim, põe em votação as ações ou medidas que deverão ser adotadas.

É provável que algumas medidas aprovadas possam ser postas em prática imediatamente, enquanto outras exigirão certo tempo e trabalho coletivo. Sugerimos que esse trabalho seja realizado durante as aulas destinadas ao capítulo **Intervalo** desta unidade.

Professor: Se os alunos aprovarem medidas como a produção de cartazes, de textos de campanha publicitária e de textos de opinião, você poderá solicitar imediatamente a produção desses gêneros. Entretanto, caso não haja tempo ou condições de fazê-lo agora, poderá solicitar que produzam em casa ou durante as aulas destinadas ao *Intervalo*.

Avaliando o debate deliberativo

Após a realização do debate e das deliberações, façam com o professor a avaliação do debate. Que aspectos foram positivos e quais foram negativos? O que pode ser feito para alcançar um resultado melhor nos futuros debates? Se o debate foi filmado, assistam a alguns trechos dele para tirar dúvidas.

Entre outros, procurem avaliar os seguintes aspectos:

1. As regras estabelecidas foram justas e respeitadas pelos debatedores?
2. Houve alguém que monopolizou a palavra? Por que isso aconteceu?
3. As propostas foram bem apresentadas? Os argumentos foram aprofundados? Houve argumentos repetidos?
4. Os debatedores falaram de modo claro, com altura de voz e postura adequadas? Falaram olhando para o público?
5. Houve agressividade verbal entre os participantes?
6. A linguagem dos debatedores foi adequada à situação? Houve emprego exagerado de gírias ou muita repetição de expressões, a ponto de prejudicar a qualidade da exposição?

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Os gêneros argumentativos presentes no livro do 7º ano dão destaque à oralidade, pois no que foi analisado anteriormente, destacaram-se os gêneros escritos. A valorização da linguagem oral é interessante, porque dessa forma o aluno é conduzido a perceber que esses gêneros orais também necessitam de planejamento e organização, assim como os escritos, e requerem também o acionamento de outras habilidades. Trabalhar os gêneros orais na sala de aula colabora para o desempenho individual e/ou coletivo dos alunos em outros ambientes, preparando-os para os mais diversos contextos de interação. Eles têm a oportunidade de treinar o tom de voz, superar inibições, melhorar a desenvoltura ao falar em público, ouvir o outro, esperar pela sua vez de falar etc.

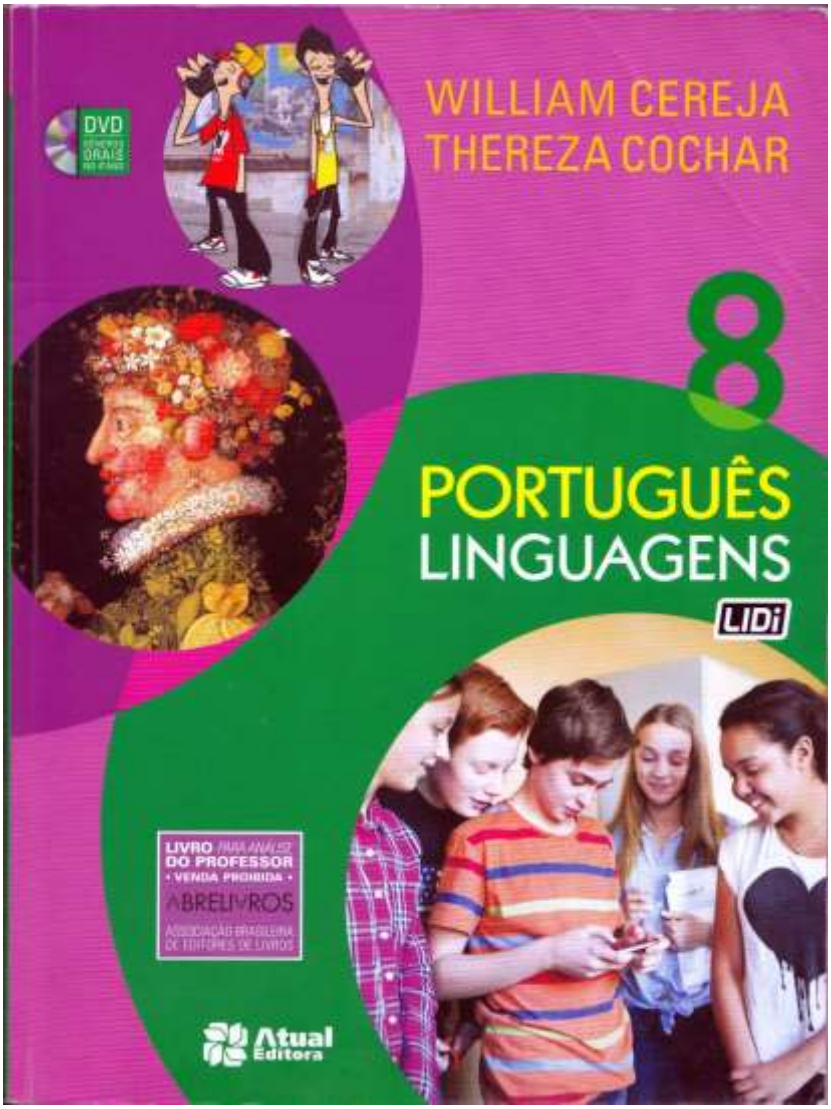
No volume do 7º ano não foram encontrados alguns pontos consideráveis em um trabalho com os gêneros argumentativos, como, por exemplo, os articuladores argumentativos e a progressão textual. A presença desses tópicos poderia ser útil para destacar como eles se comportam na linguagem oral, destacando seus usos e recorrências.

Outro ponto a ser observado é a falta de menção à argumentação enquanto prática de linguagem necessária à interação humana. Tal ausência poderia ser suprida com o uso de sua definição na linguagem oral, recorrendo à sua história, que, em seu surgimento, tinha na oralidade a principal forma de manifestação.

6.1.4 Português - Linguagens - 8º Ano

O livro Português linguagens destinado ao 8° ano do ensino fundamental tem um total de 288 páginas, e em suas quatro unidades são tratados assuntos como: tipos de sujeito, vozes do verbo, complemento nominal, aposto e vocativo, texto teatral, anúncio publicitário, carta argumentativa, anúncio publicitário etc. Nota-se que, em relação aos livros já analisados da mesma coleção, este material apresenta uma quantidade maior de gêneros textuais argumentativos, como a resenha crítica, a crônica argumentativa, a carta argumentativa e anúncio publicitário.

Figura 15 - Português - Linguagens - 8º ano



Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 16 - Sumário

SUMÁRIO

UNIDADE 1
Humor: entre o riso e a crítica

De olho na imagem: cartum, Quino 12

CAPÍTULO 1 **Infância perdida**

O menino, Chico Anysio 14
Estudo do texto 15
Compreensão e interpretação 15
A linguagem do texto 17
Leitura expressiva do texto 17
Cruzando linguagens 18
Trocando ideias 19
Produção de texto 19
O texto teatral escrito (I) 19
Para escrever com expressividade 25
O discurso citado (I) 25
O texto, o contexto e o discurso 26
O discurso citado 26
A língua em foco 30
O sujeito indeterminado 30
O sujeito indeterminado na construção do texto 34
Semântica e discurso 35
Divirta-se 36

CAPÍTULO 2 **O humor vai à mesa**

Sopa de macarrão, Domingos Pellegrini 37
Estudo do texto 39
Compreensão e interpretação 39
A linguagem do texto 41
Leitura expressiva do texto 41
Trocando ideias 41
Produção de texto 42
O texto teatral escrito (II) 42
Para escrever com expressividade 44
O discurso citado (II) 44
A língua em foco 48
A oração sem sujeito 48
Verbos impessoais 49
A oração sem sujeito na construção do texto 51
Semântica e discurso 52
De olho na escrita 53
Emprego da letra s (I) 53
Divirta-se 57

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 17 - Sumário

CAPÍTULO 3 **Humor: a arte de pensar rindo**

Painel de textos 58
Estudo dos textos 61
Compreensão e interpretação 61
A linguagem dos textos 62
Trocando ideias 62
Ler é diversão 63
Produção de texto 64
A crítica 64
A língua em foco 68
Vozes do verbo 68
As vozes verbais na construção do texto 73
Semântica e discurso 75
De olho na escrita 77
Emprego da letra s (II) 77
Divirta-se 79
Passando a limpo 80
INTERVALO **Projeto: Fazendo cena** 84

UNIDADE 2
Adolescer

De olho na imagem: Fotos 88

CAPÍTULO 1 **Na porta da vida**

Porta de colégio, Affonso Romano de Sant'Anna 90
Estudo do texto 91
Compreensão e interpretação 91
A linguagem do texto 92
Leitura expressiva do texto 93
Trocando ideias 93
Produção de texto 94
A crônica (I) 94
A língua em foco 96
O predicativo do objeto e o predicado verbo-nominal 96
O predicativo do objeto na construção do texto 100
Semântica e discurso 101
De olho na escrita e na pronúncia 101
Ortoepia e prosódia (I) 101
Divirta-se 104

CAPÍTULO 2 **É difícil crescer!**

O cérebro em nova transformação, revista *Superinteressante* 105

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

A resenha crítica está no capítulo 3, na unidade 1, que traz o tema *Humor: entre o riso e a crítica.* Na página 64, é apresentada a resenha crítica do filme *Um time show de bola* de Marcelo Hessel. Nesse caso, o texto, assim como os demais de outras unidades, também é seguido por nove questões interpretativas, sendo duas que exploram a estrutura e funcionalidade do gênero textual. Na questão dez, há orientação para o professor comentar sobre a importância da crítica e como ela incide sobre o objeto cultural a que se propõe a avaliar, para assim influenciar os leitores acerca da obra. Seguindo para a questão onze, pede-se que os alunos juntem-se e discutam sobre as características da resenha crítica: há uma definição de resenha crítica, que aparece apenas no livro do professor, que sugere ser feita uma abordagem por escrito no quadro.

Figura 18 - Produção de texto

— Oi, nós estávamos falando em você. Naquela sua Mercedes bárbara...
— Não tenho mais a Mercedes.
— Ah, não?
— Com o preço da gasolina, resolvi trocar por um carro menor e mais econômico.
O homem se afasta.
— Você tem razão. Ele é um dez.
— Dez, nada. É dois.
— Mas você disse dez!
— Dez era o conjunto. Dois ele, oito a Mercedes.
[...]

(Luis Fernando Verissimo. *Novas comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: L&PM, 1999. p. 160-1.)

Produção de texto

A CRÍTICA

O texto a seguir é uma **crítica**, ou **resenha crítica**, e se refere a um filme de animação do diretor argentino Juan José Campanella. Leia-o.

Um time show de bola

Juan José Campanella traz sua nostalgia para o futebol em animação

Marcelo Hessel

O cinema de nostalgia do diretor argentino **Juan José Campanella** aceita prontamente o futebol como tema, porque boa parte do mundo da bola vive do memorialismo — o velho terrão e a bola de meia versus o profissionalismo dos craques cosmopolitas e seus megaempresários — da mesma forma que filmes como *O Filho da Noiva* e *Clube da Lua*, respostas de Campanella à crise financeira que tirou da Argentina a ilusão da bonança dos tempos do menemismo.

No início da animação ***Um Time Show de Bola*** (*Metegol*), parece que estamos num bairro tradicional de Buenos Aires parecido com o de *O Filho da Noiva*, em um daqueles cafés antigos com janela de vitrais na porta. Lá dentro há uma mesa de pebolim (ou totó, ou fla-flu...), cujo campeão inconteste é o jovem introvertido Amadeo. Anos depois de derrotar no jogo o garoto mais metido da vizinhança, Amadeo vê o rival retornar à cidade, agora como um astro mundial do futebol de campo determinado a destruir o café e a mesa de pebolim e construir no lugar um gigantesco estádio para uso próprio.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 19- Produção de texto

Não deixa de ser irônico ver o longa de Campanella, com sua posição contrária à mercantilização, estrear no Brasil em meio às polêmicas de superfaturamento das obras da Copa do Mundo, mas de qualquer forma *Um Time Show de Bola* é o tipo de história atemporal como toda peça de nostalgia: numa equipe os mercenários e oportunistas, na outra os defensores de tradições (de família, de cultura).

Film Factory Entertainment/Courtesy Everett

Se Amadeo, seu rival e os demais personagens humanos são pobremente desenvolvidos, em parte é porque têm dificuldade de fugir desses papéis que lhes reservaram. (E desenhar personagens com olhos gigantes para forçar na emotividade é um cacoete de animação dos mais baratos.) A grande graça do filme são os jogadores do pebolim, que ganham vida para ajudar Amadeo em sua aventura. Esses, sim, têm personalidade, embora algumas das piadas façam mais sentido para os argentinos do que para os brasileiros, como a do atacante "Sansão" que perde seu grande trunfo, a cabeleira.

Para usar um chavão de boleiro, os personagens-jogadores mostram ter entrosamento suficiente para carregar o filme, e Campanella filma as cenas de ação como um virtuose, em planos sem cortes, que ele havia mostrado justamente na cena de futebol de seu *O Segredo dos Seus Olhos*. No mais, há sempre um charme muito particular nessas animações de aventureiros em miniatura — de *Toy Story* a *Pequenos Guerreiros* — e *Um Time Show de Bola* se esforça para se filiar a essa linhagem. Só não precisava pesar tanto a mão nos olhos gigantes.

menemismo: referência ao político Carlos Menem, que governou a Argentina no período de 1989-99.

mercantilização: dar caráter comercial a certa atividade, priorizando o lucro.

nostalgia: saudade, evocação melancólica do passado.

Sansão: personagem bíblica que extraía sua força extraordinária de seus cabelos.

(Disponível em: http://omelete.uol.com.br/cinema/um-time-show-de-bola-critica. Acesso em: 2/6/2014.)

1. A crítica é um gênero textual que tem como finalidade orientar o leitor de um jornal, revista ou *site*, estimulando-o ou desestimulando-o a consumir um objeto cultural, isto é, um livro, um filme, uma peça de teatro, um concerto de música clássica, um *show* de *rock* ou de outro tipo de música, uma exposição de artes plásticas, etc.

a) Qual é o objeto cultural em exame nessa crítica? O filme de animação *Um time show de bola*, de Juan José Campanella.

b) Qual foi o objetivo do cineasta Juan José Campanella ao fazer o filme comentado no texto? Contar, a partir da rivalidade entre dois jogadores de pebolim, uma história em que ocorre uma disputa entre defensores da tradição cultural e adeptos de sua substituição pela cultura da mercantilização.

2. A crítica apresenta uma estrutura relativamente livre, que varia muito, dependendo do autor, do público e do veículo em que é publicada. Apesar disso, apresenta alguns elementos essenciais, como a descrição do objeto cultural em exame, sua situação no conjunto das obras do autor, diretor ou músico, ou das obras de mesma característica, a opinião sobre a qualidade da obra, etc. Em relação à crítica em estudo, responda:

a) **Animação**, em cinema, é uma técnica que permite produzir imagens em movimento a partir de uma série de imagens fixas. Assim, as personagens de uma animação são representadas por atores ou são criadas e desenhadas por uma equipe de profissionais? O mais comum é que as personagens sejam criadas e desenhadas por uma equipe de profissionais.

b) Na introdução do texto, há a afirmação de que o cinema de nostalgia do diretor Juan José Campanella aceita bem o futebol como tema. Como boa parte dos adeptos do futebol, do que o diretor tem nostalgia, ou saudade? Do modo como o futebol era praticado no passado, quando os craques eram despreocupados com o lucro e não estavam, como os de hoje, envolvidos em negócios milionários, internacionais.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 20 - Produção de texto

3. Em que parágrafo, especificamente, é apresentado um resumo do enredo do filme?
No segundo parágrafo, com uma complementação feita no quarto parágrafo.

4. Na descrição do objeto cultural em avaliação, é comum serem destacadas as qualidades e apresentados os possíveis defeitos dele.

a) Segundo o crítico, qual é o ponto alto da animação? Por quê? O momento em que os jogadores de pebolim ganham vida para ajudar Amadeo em sua aventura.

b) O que o crítico aponta como negativo do filme? O fato de as personagens humanas serem pouco desenvolvidas e os grandes olhos das personagens, característica que o crítico considera pouco original como recurso para provocar emoção.

5. No último parágrafo, além de elogiar a direção do filme, o crítico, empregando a linguagem do futebol, elogia também o roteiro. Quais são esses elogios?
O de que Campanella filma as cenas de ação como um virtuose, o que já fizera em outro filme, e o de que as personagens-jogadores mostram ter entrosamento suficiente para carregar o filme.

6. Uma crítica costuma também contextualizar o objeto cultural em avaliação, situando-o no conjunto das obras do autor ou em relação a outras obras. A crítica lida faz isso quanto à produção do diretor Juan José Campanella? Justifique. Sim, o autor da crítica cita outros filmes de Campanella — *O filho da noiva*, *Clube da Lua*, *O segredo dos seus olhos* —, estabelecendo alguns pontos de contato entre eles, e também outras animações que lembram o filme criticado — *Toy story* e *Pequenos guerreiros*.

©Weinstein Company/Courtesy Everett

7. Observe a linguagem empregada no texto lido.

a) Em que tempo estão as formas verbais, predominantemente?
No presente do indicativo.

b) Que tipo de variedade linguística foi empregada?
Uma variedade de acordo com a norma-padrão.

8. A que tipo de público se destina a crítica lida?
A jovens e adultos leitores da *site* no qual o texto foi publicado originalmente.

9. Uma crítica expressa a opinião do crítico que avalia o objeto cultural. Assim, esse gênero pode ser mais pessoal, o que ocorre quando seu autor se coloca no texto de forma explícita, empregando expressões como **Na minha opinião**, **Eu acho que**, **Eu penso que**, etc., ou pode ser impessoal, o que acontece quando o autor se coloca de forma indireta, empregando a 3ª pessoa. A crítica em estudo é pessoal ou impessoal? Impessoal.

10. A finalidade de uma crítica é avaliar um objeto cultural e orientar a escolha do leitor, estimulando-o a consumir ou não esse objeto. Pelos argumentos apresentados em "Um time show de bola", você assistiria à animação criticada? Por quê? Resposta pessoal. Professor: Sugerimos comentar com os alunos a importância da crítica, pois, pela divulgação que faz de determinado objeto cultural, ela pode levá-lo ao sucesso ou insucesso.

11. Troque ideias com os colegas e, juntos, concluam: Quais são as características da crítica?
Trata-se de um texto que informa sobre um objeto cultural, destacando aspectos positivos e negativos dele, com a finalidade de orientar o leitor a consumi-lo ou não. Tem estrutura relativamente livre. Descreve o objeto e avalia seus aspectos mais significativos. Apresenta verbos predominantemente no presente do indicativo e linguagem geralmente impessoal, de acordo com a norma-padrão, mas que pode variar conforme o veículo em que é publicada e o público a que se destina.
Professor: Com as conclusões dos grupos, sugerimos montar coletivamente na lousa um quadro com as características da crítica.

AGORA É A sua vez ▶

Reúna-se com seus colegas de grupo e escolham uma das seguintes propostas para a produção de uma crítica. Ela será depois publicada no mural ou no jornal da escola, no mural da classe ou no jornal *on-line* da classe. Professor: Se houver tempo, sugerimos propor aos alunos as duas produções. Você poderá trocar entre os grupos os textos produzidos pelos alunos no capítulo anterior, de modo que todos os textos sejam criticados. Sugerimos também propor a produção de uma crítica coletiva sobre um filme visto na escola ou um livro lido por todos.

1. Façam a crítica de um objeto cultural da preferência de todos: uma peça de teatro em cartaz na cidade, um livro, um filme, um CD, um jogo em CD-ROM, um *show* musical, um programa de TV, uma exposição de arte.

2. Façam a crítica de um dos textos teatrais produzidos pelos colegas nos capítulos anteriores.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Para concluir, é sugerido que os alunos produzam uma resenha crítica acerca de qualquer objeto cultural, acompanhada de algumas observações que envolvem a organização da escrita e o planejamento do texto.

Na unidade 2, é explorado o tema *adolescer* e no capítulo 3 encontra-se uma crônica argumentativa - *A informação veste hoje o homem de amanhã*- de Carlos Eduardo Novaes. Em momentos anteriores, a crônica narrativa já havia sido apresentada, logo o aprofundamento do texto consiste também em trazer questões que explorem as diferenças entre esses dois tipos de crônicas. Nas questões acerca do texto, são expostos elementos como a estrutura, linguagem e ponto de vista, e em seguida é proposta uma reflexão a respeito das principais características da crônica argumentativa.

Figura 21- Produção de texto

LEITURA EXPRESSIVA DOS TEXTOS

Junte-se a dois colegas da classe e adotem o seguinte procedimento para realizar a leitura expressiva de algumas partes dos textos:

- aluno 1: lê os parágrafos 2 e 3 do texto 1;
- aluno 2: lê os parágrafos 3 e 4 do texto 2;
- aluno 3: lê os parágrafos 6 e 7 do texto 2.

O aluno 1 deve ler o texto com um tom de espanto e indignação; o aluno 2 deve destacar a variação linguística e falar num tom ressentido; o aluno 3 deve ler o texto com um tom sereno, cheio de firmeza, alegria e esperança.

Se quiserem, alternem os papéis para terem experiências diferentes. Quando a leitura estiver boa, apresentem-na à classe.

Professor: Sugerimos convidar um ou dois grupos para apresentar a leitura para a classe.

© Robert Potts/Design Pics/Corbis/Latinstock

Trocando ideias

1. Como você se sente em relação aos demais adolescentes: uma maritaca ou um sabiá? Por quê?
2. O autor dos textos, em sua trajetória de adolescente solitário, acabou se saindo bem, pois de sua dor extraiu muitas pérolas, que lhe proporcionaram amizades e o fizeram feliz.

   a) "Ostra feliz não faz pérola": na sua opinião, o sofrimento melhora as pessoas? Por quê?

   b) Você acha que o isolamento e a solidão sempre conduzem a uma situação boa? Por quê?
3. Sofrendo o preconceito de colegas da escola, o autor buscou caminhos diferentes: a arte, a literatura, a música, etc. Que outros caminhos, além da arte, um jovem solitário de hoje pode buscar?

Produção de texto

A CRÔNICA ARGUMENTATIVA

Leia esta crônica, de Carlos Eduardo Novaes:

A informação veste hoje o homem de amanhã

Pelé tinha toda razão ao pedir pelos microfones — no dia em que marcou seu milésimo gol — que se cuidasse mais das criancinhas. Realmente é necessário mais cuidado com elas. Eu conheço muita criancinha que já anda lendo a *Playboy*.

Não, meus caros, as criancinhas não são mais aquelas. Estão perdendo rapidamente a infância. E a prosseguir nesse ritmo, daqui a pouco com cinco anos já serão adolescentes. Há pouco tempo, remexendo o passado, dei de cara com um pião, velho companheiro de brincadeiras de rua. Sem saber o que fazer com ele, resolvi dar de presente para o filho do porteiro. O garoto pegou-o, examinando-o sem muita animação e me perguntou insensível:

— O que é que é isso?

Seu pai que se aproximava respondeu: um pião. E esquecendo-se por um momento de suas funções na portaria apanhou o brinquedo, agachou-se e numa animação quase infantil ficou tentando soltá-lo. O filho, em pé, ao seu lado, olhou-o fixo, virou-se para mim e assumindo um ar crítico comentou:

— Olha aí — disse apontando para o pai abaixado —, parece um débil mental.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

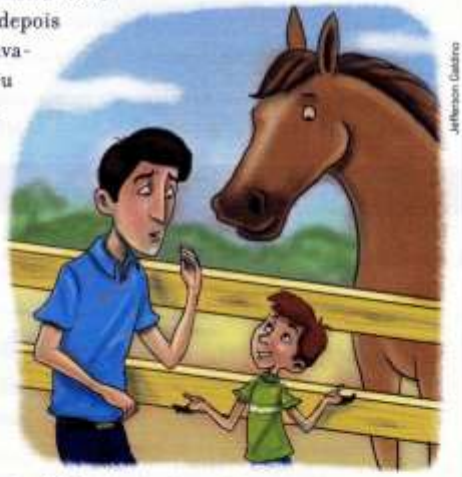
Figura 22 - Produção de texto

Segundo os educadores, as mudanças decorrem do fato de as crianças da década crescerem muito bem informadinhas. Um jornal publicou uma matéria baseada em pesquisa realizada entre crianças de 3 a 15 anos (se é que hoje ainda se pode chamar um cidadão de 15 anos de criança) cujo título era: "Como se está fazendo o homem de amanhã". Eu particularmente creio que o homem de amanhã continua sendo feito com os mesmos ingredientes com que se fazia o homem de ontem, ou seja: um homem e uma mulher, que devem ser temperados com uma pitadinha de amor antes de levados ao forno. Mas não é isso que interessa. Num determinado trecho, a reportagem dizia: "O menino André Luís, de quatro anos, viu pela TV a chegada do homem à Lua. Achou o fato natural, pois estava informado sobre os preparativos e podia descrever perfeitamente o módulo lunar. Sabia de cor o nome dos astronautas e discutia sobre as possibilidades de o homem chegar a Marte". Os senhores estão sentindo o drama? André Luís sabia mais sobre o espaço do que qualquer datilógrafo da NASA.

A pesquisa revela também que as novas crianças preferem novelas e outros tipos de programas aos feitos especificamente para a classe. Outro dia fui à casa do vizinho pedir gelo, e ao chegar assisti à maior discussão entre ele e o filho de cinco anos diante da televisão. Meu vizinho querendo desenhos animados e seu filho interessado no *National Geographic*.

Antigamente os campos estavam bem definidos: as crianças de um lado e os adultos do outro. Agora não há mais fronteiras. As crianças invadiram e tomam de assalto o mundo dos adultos. Eu me lembro do dia em que, com quatro ou cinco anos, meu pai me levou ao Jóquei Clube. Paramos ali junto ao padoque e pela primeira vez vi um cavalo de perto. Excitado com a novidade, depois de um esforço — se vocês me permitem: cavalar —, o máximo que consegui perguntar a meu pai era o que o cavalo comia. Pois bem, ontem voltei com meu sobrinho de seis anos ao hipódromo. Recostamos no padoque perto de um cavalo castanho e eu me recordei da cena com meu pai. Imaginando que o garoto poderia me fazer a mesma pergunta, antecipei-me com um certo orgulho e fui logo lhe informando que "o cavalo come aveia, alfafa e cenoura". Quando acabei de falar, o menino me lançou um olhar enfastiado e disse:

— O que o cavalo come eu já sei, tio. Agora eu estou interessado em saber é quanto ele vai pagar na ponta.



(*A cadeira do dentista e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1994. p. 45.)

hipódromo: local onde se realizam corridas de cavalos.

padoque: num hipódromo, local reservado aos animais que vão correr e aos profissionais ligados às corridas.

1. Você aprendeu que a crônica é um texto curto, que apresenta a visão pessoal do cronista sobre um fato colhido no noticiário do jornal ou no cotidiano. De onde o cronista Carlos Eduardo Novaes extraiu material para escrever sua crônica "A informação veste hoje o homem de amanhã"?

De fatos do cotidiano.

2. A crônica em estudo é diferente das crônicas narrativas ficcionais, pois não se limita a contar fatos. É uma crônica argumentativa, na qual o cronista defende seu ponto de vista sobre o amadurecimento precoce das crianças e a inadequação das informações que elas recebem. No 1º parágrafo, ele expõe a ideia principal que pretende desenvolver em todo o texto. Que frases do texto resumem essa ideia?

Realmente é necessário mais cuidado com elas [as crianças]. Eu conheço muita criancinha que já anda lendo a *Playboy*.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 23 - Produção de texto

3. A partir do 2º parágrafo, o cronista enumera várias situações e exemplos que comprovam a ideia principal. Destaque fatos que ele observou:

a) no prédio onde mora; O filho do porteiro não sabia o que era um pião e achou inhacifidade o pai brincar com aquilo.

b) no jornal; Um menino de quatro anos sabia tudo sobre viagens espaciais. Crianças preferem novelas a programas infantis.

c) no vizinho. O pai querendo ver desenho animado e o filho de cinco anos interessado no programa do canal *National Geographic*.

4. Essa crônica pode ser dividida em três partes: ideia principal, desenvolvimento e conclusão. Reveja os dois últimos parágrafos.

a) Que frase resume a conclusão da crônica?
As crianças invadiram e tomam de assalto o mundo dos adultos.

b) Que fato o cronista aponta para comprovar essa conclusão?

b) Com quatro ou cinco anos, ao ver um cavalo no Jóquei Clube, a única coisa que o cronista conseguiu perguntar foi o que o cavalo comia. Seu sobrinho de seis anos, na mesma situação, estava interessado era em saber quanto se pagaria nas apostas pela chegada de um cavalo em primeiro lugar. Ou seja, na mesma idade, ele era criança e o sobrinho, adulto.

c) Você concorda com o ponto de vista do cronista expresso na crônica lida? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal.

5. Observe a linguagem empregada na crônica lida.

a) O cronista apresenta seus argumentos de forma pessoal, subjetiva, numa linguagem artística, ou de forma impessoal, objetiva, numa linguagem científica ou jornalística?
Os argumentos são apresentados de forma pessoal, subjetiva, numa linguagem artística.

b) Que tipo de variedade linguística o cronista adota?
Uma variedade de acordo com a norma-padrão.

6. Troque ideias com seus colegas de grupo e, juntos, concluam: Quais são as características da crônica argumentativa?

É uma crônica que apresenta um ponto de vista pessoal e subjetivo do cronista sobre um assunto do cotidiano; expõe argumentos que fundamentam a opinião do cronista; pode apresentar uma conclusão surpreendente; emprega geralmente uma variedade de acordo com a norma-padrão; utiliza um vocabulário simples e estilo direto.
Professor: Com as conclusões dos grupos, sugerimos montar coletivamente na lousa um quadro com as características básicas da crônica argumentativa.

AGORA É A sua vez ▶

O texto a seguir apresenta informações e ideias a respeito da adolescência. Leia-o e depois escreva uma crônica argumentativa sobre essa fase da vida. Seu texto será depois publicado no livro de crônicas da classe que será montado no capítulo **Intervalo**.

Adolescência, tempo de mudança

Você gosta de ser adolescente?

A maioria dos jovens responde que sim, porque tem mais liberdade para sair de casa, passear, ir a festas, se divertir com os amigos. O adolescente descobre o amor e a paixão, e muitas vezes também a timidez e a insegurança de não ser correspondido. O humor do adolescente varia bastante, mas fora de casa em geral seu bom humor predomina!

O relacionamento com os pais na adolescência se transforma, pois surgem diferenças de pontos de vista. Apesar dos conflitos, o relacionamento com eles é muito importante, pois se de um lado o jovem busca sua liberdade, do outro lado os pais o ajudam a colocar os limites necessários para que ele cresça de forma saudável.

Thinkstock/Getty Images

131

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

A seção de produção textual traz o texto *Adolescência, tempo de mudança*, de Rosana Ferrari, como um motivador para a escrita. Há um planejamento do texto, com pontos que guiarão os alunos na escrita, em relação às ideias sobre o tema, argumentação e estrutura. Na parte de revisão e escrita, são elencados os aspectos textuais aos quais o aluno precisa se ater, e um dos aspectos é uma ideia principal, desenvolvida por meio de argumentos consistentes.

Figura 24 - Produção de texto

3. A partir do 2º parágrafo, o cronista enumera várias situações e exemplos que comprovam a ideia principal. Destaque fatos que ele observou:

a) no prédio onde mora; O filho do porteiro não sabia o que era um pião e achou interessante o pai brincar com aquilo.

b) no jornal; Um menino de quatro anos sabia tudo sobre viagens espaciais. Crianças preferem novelas a programas infantis.

c) no vizinho. O pai querendo ver desenho animado e a filha de cinco anos interessada no programa do canal National Geographic.

4. Essa crônica pode ser dividida em três partes: ideia principal, desenvolvimento e conclusão. Reveja os dois últimos parágrafos.

a) Que frase resume a conclusão da crônica?
As crianças invadiram e tomam de assalto o mundo dos adultos.

b) Que fato o cronista aponta para comprovar essa conclusão?
b) Com quatro ou cinco anos, ao ver um cavalo no Jóquei Clube, a única coisa que o cronista conseguiu perguntar foi o que o cavalo comia. Seu sobrinho de seis anos, na mesma situação, estava interessado era em saber quanto se pagaria nas apostas pela chegada de um cavalo em primeiro lugar. Ou seja, na mesma idade, ele era criança e o sobrinho, adulto.

c) Você concorda com o ponto de vista do cronista expresso na crônica lida? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal.

5. Observe a linguagem empregada na crônica lida.

a) O cronista apresenta seus argumentos de forma pessoal, subjetiva, numa linguagem artística, ou de forma impessoal, objetiva, numa linguagem científica ou jornalística?
Os argumentos são apresentados de forma pessoal, subjetiva, numa linguagem artística.

b) Que tipo de variedade linguística o cronista adota?
Uma variedade de acordo com a norma-padrão.

6. Troque ideias com seus colegas de grupo e, juntos, concluam: Quais são as características da crônica argumentativa?
É uma crônica que apresenta um ponto de vista pessoal e subjetivo do cronista sobre um assunto do cotidiano; explora argumentos que fundamentam a opinião do cronista; pode apresentar uma conclusão surpreendente; emprega geralmente uma variedade de acordo com a norma-padrão; utiliza um vocabulário simples e estilo direto.
Professor: Com as conclusões dos grupos, sugerimos montar coletivamente na lousa um quadro com as características básicas da crônica argumentativa.

AGORA É A sua vez ▶

O texto a seguir apresenta informações e ideias a respeito da adolescência. Leia-o e depois escreva uma crônica argumentativa sobre essa fase da vida. Seu texto será depois publicado no livro de crônicas da classe que será montado no capítulo **Intervalo**.

Adolescência, tempo de mudança

Você gosta de ser adolescente?

A maioria dos jovens responde que sim, porque tem mais liberdade para sair de casa, passear, ir a festas, se divertir com os amigos. O adolescente descobre o amor e a paixão, e muitas vezes também a timidez e a insegurança de não ser correspondido. O humor do adolescente varia bastante, mas fora de casa em geral seu bom humor predomina!

O relacionamento com os pais na adolescência se transforma, pois surgem diferenças de pontos de vista. Apesar dos conflitos, o relacionamento com eles é muito importante, pois se de um lado o jovem busca sua liberdade, do outro lado os pais o ajudam a colocar os limites necessários para que ele cresça de forma saudável.

Thinkstock/Getty Images

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 25- Produção de texto

Na adolescência surge a necessidade de fazer escolhas. Aonde ir, com quem sair e como se comportar sempre gera consequências, que podem ser positivas ou negativas e podem durar a vida toda. Agir de forma responsável e reconhecer os limites favorece o adolescente e aumenta sua autoestima.

Como todas as fases da vida, a adolescência tem seus ganhos e suas angústias. Ela é melhor enfrentada quando o jovem escolhe bons amigos, mantém o diálogo com seus pais e uma atitude construtiva perante si mesmo. Ainda assim, os conflitos com os pais são esperados. Podemos compreender que as diferenças de pontos de vista, o desejo de viver o presente e a necessidade de pensar no futuro fazem com que filhos e pais vejam o mundo de maneira diferente.

Se não dá para evitar os conflitos, como lidar com eles?

Não há muitas receitas, mas uma coisa é certa: fechar-se ao diálogo não leva a lugar nenhum. Conversar é fundamental e ouvir também é. Conversar permite que nós cheguemos ao outro. Ouvir permite que ele chegue até nós. Quando conversamos sobre nossas ideias e modos de pensar, mostramos quem somos e o que queremos da vida. Se ouvimos, conhecemos o outro e chegamos mais perto dele. Mas o melhor de tudo? É quando somos ouvidos!!! Aí sim sabemos que o outro nos respeita e se interessa por nós.

Se você acha que seus pais não conversam com você e ao invés disto fazem monólogo, proponha a eles uma conversa diferente: cada um expõe seus pontos de vista sem tentar mudar o outro, apenas para dar-se a conhecer. Proponha que cada um ouça o outro sem julgar, e que ambos exercitem a escuta.

O mesmo vale para seus amigos: discordar não é ofender.

[...]

Rosana Ferrari, psicóloga

(Disponível em: http://www.intercef.com.br/artigos/adolescencia-tempo-de-mudanca.php#Scene_1. Acesso em: 7/6/2014.)

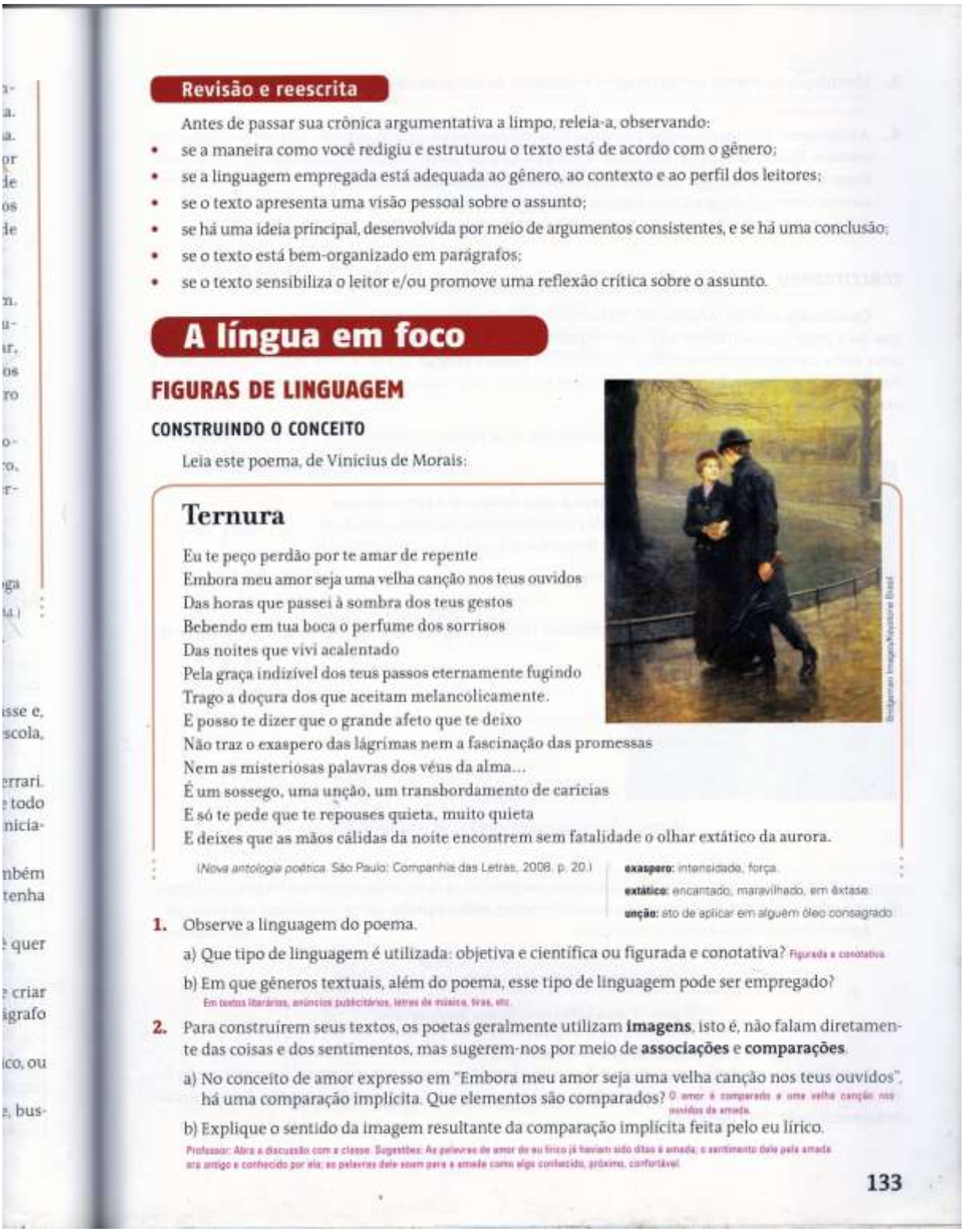
Planejamento do texto

- Pense no seu leitor, considerando que sua crônica será publicada no livro de crônicas da classe e, portanto, será lida por colegas de sua classe e de outras, por professores e funcionários da escola, familiares e amigos.
- Escolha uma das ideias de que você gostou no texto de Rubem Alves ou no texto de Rosana Ferrari. Com base nela, formule uma frase que expresse a **ideia principal** do texto. Isso quer dizer que todo o texto deve se articular com vistas a desenvolver a ideia contida na frase. Pode ser uma frase iniciada assim: "O adolescente é..." ou "O adolescente não é..." ou uma frase de outro tipo.
- Liste os argumentos que possibilitem desenvolver seu ponto de vista e, para enriquecê-los, também frases de especialistas no assunto, retiradas dos textos lidos ou de outras leituras que você tenha feito a respeito do tema.
- Pense também no seu objetivo. Além de convencer o leitor sobre o seu ponto de vista, você quer levá-lo a refletir sobre o assunto? Diverti-lo? Sensibilizá-lo?
- Quanto à estrutura, você pode apresentar a ideia principal no primeiro parágrafo do texto e criar um novo parágrafo para cada argumento que utilizar para desenvolvê-la. Reserve um parágrafo para a conclusão.
- Procure encerrar a crônica com um final surpreendente, isto é, poético, reflexivo ou humorístico, ou com um final que seja uma síntese das ideias expostas.
- Utilize uma linguagem direta, de acordo com a norma-padrão, mas com certa informalidade, buscando proximidade com o leitor.

132

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 26- Produção de texto



Revisão e reescrita

Antes de passar sua crônica argumentativa a limpo, releia-a, observando:

- se a maneira como você redigiu e estruturou o texto está de acordo com o gênero;
- se a linguagem empregada está adequada ao gênero, ao contexto e ao perfil dos leitores;
- se o texto apresenta uma visão pessoal sobre o assunto;
- se há uma ideia principal, desenvolvida por meio de argumentos consistentes, e se há uma conclusão;
- se o texto está bem-organizado em parágrafos;
- se o texto sensibiliza o leitor e/ou promove uma reflexão crítica sobre o assunto.

A língua em foco

FIGURAS DE LINGUAGEM

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia este poema, de Vinicius de Morais:

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático da aurora.

(*Nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 20.)

exaspero: intensidade, força.
extático: encantado, maravilhado, em êxtase.
unção: ato de aplicar em alguém óleo consagrado.

1. Observe a linguagem do poema.

a) Que tipo de linguagem é utilizada: objetiva e científica ou figurada e conotativa? Figurada e conotativa.

b) Em que gêneros textuais, além do poema, esse tipo de linguagem pode ser empregado? Em textos literários, anúncios publicitários, letras de música, tiras, etc.

2. Para construírem seus textos, os poetas geralmente utilizam **imagens**, isto é, não falam diretamente das coisas e dos sentimentos, mas sugerem-nos por meio de **associações** e **comparações**.

a) No conceito de amor expresso em "Embora meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos", há uma comparação implícita. Que elementos são comparados? O amor é comparado a uma velha canção nos ouvidos da amada.

b) Explique o sentido da imagem resultante da comparação implícita feita pelo eu lírico.

Professor: Abra a discussão com a classe. Sugestões: As palavras de amor do eu lírico já haviam sido ditas à amada; o sentimento dele pela amada era antigo e conhecido por ela; as palavras dele soam para a amada como algo conhecido, próximo, confortável.

133

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Na Unidade 3, trabalha-se o tema "consumo" e no capítulo 3 aparece a Carta argumentativa de reclamação e de solicitação. O exemplo do gênero é seguido de cinco

questões, uma delas sugere que o aluno identifique os argumentos e estratégias utilizados pelo autor do texto para construir a argumentação. Na 5° e última questão, pede-se que os alunos reflitam sobre as características de uma carta argumentativa, e há uma definição desse gênero destinado ao professor.

Figura 27- Produção de texto

LEITURA EXPRESSIVA DO TEXTO

O texto 1, de Nelly de Carvalho, faz parte de um livro que discute o papel da televisão. Trata-se, portanto, de um texto científico, voltado para a área de publicidade e comunicações.

A linguagem científica, embora seja mais objetiva do que a literária, também pode ser lida com expressividade. Em congressos e conferências, aqueles que falam e leem bem são os que se saem melhor.

Em dupla, preparem a leitura expressiva dos três primeiros parágrafos do texto de Nelly de Carvalho, revezando-se na leitura e nas sugestões ao colega. Leiam como se estivessem diante de um auditório. Busquem uma entonação que destaque as palavras e os trechos mais importantes do texto.

Quando chegarem a uma boa leitura, apresentem-na para a classe.

Professor: Sugerimos convidar alguns alunos para fazer a leitura expressiva do texto. A seguir, troque ideias com a classe sobre os resultados da leitura e os aspectos positivos que mais se destacaram em cada uma.

Trocando ideias

1. Segundo o texto 1, possuir objetos proporciona ao homem ocidental contemporâneo a sensação de bem-estar, de felicidade. O que você acha disso? Consumir nos faz felizes?

2. Segundo Ciro Marcondes, especialista em comunicação, a publicidade impõe modelos (de beleza, de sensualidade, de elegância, de jeito de falar, de se alimentar, etc.) ao consumidor, e quem não se enquadra nesses modelos é excluído e sofre. Você concorda com o autor? A publicidade exclui? E faz sofrer? Por quê?

3. De acordo com o texto 2, "A sensualidade, a beleza e a juventude são valores para a cultura deste país [o Brasil]". Que outros valores da cultura brasileira você observa em nossa publicidade?

Produção de texto

AS CARTAS ARGUMENTATIVAS DE RECLAMAÇÃO E DE SOLICITAÇÃO

Existem diferentes formas de o cidadão fazer uma reclamação ou solicitar algo às autoridades. Uma delas é enviar aos órgãos competentes, a autoridades ou à imprensa cartas de reclamação e de solicitação. Outra forma é reclamar oralmente à imprensa. Com a orientação do professor, ouça no DVD que acompanha esta coleção uma notícia que resulta de reclamações orais feitas por moradores de uma comunidade.

Atualmente, com a grande utilização da Internet, as prefeituras e a imprensa em geral têm *sites* e *blogs* nos quais os cidadãos podem se manifestar e deixar reclamações, solicitações, críticas, sugestões, etc. Há ainda *sites* específicos para reclamações, tais como *Reclame Aqui* e *Reclamão*, em que os consumidores podem se queixar de problemas com determinados produtos e/ou empresas. Nesse tipo de *site*, são feitas propostas de conciliação entre as partes, a fim de resolver o problema.

Com o avanço das tecnologias de comunicação, as cartas de reclamação e solicitação, impressas ou manuscritas, têm se tornado cada vez menos frequentes, mas são ainda utilizadas por muitas pessoas.

A carta a seguir é exemplo de carta manuscrita. Leia-a.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 28 - Produção de texto

Salvador, 3 de abril de 2014

Venho através destas linhas passar as dificuldades que tenho encontrado até chegar no meu setor de trabalho.

Sou deficiente, tenho dificuldade para me locomover e tenho sentido muita falta do "amarelinho", o micro-ônibus, pois para chegar até o meu setor de trabalho preciso subir uma imensa escada, a qual tem me incomodado.

Quando chego no topo da escada estou sem fôlego. Venho através destas linhas pedir de volta o "amarelinho", pois vai beneficiar a mim, a outros deficientes e principalmente a pessoas idosas e com problemas de saúde.

1. b) Talvez porque ela não saiba como chegar a eles e certamente pensou que, enviando a carta para a rádio, esta se encarregaria de fazer sua reclamação chegar aos responsáveis. Além disso, o fato de a carta poder ser lida na rádio poderia dar a sua reclamação uma repercussão maior.

Antecipadamente grata,

J.

(Adaptado de: http://radiodagentefm.com/wp-content/uploads/2014/04/Carta-AMARELINHO.jpg. Acesso em: 9/6/2014.)

1. A carta lida foi enviada a uma rádio por uma ouvinte e publicada no *site* da emissora. Levante hipóteses:

a) Por que na carta não há vocativo? Talvez porque a autora não soubesse a quem se dirigir ou não quisesse se dirigir a alguém especificamente.

b) Por que a ouvinte não enviou a carta diretamente aos responsáveis pelo "Amarelinho"?

c) Por que a emissora decidiu publicar a carta em seu *site*?
Porque avaliou que o assunto da carta era uma questão relevante, que merecia ser divulgada a fim de que o problema fosse resolvido rapidamente.

Thinkstock/Getty Images

2. Sobre o assunto da carta, responda:

a) Há, no texto da carta, uma reclamação e uma solicitação. Quais são elas?
A reclamação é de que o "Amarelinho" deixou de circular; a solicitação é de que ele volte a circular.

b) O que é o "Amarelinho"? Qual é o diferencial dele?
O "amarelinho" é um micro-ônibus e o diferencial dele é fazer um percurso especial, que facilita a vida de deficientes e idosos.

c) Levante hipóteses: Por que a autora da carta não explica com detalhes o que é o "Amarelinho"? Em sua opinião, isso pode dificultar a solução do problema apontado?
A autora não detalha o que é o "amarelinho" porque os ouvintes da rádio certamente sabem do que se trata. Assim, a falta de detalhamento não constitui um problema.
Professor: Chame a atenção dos alunos para a importância de esclarecer para os interlocutores o objetivo da reclamação.

3. As cartas de reclamação e de solicitação são argumentativas, pois precisam conquistar a adesão do(s) leitor(es) para ter a reclamação resolvida e/ou a solicitação atendida. Na carta em estudo:

a) Que justificativa J. utiliza para fundamentar sua reclamação?
A de que é deficiente e, por isso, enfrenta dificuldades que outras pessoas não enfrentam.

b) Que estratégia J. utiliza para dar mais consistência a sua solicitação?
Ela fala também em nome de grupos (deficientes, idosos, pessoas com problemas de saúde), deixando claro que a solicitação não se baseia apenas em um interesse pessoal.

4. Observe a linguagem empregada na carta lida.

a) Que variedade linguística predomina?
Uma variedade de acordo com a norma-padrão.

b) Levante hipóteses: Qual é o perfil das pessoas que escrevem esse tipo de texto?
São cidadãos que enfrentam problemas no dia a dia; ou pessoas engajadas, que lutam por alguma causa; ou pessoas que simplesmente se preocupam com o bem-estar da população em geral.

5. Junto com um colega, concluam: Quais são as principais características das cartas argumentativas de reclamação e de solicitação?
São cartas que expressam reclamações e/ou solicitações de pessoas que se sentem prejudicadas e pedem a solução de um problema. Apresentam argumentos para fundamentar a reclamação e/ou solicitação. São enviadas aos responsáveis pela solução do problema ou a veículos da imprensa ou a sites, que tornam público seu conteúdo. A linguagem geralmente segue a norma-padrão.
Professor: Com as conclusões das duplas, sugerimos montar coletivamente na lousa um quadro com as características das cartas argumentativas de reclamação e de solicitação.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

A produção textual é acompanhada de dois textos sobre reclamações realizadas por cidadãos acerca de produtos por eles comprados. O próximo passo sugere que os alunos pesquisem se alguém do ambiente escola, ou fora dele, foi vítima de alguma propaganda enganosa, para que assim seja produzida uma carta argumentativa destinada ao fabricante do produto. Na revisão e escrita, pede-se atenção aos argumentos, pois eles precisam ser convincentes e capazes de fundamentar a solicitação feita.

Figura 29 - Produção de texto

AGORA É A **sua vez** ▶

1. Os textos a seguir foram publicados na seção "A cidade é sua", no Painel do Leitor do jornal *Folha de S. Paulo*, na edição *on-line*. Leia-os.

Empresa não realiza troca de aparelho celular, afirma leitor

O leitor C. O. P. afirma que está com problemas em seu smartphone [...] e não consegue trocar o aparelho.

Ele diz que comprou o celular [...] em abril de 2013 e após nove meses a tela do produto ficou escurecida.

O item foi levado para uma assistência técnica autorizada mas, segundo o leitor, continua com o problema.

"Todo mês o smartphone apresenta o mesmo defeito, já levei à autorizada quatro vezes", diz o leitor.

Ele afirma que fez reclamação [...] e pediu a troca do aparelho, mas a companhia rejeitou afirmando que a garantia do produto venceu.

"Por que não fizeram a troca quando o aparelho estava na garantia?", diz.

Thinkstock/Getty Images

(Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/acidadeesua/2014/05/1460672-empresa-nao-realiza-troca-de-aparelho-celular-afirma-leitor.shtml. Acesso em: 30/5/2014.)

Leitora diz que geladeira [...] com pouco uso congela a comida

A leitora A. R. afirma ter comprado uma geladeira [...] que, depois de dois anos, começou a congelar os produtos nela guardados.

A. alega que por mais de uma vez teve que jogar no lixo toda a comida que estava na geladeira.

Segundo ela, a [...] recomendou a procura de uma assistência técnica autorizada.

No entanto, mesmo depois de várias visitas técnicas pagas pela leitora, o problema não foi resolvido.

Em uma última visita, um técnico informou a A. que ela deveria trocar duas peças, no valor de R$ 675. Ela alega que a geladeira, com menos de três anos de uso, tem um defeito de fábrica de responsabilidade da [...].

Thinkstock/Getty Images

(Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/acidadeesua/2014/05/1453430-leitora-diz-que-geladeira-bosh-com-pouco-uso-congela-a-comida.shtml. Acesso em: 30/5/2014.)

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 30 - Produção de texto

Nesses textos, em vez de publicar as cartas originais, o jornal optou por usar o discurso indireto para contar o que disseram os reclamantes. Escolha um dos dois textos, coloque-se no lugar do reclamante e, com base nos dados apresentados e em outros que você achar conveniente acrescentar, escreva uma carta de reclamação e/ou solicitação dirigida ao fabricante do produto, imaginando que ela poderia ser a que deu origem ao texto do jornal.
Depois guarde sua carta para expor na mostra **Consumo adolescente** que a classe realizará no capítulo **Intervalo**.

2. Em grupo, façam uma pesquisa na classe ou na escola a fim de saber se recentemente alguém foi alvo de propaganda enganosa ou se sentiu lesado por ter comprado um produto que não foi entregue ou que logo deixou de funcionar. Escolham uma das situações relatadas e escrevam uma carta de reclamação e/ou solicitação para ser enviada à empresa responsável ou para ser publicada em um *site* de reclamações.

Enviem a carta da maneira mais conveniente (*e-mail*, *site* de reclamação, correio, redes sociais, etc.) e aguardem a resposta. Depois, exponham o histórico da negociação na mostra **Consumo adolescente** do capítulo **Intervalo**. Assim, vocês estão demonstrando para os convidados da mostra que esse tipo de texto pode ser um importante meio de ação social dos consumidores.

Thinkstock/Getty Images

Planejamento do texto

- Decida(m) a quem será dirigida a carta e a forma de tratamento a ser empregada.
- Faça(m) uma lista de argumentos que possam fundamentar a reclamação e/ou solicitação.
- Utilize(m) a estrutura própria do gênero: local e data, vocativo, assunto (apresentação do problema, reclamação e/ou solicitação, argumentos) despedida e assinatura.
- Mencione(m) que o problema diz respeito também a outras pessoas e que sua solução pode representar um benefício social.
- Tenha(m) em vista o leitor da carta, que provavelmente será a pessoa que pode resolver o problema.
- Empregue(m) uma variedade de acordo com a norma-padrão.

Revisão e reescrita

Antes de finalizar a carta argumentativa de reclamação e/ou solicitação, observe(m):

- se ela apresenta local e data, vocativo, assunto, despedida e assinatura;
- se a reclamação e/ou solicitação é feita de forma clara e objetiva;
- se os argumentos apresentados são convincentes e fundamentam bem a reclamação e/ou solicitação;
- se fica claro que o problema não é pessoal e que a solução dele beneficiará também outras pessoas;
- se a linguagem empregada está de acordo com a norma-padrão e adequada ao interlocutor.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

O anúncio publicitário é um dos gêneros que também aparece no livro. A apresentação do gênero é feita por meio de um anúncio que fala sobre a importância da doação de órgãos (é possível ver o anúncio completo em http://queria.blogspot.com.br/2008/11/doe-orgao_27.html). A sugestão é que o vídeo seja analisado juntamente à imagem que inicia a seção de Produção de texto e ilustra o assunto tratado. Nessa imagem ilustrativa, há a oportunidade de falar sobre argumentatividade, dessa forma ampliando a visão dos alunos acerca da argumentação, demonstrando como ela é inerente à linguagem e à interação humana.

Na sequência, há seis questões interpretativas que exploram a mensagem veiculada pelo anúncio e a estrutura do gênero. Na questão 3 os autores falam sobre o objetivo do anúncio que é persuadir por meio da argumentação e pedem em seguida para eles identificarem o argumento utilizado no texto para convencer as pessoas a doar órgãos, por último é pedido que os alunos reflitam em grupo sobre as principais características do gênero.

A produção de texto solicita a produção de um anúncio publicitário referente ao tema "consumo adolescente" e outro que sirva para divulgar produtos inusitados, ambos serão destinados à comunidade escolar. No planejamento do texto pede-se que seja selecionado o suporte do anúncio e que se tenha atenção à originalidade do conteúdo.

Devido ao fato de nessa fase do 8º ano os alunos já terem contato com a sintaxe do período composto, os autores, na página 234, apresentam "A conjunção na construção do texto", por meio de um anúncio publicitário de uma marca de automóveis. No anúncio há o convite ao exercício da percepção da argumentação implícita, a argumentatividade. Nos exercícios, são exploradas questões interpretativas, nas quais é questionado acerca do valor semântico das conjunções que compõem o texto. A última questão, número 4, tem quatro pares de orações, para que os alunos selecionem as conjunções que melhor estabelecem sentido entre elas. Há aqui um trabalho que valoriza a semântica e o discurso e também a abordagem normativa.

O livro do 8º ano, diferente dos anos que o precedem, não ignora os articuladores argumentativos, porém ainda tem como ausente a progressão textual. Algo a ser observado com certa contrariedade, porque o uso dos articuladores contribui com a progressão do texto. Seria interessante que nos 6º e 7º anos houvesse menção aos articuladores primordiais, como "mas" e "porém", na construção da argumentação, para assim, mais adiante, ter o aprofundamento necessário nos 8º e 9º anos.

Figura 31 - A conjunção na construção do texto

6. Leia os itens a seguir, tentando perceber a relação de sentido que pode haver entre as orações apresentadas em cada um deles. Depois una as orações de cada item em uma frase, empregando uma destas conjunções coordenativas: **portanto**, **porque**, **quer... quer**, **e**, **porém**.

a) Não estudou Física. Sobreviveu ao choque elétrico. ...Física, porém sobreviveu...

b) Usou seu conhecimento de Física. Desligou a corrente elétrica. ...de Física e desligou...

c) Haja corrente elétrica. Não haja corrente elétrica, desligue a chave geral.
Quer haja corrente elétrica, quer não haja corrente elétrica, desligue...

d) Estude o esquema das ligações elétricas da casa. Você evitará riscos... da casa, porque assim você...

e) Desligou a corrente elétrica. Não correu nenhum perigo. ...elétrica, portanto não correu...

A CONJUNÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia o anúncio:

(Disponível em: http://www.ccsp.com.br/site/novo/41093/Raposa-OURO-PRESS-Cannes-2013. Acesso em: 15/6/2014.)

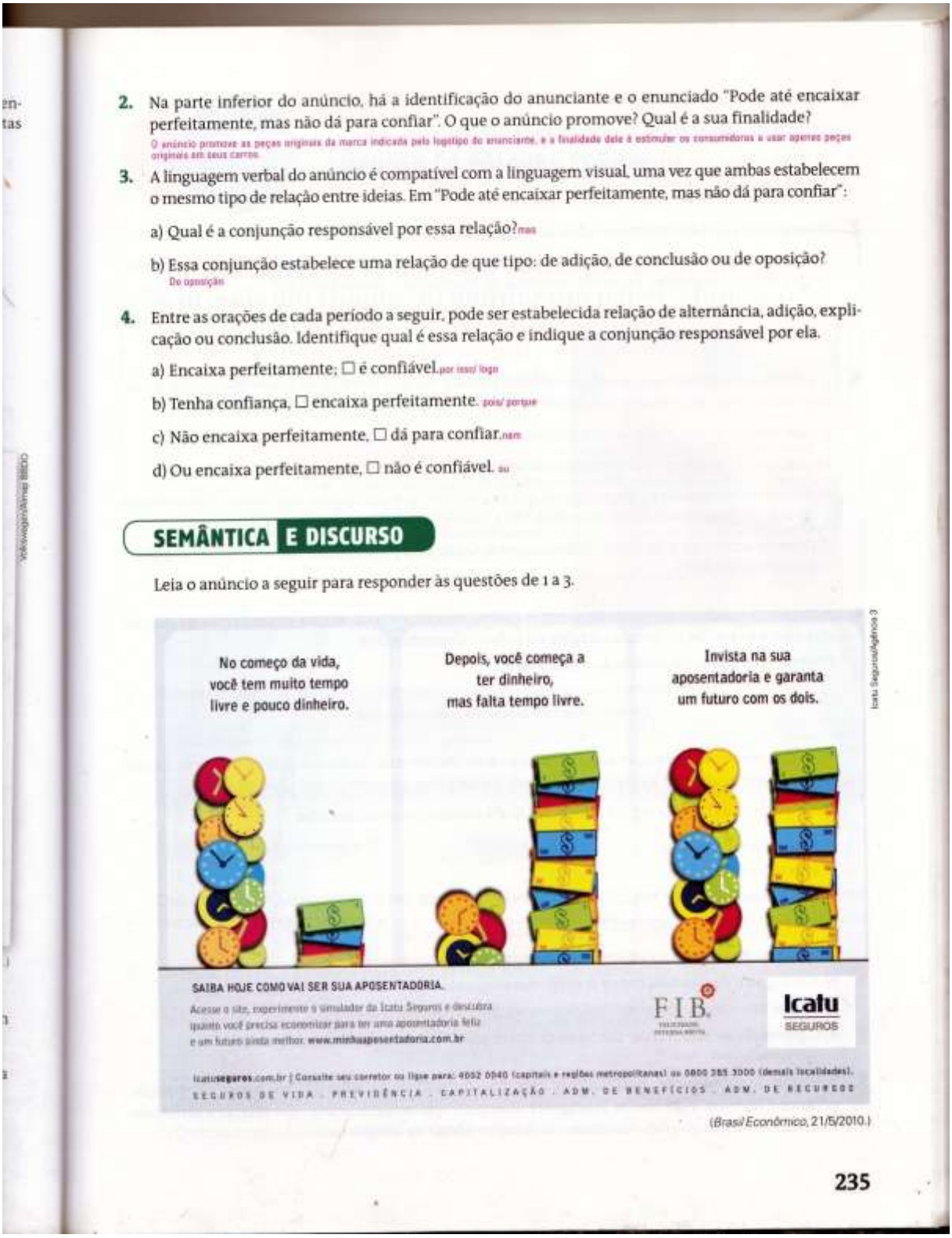
1. Na linguagem visual do anúncio são apresentados um recorte para encaixe e uma figura de um animal recortada.

a) Qual é o animal sugerido pelo formato do recorte para encaixe? E o animal que se vê na figura recortada? Uma galinha/ Uma raposa.

b) Tradicionalmente, que tipo de relação há entre os dois animais? São adversários, uma vez que a raposa é predador da galinha.

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

Figura 32 - A conjunção na construção do texto



2. Na parte inferior do anúncio, há a identificação do anunciante e o enunciado "Pode até encaixar perfeitamente, mas não dá para confiar". O que o anúncio promove? Qual é a sua finalidade?
O anúncio promove as peças originais da marca indicada pelo logotipo do anunciante, e a finalidade dele é estimular os consumidores a usar apenas peças originais em seus carros.

3. A linguagem verbal do anúncio é compatível com a linguagem visual, uma vez que ambas estabelecem o mesmo tipo de relação entre ideias. Em "Pode até encaixar perfeitamente, mas não dá para confiar":

a) Qual é a conjunção responsável por essa relação? mas

b) Essa conjunção estabelece uma relação de que tipo: de adição, de conclusão ou de oposição?
De oposição

4. Entre as orações de cada período a seguir, pode ser estabelecida relação de alternância, adição, explicação ou conclusão. Identifique qual é essa relação e indique a conjunção responsável por ela.

a) Encaixa perfeitamente; ☐ é confiável. por isso/ logo

b) Tenha confiança, ☐ encaixa perfeitamente. pois/ porque

c) Não encaixa perfeitamente, ☐ dá para confiar. nem

d) Ou encaixa perfeitamente, ☐ não é confiável. ou

SEMÂNTICA E DISCURSO

Leia o anúncio a seguir para responder às questões de 1 a 3.

(*Brasil Econômico*, 21/5/2010.)

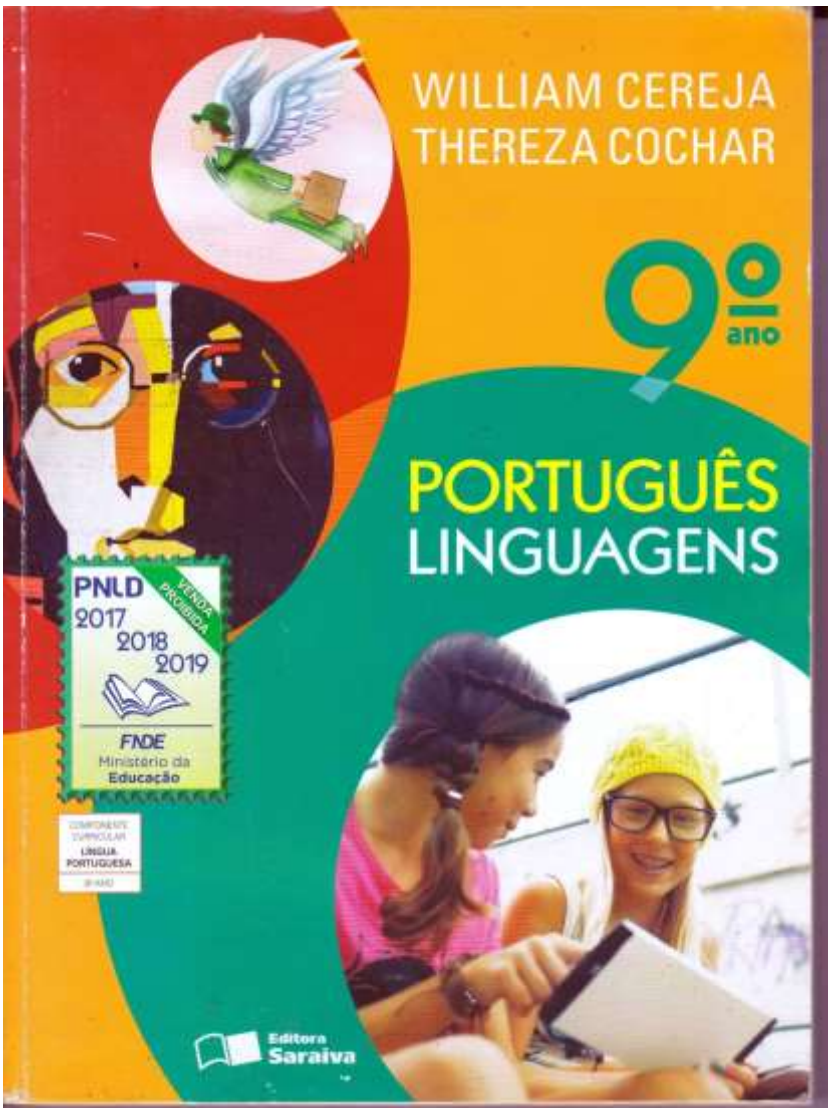
235

Fonte: Cereja e Cochar, 2014.

6.1.5 Português - Linguagens - 9º Ano

O último livro a ser analisado é referente ao 9° ano, ele possui 272 páginas e está subdividido, também, em 4 unidades. Alguns dos assuntos trabalhados são concordância verbal, orações subordinadas adjetivas, pronomes relativos e seu emprego, artigo de opinião, o conto, o texto dissertativo-argumentativo, etc. Os gêneros argumentativos presentes no livro são o artigo de opinião e o texto dissertativo - argumentativo (que é abordado em dois momentos). Há também partes destinadas a falar sobre progressão textual e informatividade e qualidade dos argumentos.

Figura 33 - Português - Linguagens - 9º ano



Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 34 - Sumário

De olho na escrita: e ou i?, o ou u? 194
Divirta-se 196
Passando a limpo 197
INTERVALO Projeto: Jovem: cadê sua opinião? 200

UNIDADE 4
Nosso tempo

CAPÍTULO 1 "Mais louco é quem me diz..."
Psicopata ao volante, Fernando Sabino 204
Estudo do texto 206
Compreensão e interpretação 206
A linguagem do texto 207
Leitura expressiva do texto 207
Cruzando linguagens 208
Trocando ideias 209
Produção de texto 210
O texto dissertativo-argumentativo 210
Para escrever com coerência e coesão 215
A articulação (I) 215
A língua em foco 219
Sintaxe de regência – Regência verbal e nominal 219
Regência verbal 220
Regência nominal 222
A regência na construção do texto 224
Semântica e discurso 226
Divirta-se 227

CAPÍTULO 2 O igual que é diferente
Cartum, Quino 228
Produção de texto 230
A informatividade e a qualidade dos argumentos 230
Para escrever com coerência e coesão 236
A articulação (II) 236
A língua em foco 238
A regência – A crase 238
Casos especiais 239
Semântica e discurso 241
De olho na escrita 241
Emprego do pronome demonstrativo (I) 241
Emprego dos pronomes demonstrativos em relação ao espaço 242
Divirta-se 243

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

O artigo de opinião está na unidade 3, no capítulo 3. Na página 182, os autores apresentam uma definição do gênero, falando sobre suas principais características e destacando que ele já foi referido anteriormente no livro do 6° ano. Em breve comparação, é

possível observar que no 9º ano existe mais aprofundamento, por se considerar a maturidade linguística dos alunos. Enquanto no 6º ano os autores limitavam-se a fazer considerações sobre opinar e argumentação, aqui fala-se em posicionamento do autor, que pode estar em 1ª pessoa, e em estratégias argumentativas.

Após a explicação teórica, destaca-se o texto *Eu não quero saber da sua vida*, que fala sobre a exposição em tempos de internet. As questões baseadas no texto texto exploram a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, além de pedirem que os alunos identifiquem algumas estratégias argumentativas utilizadas pelo autor, como menção a fatos cotidianos, argumento de autoridade e comparação entre situações reais.

Figura 35 - Produção de texto

LEITURA EXPRESSIVA DO TEXTO

Faça uma experiência divertida: selecione do texto o trecho de que mais gostou. Depois, junte-se a quatro colegas e leiam uns para os outros os trechos selecionados. Em seguida, montem um novo texto, isto é, disponham os trechos selecionados na sequência que quiserem, buscando um sentido para ele. Leiam então o texto (cada um lê o trecho que selecionou), buscando expressividade: dependendo da situação, leiam sorrindo, com ironia, com tom reflexivo ou melancólico, com esperança, etc. Quando a leitura expressiva estiver satisfatória, apresentem-na à classe.

Trocando ideias

1. Para o narrador, mais importante do que vencer a corrida é chegar ao local desejado. E para você? O que lhe agrada mais: atingir um objetivo ou ser melhor do que os outros?

2. Sobre a parábola dos camundongos que parecem hipopótamos, e vice-versa, você já viveu alguma situação em que essa parábola se confirmou? Se sim, conte para os colegas como foi.

3. Para o narrador, por mais difíceis que sejam as situações da vida, é necessário nunca perder o humor. Você concorda com esse ponto de vista? Por quê?

4. Dê a sua opinião: Depois de ler ou ouvir as palavras do narrador, Maria da Graça continuará a mesma? Por quê?

Produção de texto

O ARTIGO DE OPINIÃO

Neste capítulo, será retomado o artigo de opinião, gênero que você estudou no 6º ano. Encontramos o artigo de opinião em revistas e jornais, no qual profissionais, personalidades e especialistas são chamados a expor seu ponto de vista sobre determinado assunto, argumentando em favor de suas ideias a fim de conquistar a adesão de seus interlocutores.

Assim, nesse gênero, o uso da 1ª pessoa é permitido (e, em alguns casos, até mesmo desejável), pois, como em geral se trata de um texto escrito por formadores de opinião e especialistas no assunto, espera-se que eles escrevam o que realmente pensam e, trazendo fatos e argumentos, ajudem seus leitores a construir seu próprio ponto de vista.

No artigo de opinião, portanto, é importante que o posicionamento do autor esteja claro e bem-fundamentado, pois assim ele terá mais chances de persuadir seus leitores e convencê-los de que sua visão é a mais sensata e coerente sobre o tema em questão.

Você vai ler, a seguir, um artigo de opinião sobre o problema da exposição excessiva das pessoas nas redes sociais. O texto foi escrito por Luli Radfahrer, professor da Escola de Comunicação e Artes da USP e pesquisador nas áreas de Internet e inovação digital.

182

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 36 - Produção de texto

1. O autor introduz o tema e o seu ponto de vista sobre o assunto nos quatro primeiros parágrafos do texto.

   a) No 1º parágrafo, ele começa citando um fato sobre o qual as pessoas em geral reclamam. Qual é esse fato?

   b) Nos três parágrafos seguintes, ele expõe sua opinião sobre o fato mencionado. Qual é ela?

2. Nos parágrafos de 5 a 8, o autor traz exemplos e argumentos que sustentam o ponto de vista anunciado. Para dar mais peso a seus argumentos, ele utiliza algumas estratégias. Encontre, no texto, as estratégias abaixo.

   a) menção a fatos do cotidiano;

   b) utilização de vozes de autoridade;

   c) comparação com situações reais.

3. Nos três últimos parágrafos, o autor finaliza sua argumentação, ratifica seu ponto de vista e conclui seu texto com uma sugestão que ele acredita ser interessante para minimizar os problemas levantados.

   a) O autor faz uma constatação sobre o assunto em debate. Qual é ela?

   b) Em resumo, qual é a posição do autor a respeito do uso das redes sociais: ele é terminantemente contrário, ou é favorável, ou busca uma posição intermediária? Explique.

4. Com base em suas respostas às questões anteriores, levante hipóteses:

   a) Para escrever um artigo de opinião, é necessário defender apenas um lado da discussão e negar completamente o outro?

   b) É preciso, no artigo de opinião, dizer necessariamente que um lado é bom e o outro é ruim?

   c) Qual a vantagem de se fazerem ponderações sobre os diferentes lados do assunto em um artigo de opinião?

AGORA É A **sua vez** ▶

Imagine que, como adolescente, você tenha sido convidado(a) por um *blog* para escrever um artigo de opinião com base no tema: **Gravidez na adolescência: o papel da família, da escola, da mídia e do governo na conscientização dos jovens**, já debatido por você e seus colegas no capítulo anterior. O seu texto comporá uma seção especial do *blog* com artigos de opinião diversos sobre o mesmo tema, escritos por médicos, pais, professores e estudantes, entre outros. E a proposta é que você seja o representante adolescente, isto é, com base em sua experiência, escreva um texto expondo a sua visão do assunto.

Depois de pronto, você pode de fato publicar o seu texto em um *blog* coletivo da classe, ou em um espaço de rede social, ou ainda expô-lo em um mural na escola.

Planejamento do texto

- Retome as notas feitas por você no debate do capítulo anterior. Releia os textos, lembre a discussão realizada e tenha em mente qual a sua opinião sobre o assunto.
- Selecione os argumentos que vão fundamentar seu ponto de vista.

184

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

A produção de texto sugere aos alunos que eles escrevam um artigo de opinião sobre gravidez na adolescência e informa que o meio de veiculação do texto será um blog. O fato de

ser um texto sobre um tema do universo adolescente e escrito por adolescentes facilita a escrita e valoriza a experiência dos alunos.

Na página 210, é apresentado o texto dissertativo-argumentativo, seguido de um trecho que o define como uma "dissertação escolar, um tipo de texto argumentativo frequentemente solicitado nas escolas, em exames e em concursos" (CEREJA E COCHAR, 2015. p. 210). Como exemplo, é utilizado um texto escrito por um candidato ao vestibular da Unicamp - SP, seguido por sete questões interpretativas. As questões focam em identificar a tese, os parágrafos que constituem o todo do texto e os elementos que compõem cada uma dessas partes. Inclusive, na questão de número 3, no enunciado, são abordadas algumas estratégias argumentativas para serem identificadas no texto.

Figura 37- Produção de texto

Produção de texto

O TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

Você vai ler, a seguir, uma **dissertação escolar**, um tipo de texto argumentativo frequentemente solicitado nas escolas, em exames e em concursos. O texto foi produzido por um candidato no exame vestibular de Engenharia Química da Unicamp-SP, que solicitou a produção de uma dissertação cujo ponto de partida deveria ser a seguinte afirmação do filósofo Bertrand Russel: "A mudança é indubitável, mas o progresso é uma questão controversa". O texto, que está transcrito tal qual foi redigido pelo candidato, foi considerado um dos melhores do exame.

Há incerteza na mudança

Roberto Weigand

O filósofo Bertrand Russel, ao afirmar que "a mudança é indubitável, mas o progresso é uma questão controversa", nos apresenta uma certeza e uma dúvida. A certeza se refere ao caráter dinâmico do universo no qual vivemos e a dúvida nos atinge quando questionamos se tal mudança será benéfica ou não.

Vivemos num universo dinâmico e as mudanças climáticas, junto aos ciclos dos movimentos aparentes dos astros, criando dias e noites, talvez sejam as provas mais evidentes disso. É interessante perceber como este dinamismo permeia a vida do homem, não só individualmente, mas também socialmente. Impérios são criados, conhecem seu apogeu e depois são destruídos, cedendo lugar a outros. As formas de vida também sofrem alterações através do tempo (teoria da evolução das espécies, de Darwin) e até mesmo os minerais, sujeitos à erosão e à ação oxidante da nossa atmosfera, se transformam em outras substâncias.

Correto está o filósofo, ao afirmar que "a mudança é indubitável". Porém a questão do progresso, ou seja, uma mudança positiva, deve ser analisada com mais cuidado. A partir da definição de progresso como mudança positiva, podemos nos perguntar "positiva sob qual ponto de vista?". Manuel Bonfim, em seu texto "A América Latina: males de origem", associa o progresso social a uma sociedade continuamente mais justa. Por outro lado, a revolução industrial, período de significativo progresso tecnológico, condenou mulheres e crianças a jornadas de trabalho desumanas, em troca de salários miseráveis. O progresso, nesse caso, representa uma mudança positiva apenas para o capitalista.

Passando da sociologia para a ecologia, podemos perceber, pelo texto "Bad evolution" de Alamma Mitchell, como o equilíbrio entre as espécies de uma lagoa pode ser alterado em função do aumento da temperatura. Entretanto, um ligeiro aumento na temperatura média do planeta pode reduzir o rigor do inverno em países "frios", aumentando a capacidade de produção agrícola desses países. Nesse caso o aumento da temperatura média do planeta deve ser considerado uma mudança positiva ou negativa?

Deve ficar claro que, muitas vezes, o ser humano não tem condições de avaliar o impacto causado por suas atividades. Sabemos que a instalação de uma usina termoelétrica provoca o aumento

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 38 - Produção de texto

da acidez nas chuvas da região onde se encontra, mas qual o impacto sobre o meio ambiente devido a todas as outras atividades humanas? A aplicação de um determinado projeto social pode melhorar a vida de algumas pessoas em detrimento de outras. Como avaliar se isso é benéfico ou maléfico?

As palavras de Bertrand Russel, publicadas em 1959, continuam atuais e talvez nunca percam a atualidade. Talvez a humanidade deva continuar mudando sempre, sem nunca saber qual o próximo passo. Talvez estejamos condenados a continuar mudando, sem saber se caminhamos em direção à perpetuação da vida ou ao seu extermínio. Talvez Herbert Spencer esteja certo... e o progresso seja apenas parte da natureza humana.

indubitável: sobre o que não pode haver dúvida; incontestável.

(Aldebaran L. do Prado Júnior. In: *Vestibular Unicamp — Redações 2003*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 51.)

1. O texto dissertativo escolar geralmente apresenta uma estrutura organizada em três partes: a introdução, na qual é apresentada a ideia principal ou tese, o desenvolvimento, que fundamenta ou desenvolve a ideia principal, e a conclusão.

a) Identifique os parágrafos que constituem essas partes.

b) Qual é a ideia principal, ou a tese, defendida pelo autor na introdução?

2. O desenvolvimento é construído em quatro parágrafos.

a) Que aspecto da tese é desenvolvido no primeiro desses quatro parágrafos?

b) Que aspecto é abordado nos outros três parágrafos?

3. Os argumentos utilizados para fundamentar a tese podem ser de diferentes tipos: exemplos, comparações, dados históricos, dados estatísticos, pesquisas, causas socioeconômicas ou culturais, depoimentos — enfim, tudo o que possa demonstrar que o ponto de vista defendido pelo autor tem consistência. Quais desses tipos de argumento o autor utilizou em cada um dos parágrafos do desenvolvimento?

4. Observe a conclusão do texto. Trata-se de uma conclusão do tipo síntese ou do tipo proposta?

5. Observe o título do texto. Você o considera adequado? Por quê?

6. Observe a linguagem do texto:

a) Que variedade linguística foi empregada?

b) Que pessoa gramatical dos verbos e pronomes predomina?

c) A linguagem tende à pessoalidade ou à impessoalidade? Tende à objetividade ou à subjetividade?

7. Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, concluam: Quais são as principais características do texto dissertativo-argumentativo? Respondam, levando em conta critérios como: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte/veículo, tema, estrutura, linguagem.

A dissertação escolar e o texto argumentativo

Nas escolas tradicionalmente tem-se desenvolvido o trabalho com a **dissertação**, um tipo de texto que costuma ser exigido em exames de seleção, como os concursos públicos, os vestibulinhos e os vestibulares.

A rigor, **dissertar** significa explanar um tema, isto é, desenvolver pormenorizadamente um assunto. Em princípio não é obrigatório tomar posição diante do tema. Porém, como os temas propostos quase sempre são polêmicos, o candidato geralmente é orientado para se posicionar e defender um ponto de vista. Em outras palavras, ele deve argumentar.

Por essa razão, estamos chamando esse tipo de texto de **dissertativo-argumentativo**.

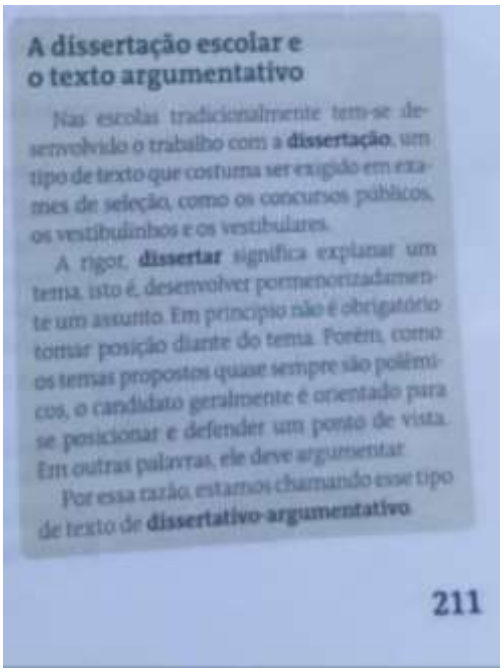
211

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Os autores, primeiramente, definem o gênero como dissertação escolar, sendo um tipo de texto argumentativo, em seguida, na página 211, há um quadro em que eles diferenciam

dissertar como explanar ideias e argumentar como defender um ponto de vista. Garcia (1969) diz algo semelhante ao afirmar que na dissertação o propósito principal é "expor ou explanar, explicar ou interpretar ideias" e na argumentação o objetivo é, sobretudo convencer, persuadir ou influenciar e também formar a opinião do leitor ou ouvinte (p. 361). Na página 211, há um quadro no canto direito inferior que define dissertar como explanar ideias, mas que nos muitos exames que os alunos possam a vir fazer, poderá ser exigida a defesa de um ponto de vista, tornando-o um texto dissertativo-argumentativo.

Figura 39 - Produção de texto



A dissertação escolar e o texto argumentativo

Nas escolas tradicionalmente tem-se desenvolvido o trabalho com a **dissertação**, um tipo de texto que costuma ser exigido em exames de seleção, como os concursos públicos, os vestibulinhos e os vestibulares.

A rigor, **dissertar** significa explanar um tema, isto é, desenvolver pormenorizadamente um assunto. Em princípio não é obrigatório tomar posição diante do tema. Porém, como os temas propostos quase sempre são polêmicos, o candidato geralmente é orientado para se posicionar e defender um ponto de vista. Em outras palavras, ele deve argumentar.

Por essa razão, estamos chamando esse tipo de texto de **dissertativo-argumentativo**.

211

Fonte: Cereja e Cochar, 2015

No "Agora é sua vez”, localiza-se a proposta de produção textual "Brasil: um país sem preconceito?", para familiarização ao tema são expostos textos motivadores com informações que podem ser úteis à produção do texto. No planejamento do texto, evidencia-se a preocupação com os argumentos e com a estrutura do texto.

Figura 40 - Produção de texto

AGORA É A sua vez ▶

Você acha que, no Brasil, existe preconceito racial? Se sim, acha que ele é assumido ou enrustido? Leia, a seguir, o painel de textos sobre o assunto para colher informações. Depois escreva um texto dissertativo-argumentativo a partir do seguinte tema: **Brasil: um país sem preconceito?**.

Daniel Alves participou de dois gols do Barcelona na vitória sobre o Villarreal por 3 a 2 neste domingo. No entanto, o que mais chamou a atenção na atuação do brasileiro foi a maneira com que o lateral-direito lidou com uma manifestação racista. Aos 35 minutos do segundo tempo, torcedores jogaram uma banana dentro de campo quando o jogador ia cobrar um escanteio. Sem se abalar, Daniel pegou a fruta e comeu, como forma de protesto. [...]

[...]

Dani Alves recebeu diversas mensagens de apoio, incluindo uma publicação de Neymar dando força ao amigo de clube e de seleção brasileira.

[...]

(Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/04/dani-alves-desabafa-apos-ironizar-racismo-temos-que-rir-desses-retardados.html. Acesso em: 17/6/2014.)

Somos todos racistas. E a banana do Daniel Alves não muda isso

A campanha publicitária antirracista iniciada por Daniel Alves e Neymar tem lá seus méritos por disseminar uma discussão sobre o assunto. Mas será que ela ataca o ponto principal? Será que vai servir para ao menos reduzir a discriminação no futebol?

[...]

Obviamente que não. A estrutura do futebol é racista. E ela é racista porque nós, homens, que a construímos, somos racistas. [...]

Olhe por exemplo para o presidente da Fifa, Joseph Blatter. Branco e suíço. Seus antecessores sempre foram brancos das elites de seus países [...]. Negros só ocuparam posições laterais no poder. [...]

Observe agora a América do Sul, a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol). A foto de seu núcleo de poder só mostra brancos no centro. [...].

Chegamos ao Brasil, à CBF. Todos os presidentes da confederação até hoje foram brancos. [...]

Agora, pegue uma foto do presidente do seu clube. Se olharmos para as imagens dos presidentes dos 12 grandes times nacionais, no máximo, você verá o moreno Roberto Dinamite. [...]

[...]

Vamos aos bancos de reservas. Nos grandes times nacionais, há dois técnicos negros [...].

[...]

E não há negros no futebol? Ora, o futebol brasileiro foi formado em cima da capacidade técnica de jogadores mulatos, pretos, índios, mestiços em geral. [...] E nenhum deles teve

212

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

O texto dissertativo-argumentativo é abordado, novamente, em outro momento, ao fim do livro, no último capítulo da última unidade, desta vez junto à progressão textual.

Inicialmente há uma explanação teórica acerca da progressão textual e de sua função na estrutura do texto. O texto de exemplo é acompanhado de cinco questões, e nelas pede-se que os alunos identifiquem os elementos que constituem a sua progressão.

Figura 41 - Produção de texto

Produção de texto

O TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO: CONTINUIDADE E PROGRESSÃO

Quando lemos um texto, geralmente desejamos avançar na leitura, conhecer suas ideias principais e, por fim, nos apropriar de seu conteúdo geral. Para atender a essa expectativa do leitor, é preciso que as ideias apresentadas pelo autor, à medida que vão sendo expostas, sejam retomadas e desenvolvidas, pois é esse procedimento que possibilita a construção do sentido geral do texto. Esses movimentos de retomada e desenvolvimento de ideias são chamados de *continuidade* e *progressão textual*.

Leia o texto a seguir e responda às questões propostas.

Tecnologia parece alterar caráter de amizades juvenis

Hilary Stout — The New York Times

Antigamente, as crianças conversavam fisicamente com seus amigos. Aquelas horas passadas no telefone da família ou na companhia de amigos do bairro desapareceram muito tempo atrás. Hoje, porém, até mesmo trocar ideias por celular ou e-mail está ultrapassado. Para os adolescentes e pré-adolescentes atuais, a amizade parece se desenrolar cada vez mais por meio de minitextos, SMSs ou nos fóruns muito públicos de Facebook ou MySpace.

Boa parte das preocupações com esse uso da tecnologia tem sido voltada, até agora, a suas implicações no desenvolvimento intelectual das crianças. Mas especialistas começam a estudar um fenômeno profundo: a possibilidade de a tecnologia estar mudando a própria natureza das amizades das crianças.

"De modo geral, os temores suscitados pelo ciberbullying e o sexting (troca de mensagens com textos e imagens de teor sexual) têm ocupado o primeiro plano, deixando em segundo plano um olhar sobre coisas realmente nuançadas, como a maneira como a tecnologia está afetando o caráter de proximidade da amizade", disse Jeffrey G. Parker, professor-associado de psicologia na Universidade do Alabama, que estuda as amizades infantis desde a década de 1980. "Estamos apenas começando a analisar essas modificações sutis."

A dúvida é se todo esse envio de mensagens e a participação em redes sociais on line permite aos adolescentes e crianças ficar mais em contato com seus amigos e lhes dar mais apoio — ou se a qualidade de suas interações está sendo prejudicada pela ausência de intimidade e da troca emocional dadas pelo tempo passado fisicamente juntos.

Ainda é muito cedo para saber a resposta. Escrevendo no periódico "The Future of Children", Kaveri Subrahmanyam e Patricia M. Greenfield, psicólogos, [...] observaram: "Evidências qualitativas iniciais indicam que a facilidade das comunicações eletrônicas pode estar fazendo os 'teens' terem menos interesse em comunicação cara a cara com seus amigos. São necessárias mais pesquisas para avaliar até que ponto esse fenômeno está presente e quais seus efeitos sobre a qualidade emocional de um relacionamento".

249

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 42 - Produção de texto

1. O texto apresenta nove parágrafos.

a) Os dois primeiros formam a **introdução**. Identifique, no 2º parágrafo, a ideia principal do texto.

b) Quais são os parágrafos do **desenvolvimento**?

c) Que parágrafo forma a **conclusão**?

2. Há no texto palavras e expressões responsáveis pela **continuidade**, ou seja, pela retomada de palavras e ideias expressas anteriormente. No início do texto, por exemplo, a autora refere-se ao uso da tecnologia nos relacionamentos sociais dos jovens. Que palavra do 2º parágrafo retoma essa ideia e dá continuidade ao texto?

3. No 5º parágrafo, a que se refere a frase "Ainda é muito cedo para saber a resposta"?

4. No início do 6º parágrafo, há uma palavra que estabelece uma ideia de **retificação** em relação ao que foi dito no parágrafo anterior.

a) Qual é essa palavra?

b) Qual é a afirmação que essa palavra retifica?

5. Para garantir a textualidade, não basta que o texto retome elementos já expressos. A retomada deve levar ao acréscimo de novas informações, a uma ampliação de ideias, a que se chama **progressão**.

Do 3º ao 8º parágrafo, a autora retoma e amplia, ponto a ponto, a ideia principal apresentada na introdução. Que aspectos a autora aborda:

a) no 3º parágrafo?

b) no 4º parágrafo?

c) no 5º parágrafo?

d) no 6º parágrafo?

e) no 7º parágrafo?

f) no 8º parágrafo?

6. O último parágrafo, que traz a conclusão do texto, faz uma retomada da ideia apresentada na introdução e acrescenta um exemplo. Com que intenção isso é feito?

A continuidade e a progressão textual são condições essenciais para que um texto apresente coerência e coesão.

Enquanto a continuidade é responsável pela retomada de palavras, expressões e ideias já expressas, a progressão é responsável pelo andamento do texto, isto é, pelos acréscimos semânticos e pelo aprofundamento das ideias.

Um texto sem continuidade dá a impressão de fragmentação, de falta de conexão entre as ideias; e um texto sem progressão, a de que as ideias se repetem em círculos, uma vez que não há acréscimo de ideias novas.

251

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Há também, na unidade 4, a abordagem da informatividade e da qualidade dos argumentos. A partir da comparação de um texto com linguagem verbal e linguagem oral, os alunos irão aprender sobre os conceitos de informatividade e de senso comum, e também, por meio da análise de um texto escrito por um candidato de vestibular, terão a oportunidade de refletir sobre a necessidade de aprofundar e de não generalizar as informações no desenvolvimento da argumentação. A produção textual pede que seja feito um texto dissertativo - argumentativo com tema “o papel da sociedade na televisão brasileira”.

Figura 43 - Produção de texto

Produção de texto

A INFORMATIVIDADE E A QUALIDADE DOS ARGUMENTOS

Leia o cartum abaixo, de Rodrigo Rosa.

Rodrigo Rosa

1. Para captar o significado geral e o humor do cartum, não podemos nos ater ao que é mostrado.

a) Leia o boxe lateral e responda: Que ligação há entre o nome da fábrica de cosméticos e o mito de Narciso?

b) Observe, ao lado, a reprodução do quadro *Narciso*, de Caravaggio, e relacione a pintura com a situação mostrada no cartum. Que semelhanças e diferenças você nota entre as duas obras?

c) Explique a crítica contida no cartum.

2. A leitura do cartum permite notar que, quando lemos um texto, acionamos conhecimentos que já temos. Assim, o sentido de um texto depende não apenas do que está expresso nele, mas também dos conhecimentos prévios do leitor.

Se o cartum não for relacionado com a história de Narciso, ainda assim ele será um texto? Provocará humor? Justifique sua resposta.

O mito de Narciso

Narciso, segundo a mitologia grega, era um jovem dotado de extrema beleza. Quando nasceu, seus pais consultaram um adivinho, que lhes disse que o filho viveria muito, desde que nunca contemplasse a própria imagem. Num dia de muito calor, Narciso se inclinou sobre as águas cristalinas de um lago e, nesse momento, contemplou seu rosto refletido na água. Pensou que se tratava de algum espírito das águas e o achou tão belo, que se enamorou e não conseguiu interromper aquela contemplação. Ali ficou até morrer, e no lugar em que se achava brotou uma planta cuja flor foi chamada de narciso.

Narciso (1599), do pintor italiano renascentista Caravaggio (1573-1610).

230

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 44 - Produção de texto

Se ainda pairavam dúvidas quanto à verdadeira origem de Colombo, hoje pode-se dizer, sem sombra de dúvidas, que ele veio ao mundo na sua cidade natal, exatamente no dia do seu aniversário, que, aliás, era comemorado anualmente. Num ponto, todos os historiadores concordam: Colombo casou-se com sua mulher.

Além de exímio navegador, Colombo era homem de várias habilidades e foi perito em tudo aquilo que de melhor fazia. Registros da época narram, com detalhes, que sua memória era tão fantástica que ele conseguia se lembrar nitidamente de tudo aquilo que não esquecia. [...]

(*Veja*, 28/10/1992.)

EXERCÍCIOS

O texto abaixo foi escrito por um candidato do vestibular de uma universidade mineira. Sua transcrição foi feita de acordo com o original e, por isso, é natural que apresente alguns problemas gramaticais. Leia-o para responder às questões a seguir, observando o grau de informatividade que apresenta.

Violência social

A violência social vem sendo praticada no mundo inteiro, em todas as classes da sociedade.

É uma luta pelo poder e pela sobrevivência. Uns matam e roubam para sobreviver, conseguir um pedaço de pão e ter com que se alimentarem, outros praticam a violência apenas com o objetivo de enriquecerem ainda mais e dominar a classe mais fraca.

Há rivalidades até entre famílias, filhos matando pais para tomar o que lhes pertence, irmãos brigando entre si.

Brigas por posses de terras, causando guerras entre países como ocorreu há pouco tempo e continua acontecendo.

Por qualquer motivo se pratica a violência, uma simples discussão, ciúmes, um lugar em fila de ônibus, etc. Ninguém respeita o próximo, qualquer coisa, por menor que seja, serve de motivo para acabar em violência e basta andarmos uns minutos pelas ruas, para encontrarmos vários exemplos.

Assim como há os que praticam a violência pelo poder e pela sobrevivência, há também muitos que a praticam por prazer, por querer mostrar que pode mais que o outro.

(Redação de aluno. Apud Maria da G. Costa Val. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 83-4.)

232

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 45 - Produção de texto

1. No 1º parágrafo, o autor afirma que a violência é praticada "no mundo inteiro", o que nos leva a supor que o texto será desenvolvido com exemplos da realidade de diferentes países e de diferentes níveis sociais. Isso se verifica posteriormente no texto?

2. No 2º parágrafo, o autor afirma que há os que roubam e matam por fome e os que praticam violência com vistas ao poder.

a) O autor esclarece quem são as pessoas que chama de "uns" e "outros", a que grupos sociais pertencem ou a cidade ou o país em que vivem?

b) Se há pessoas que roubam e matam por fome, então elas são vítimas de uma situação social grave. Logo, elas deveriam ser referidas no mesmo parágrafo em que são citados aqueles que praticam violência pelo poder?

3. Observe o 3º e o 4º parágrafos. Neles, as afirmações são genéricas e sem profundidade. Que informações o autor poderia fornecer para torná-los mais precisos e ricos em ideias?

4. De modo geral, o autor procura explicar o fenômeno da violência, ao longo dos parágrafos, valendo-se de argumentos sociais.

a) Isso também ocorre no 5º parágrafo? Por quê?

b) Qual é o único motivo apresentado para explicar por que o indivíduo é levado à violência?

c) Na sua opinião, esse motivo é suficiente para explicar o fenômeno da violência, no plano individual?

5. No último parágrafo, o autor retoma a ideia principal exposta nos primeiros parágrafos — ou seja, a de que a violência é fruto da luta pelo poder e pela sobrevivência —, mas introduz uma ideia nova.

a) Qual é essa ideia?

b) Considerando-se as partes que normalmente compõem a estrutura de um texto, essa ideia está bem exposta no texto lido? Por quê?

6. Como você constatou, o texto apresenta baixa informatividade. Como consequência:

a) A leitura do texto é atraente? Por quê?

b) O autor transmite a impressão de ter domínio do assunto desenvolvido? Por quê?

c) O texto consegue convencer o leitor sobre o ponto de vista que defende? Por quê?

AGORA É A sua vez ▶

Quando o assunto é televisão no Brasil, as opiniões são controversas. Há, por um lado, os que admiram nossa TV, com produções exportadas para inúmeros países, profissionais reconhecidos internacionalmente, informação, entretenimento e cultura acessíveis a grande parte da população. Por outro lado, há aqueles que discordam desse posicionamento. Trata-se de um tema polêmico.

A fim de se informar melhor sobre o assunto, leia o painel de textos a seguir. Depois escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre **o papel da televisão na sociedade brasileira**, procurando dar atenção à qualidade dos argumentos, isto é, evitando apoiar seu ponto de vista em afirmações do senso comum e/ou que apresentem baixa informatividade.

233

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Há na página 236 a coerência e a coesão textual, que são desenvolvidas utilizando uma redação de um aluno com alguns problemas de coesão e coerência textual, que serão explorados e identificados nas quatro questões da página 237.

Figura 46 - Para escrever coesão e coerência

Para escrever com coerência e coesão

A ARTICULAÇÃO (II)

O texto a seguir, produzido a propósito do tema **aspectos positivos e/ou negativos da televisão**, apresenta sérios problemas de articulação de ideias. Além disso, por ter sido transcrito de acordo com a redação original, revela inadequações de ortografia, concordância e pontuação em relação à norma-padrão da língua. Leia-o.

Nos dias de hoje, a televisão obtem poder.

Ela é um meio de comunicação que utiliza sons e imagens em movimento.

Seus meios tem força demais para um público fragilizado demais.

A televisão sempre traz ideias novas e proibidas ao público e sempre quer mais audiência.

Além disso, quase sempre há muito apelo para o lado sexual, que não é bom para o telespectador, analisando pelo lado moral do ser humano.

A imagem age diretamente no subconsciente do telespectador. Exemplo: ao ver uma propaganda de quem fuma uma determinada marca de cigarro, tem estatus, poder, estilo, ela vai em busca daquilo que a imagem lhe sugere. Os programas de televisão, diz o que devemos ler, ouvir, etc. quer dizer a televisão tira conclusões e pensa pelas pessoas.

Um dos pontos positivos que podemos observar na televisão são os noticiários, programas culturais, música, teatro, etc. mantendo-nos constantemente informados sobre tudo que acontece no mundo.

Se analisarmos a televisão como um meio de comunicação mundial, concluimos que ela tem muitos pontos positivos, como negativos depende de cada um decidir o que realmente é bom ou ruim para si próprio.

(Redação de aluno — 9º ano do ensino fundamental.)

Conforme você deve ter notado, falta **coesão** entre os primeiros parágrafos, o que resulta num texto desarticulado, quase um não texto.

As ideias dos oito parágrafos em que o texto está estruturado podem ser assim esquematizadas:

1º parágrafo: o poder da tevê
2º parágrafo: a tevê utiliza sons e imagens
3º parágrafo: a tevê tem força demais
4º parágrafo: a tevê veicula ideias novas e proibidas
5º parágrafo: a tevê traz apelos sexuais, o que não é bom para o espectador
6º parágrafo: a tevê influencia o comportamento e os valores das pessoas e não as deixa pensar
7º parágrafo: a tevê é uma fonte de informações mundiais atualizada
8º parágrafo: há pontos positivos e negativos na tevê; cabe a nós decidir o que é bom ou ruim

Os exercícios a seguir têm por objetivo ajudar a criar articulação entre as ideias acima e, assim, dar uma noção de como um texto precisa ser estruturado a fim de apresentar coerência e coesão.

236

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Figura 47 - Para escrever coesão e coerência

EXERCÍCIOS

1. O texto se propõe a defender o ponto de vista apresentado no 1º parágrafo, que é o de que a televisão tem um grande poder de influência sobre as pessoas. Todos os argumentos expostos nos parágrafos seguintes visam comprovar essa opinião, com exceção do 7º parágrafo e da conclusão (último parágrafo).

Por que esses dois parágrafos estão em desacordo com o ponto de vista que o texto se propõe a desenvolver?

2. Para que a introdução do texto seja compatível com o 7º parágrafo e com a conclusão, há duas saídas possíveis: ou se altera a introdução, adequando-a ao encaminhamento dos aspectos positivos e negativos da tevê, ou elimina-se o 7º parágrafo e adapta-se a conclusão, reiterando-se a referência aos aspectos negativos dela.

Suponha que você opte por modificar a introdução do texto, prevendo nela a possibilidade de também demonstrar os aspectos positivos da tevê. O texto seria, então, organizado mais ou menos assim:

Introdução: a tevê apresenta aspectos positivos e negativos
Desenvolvimento: a) aspectos negativos
b) aspectos positivos
Conclusão: cabe a cada um decidir o que é bom para si e, de acordo com esse critério, selecionar sua programação de tevê

Com base nesse esquema:

a) Dê outra redação ao 1º parágrafo, defendendo o ponto de vista de que a tevê tem esse duplo caráter.

b) Releia os parágrafos de 2 a 6. Além de serem feitas afirmações sem fundamentação (por exemplo, não se explica por que o público é fragilizado, que tipo de ideias novas a tevê traz, nem por que o apelo sexual não é bom para o telespectador, etc.), há ideias que se repetem.

Reúna as informações mais importantes desses parágrafos e, com elas, redija um ou no máximo dois parágrafos que demonstrem os aspectos negativos da tevê. Se necessário, acrescente informações ou desenvolva melhor aquelas já apresentadas.

c) O autor desenvolveu apenas um parágrafo para apontar as qualidades da tevê e, mesmo assim, ressaltando apenas um aspecto: a informação. Discuta com o professor e com os colegas: Os noticiários são sempre de boa qualidade? Os programas relacionados à cultura em geral oferecem apenas informação ou também oferecem lazer? Em seguida, reescreva o 7º parágrafo, apontando outros aspectos positivos da tevê. Se necessário, escreva um novo parágrafo para apresentar outras qualidades da tevê.

3. Depois de reestruturado o texto, é necessário observar se ele apresenta as articulações necessárias nos diferentes níveis.

a) Verifique se existem **entre as frases** elementos de coesão que tornem claras as relações com palavras já expressas, como relações de oposição, causalidade, temporalidade, etc.

b) Verifique se existem **entre os parágrafos** elementos de coesão que garantam uma sequência coerente entre as partes do texto.

c) Releia o texto, observando se as **partes principais do texto** — introdução, desenvolvimento e conclusão — se articulam de forma lógica e natural ou se há contradição entre elas, se há informações que necessitam ser cortadas, e assim por diante. Se necessário, acrescente elementos de coesão como **Apesar disso**, **Por outro lado**, **É importante lembrar ainda que**, **Dessa forma**, **Em segundo lugar**, **Embora**, etc.

Fonte: Cereja e Cochar, 2015.

Foi possível observar que o livro do 9º corresponde aos requisitos essenciais para a construção do texto argumentativo que foram enumerados nesta pesquisa. Nele, apareceram os gêneros textuais argumentativos, a estrutura do texto argumentativo, os articuladores argumentativos e a progressão textual. Este último que não havia sido abordado nos volumes anteriores, surge nesse momento junto a uma das abordagens que se faz do texto dissertativo-argumentativo, o que pode ser visto como um aspecto negativo, porque dessa forma passa a impressão de que seja uma característica desse gênero específico, quando, na verdade, faz parte de qualquer construção textual.

Para finalizar, é importante discorrer em relação ao reaparecimento do artigo de opinião, que já havia sido apresentado anteriormente no livro do 6º ano. No 6º ano, a introdução ao artigo de opinião é feita por meio do que significa opinar, em seguida os autores aproximam opinião e argumentação. Enquanto isso, no 9º ano, espera-se que os alunos estejam mais familiarizados com a argumentação, por isso o conceito do artigo de opinião é mais aprofundado, pois surgem pontos como a utilização da 1ª pessoa e de posicionamentos claros e fundamentados. A exploração dos textos também se dá de formas um pouco diferentes nos volumes: no 6º ano as questões sobre o texto falam de estrutura do gênero, mas preocupam-se mais com linguagem e contextos de circulação; já no 9º ano a introdução, o desenvolvimento e a conclusão são o foco, inclusive aborda estratégias para desenvolver a argumentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação de mestrado assumiu como objetivo geral analisar a abordagem dos gêneros argumentativos na coletânea de livros do 6º ao 9º ano dos anos finais do ensino fundamental *Português Linguagens*, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Para realizar a análise do material didático, os objetivos específicos foram definidos a partir do que se julgou como pertinente para sustentar teoricamente o trabalho. Primeiramente, foi feita uma revisão da literatura, a fim de buscar os embasamentos teóricos relevantes para as ideias explanadas e às avaliações dos livros.

Visto que o tema dissertado trata de gêneros argumentativos, optou-se por iniciar a parte teórica desenvolvendo o conceito bakhtiniano de gêneros do discurso, abordando a relação dialógica da linguagem e a função que os gêneros possuem quanto à interação na sociedade. Em seguida, foi falado sobre o papel central que exercem no ensino de língua materna, em paralelo com o que prescreve os PCN. Buscou-se apoio também na Linguística Textual, área de estudo que tem como seu foco de trabalho o texto e o que envolve sua consolidação, sejam os aspectos internos e externos a ele. Ademais também foi exposto como que a LT e os seus pressupostos refletiram no ensino de língua materna.

Escolheu-se falar acerca da origem da argumentação, por meio de algumas informações históricas que a consolidaram enquanto uma atividade discursiva, fazendo, dessa forma, um retorno à Antiguidade Clássica, aos Sofistas e à Retórica de Aristóteles.

Expôs-se a estrutura dos gêneros argumentativos e quais são as estratégias discursivas que integram as suas partes, com atenção aos aspectos internos do texto que contribuem para a formação do todo, como, por exemplo, o uso dos articuladores argumentativos e a progressão textual. Em seguida foi traçada, com base nos levantamentos e reflexões, uma perspectiva para o ensino dos gêneros argumentativos na escola, com menções a documentos oficiais, como os PCN e a BNCC.

A análise dos livros, num primeiro momento, ateve-se a destacar os objetivos dos autores e a estrutura dos volumes. Foram descritos, de forma geral, os assuntos tratados, os gêneros apresentados e as sequências didáticas ofertadas. Para uma melhor visualização, fez-se o uso de imagens das páginas, ilustrando as passagens. Nesses momentos de descrição, algumas observações e inserções críticas foram realizadas, buscando comparar o conteúdo do material com os pressupostos da pesquisa.

Numa análise geral, percebeu-se que os livros dialogam com as reflexões teóricas a que se refere esta pesquisa, foi observado um trabalho em que o texto é o centro do processo, e que seus aspectos internos e externos são tratados com relevância. Além do mais é possibilitada aos estudantes a exploração desses gêneros, por meio da leitura, compreensão e escrita.

Notou-se um incentivo ao debate de assuntos relevantes socialmente e à troca entre os alunos, dessa forma exercitando a democracia e o respeito aos diversos pontos de vista, bem como orienta o documento a que o material se filia, os PCN. Os livros fazem menção aos aspectos linguísticos importantes à construção do texto, como: o planejamento textual, a estrutura do texto, as estratégias argumentativas, os articuladores argumentativos e a progressão textual.

Ao considerar que o objetivo desta pesquisa é contribuir positivamente para o ensino da argumentação nos anos finais do ensino fundamental, cabe mencionar também alguns pontos que precisam de maior atenção por parte dos autores em possíveis futuras reformulações do material didático. Inicialmente, o primeiro ponto sugerido é a atualização do documento oficial a que os livros se filiam, passando dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerada, atualmente, como o documento que norteia o ensino na educação básica.

Poderia haver mais exemplos de textos que circulam no ambiente virtual e que funcionam como meios de expressão, como memes, posts de Instagram e do X (Twitter), por exemplo. Não há como ignorar a vida que acontece nas telas dos aparelhos celulares, nas diversas redes sociais, e como ela impacta na sociedade.

Seria interessante que os autores abordassem a introdução à história da argumentação, enquanto uma prática que teve seu início na Antiguidade Clássica, destacando como ela se deu, se desenvolveu e porque se constitui enquanto uma atividade inerente à comunicação e à sobrevivência humana na sociedade. Desta maneira, os autores estariam contribuindo com a ampliação do repertório e do conhecimento dos alunos.

No que foi dito em termos de argumentar, poderiam ser destacadas as diferenças entre persuadir e convencer, que são palavras com significados diferentes, mas comumente confundidas, como já exposto em capítulo deste trabalho.

Por último, é preciso observar que a progressão textual é abordada no final do livro do 9º ano, junto ao texto dissertativo-argumentativo, no segundo momento em que ele aparece. Esta é a única ocasião na qual se fala sobre progressão textual ao longo dos volumes, estando

ainda atrelada ao gênero citado. Portanto, vale ressaltar que esse aspecto textual é inerente a qualquer gênero, logo, associá-lo ao texto dissertativo-argumentativo pode passar a impressão de que nesse gênero ela possui maior valor. Ela poderia ser apresentada separadamente, até mesmo nos outros volumes da coletânea, mesmo que de forma introdutória, para assim ser entendida como aplicável e necessária a todos os textos.

Diante da discussão desenvolvida, foi possível perceber que a coletânea de livros *Português Linguagens* possui seus objetivos definidos e coerentes com o que os autores pontuam como relevantes ao ensino de língua materna. Os pontos levantados aqui são feitos com a intenção de refletir sobre como aperfeiçoar o material em questão, para assim contribuir positivamente com o ensino dos gêneros argumentativos nos anos finais do ensino fundamental, e apoiar a formação de alunos seguros em utilizar a língua nos mais variados contextos com os quais eles terão de lidar na vida durante e após a passagem pela escola.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Curso de redação.** São Paulo: Ática, 2000.

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar:** gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê editorial, 2021.

AZEVEDO, I. C. M. de, ; Damaceno, T. M. dos S. S. (2017). Desafios do BNCC em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica . **Revista De Estudos De Cultura,** (7), 83–92.2017. https://doi.org/10.32748/revec.v0i7.6557

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In. BRAIT, B. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf. Acesso em: 1 maio. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular.** 3a versão revista. Brasília, MEC, 2017.
Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br Acesso em: 1 maio. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa nacional do livro e do material didático**. Brasília, MEC, 2018.
Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld

CASTRO, Ruy. **Fim da infâmia.** Folha de São Paulo, São Paulo, 21 de fev. de 2014. Colunistas. Disponível em: https://m.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2014/02/1415439-fim-da-infamia.shtml Acesso em: 16 out. 2023.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. **Português linguagens** – 6º ano. São Paulo: Saraiva, 2015.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. **Português linguagens** - 7º ano. São Paulo: Saraiva, 2015.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. **Português linguagens** - 8º ano. São Paulo: Saraiva, 2014.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. **Português linguagens** - 9º ano. São Paulo: Saraiva, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso:** modos de organização. São Paulo: Contexto, 2016.

ESCAVADOR. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/722517/william-roberto-cereja Acesso em: 16 out. 2023.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística textual:* introdução. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2020.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2011.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do Discurso:** Fundamentos e Prática. Maceió: Edufal, 2009.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna:** aprendendo a escrever, aprendendo a pensar. São Paulo: FGV, 1969.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria: **Escrever e argumentar.** São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça. Parâmetros curriculares nacionais, linguística textual e ensino de línguas**. Revista do GELNE**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1–12, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9110 Acesso em: 26 abr. 2023.

KOCH, Ingedore Villaça. Linguística textual**:** retrospectivas. **Alfa**, São Paulo, n. 41, p. 67-78, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça.**Linguística textual:** retrospecto e perspectivas. *In*: BRAIT, B. (org.) **Estudos enunciativos no Brasil:** histórias e perspectivas. Campinas, SP: Pontes ; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 71-86.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

LIVRARIA DA TRAVESSA. Disponível em: https://www.travessa.com.br/Thereza_Cochar_Magalhaes/autor/470fceca-130d-424b-a4b4-22c1f1d7c851 Acesso em: 16 out. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais:** o que são e como se constituem. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio.**Linguística textual:** o que é e como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARQUES, Maria Aldina. Argumentação e (m) discursos. In: DUARTE, Isabel Margarida ; FIGUEIREDO, Olivia (orgs.). **Português, língua e ensino**. Porto: Universidade do Porto, 2011.

PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (orgs.). **Linguística Textual e ensino.** São Paulo: Contexto, 2017 Disponível em: https://img.travessa.com.br/capitulo/CONTEXTO/LINGUISTICA_TEXTUAL_E_ENSINO-9788572449915.pdf. Acesso em: 1 mai. 2023.

RAMIRES, V. Panorama dos estudos sobre gêneros textuais**. Investigações (Recife)**, Recife, v. 18, n. 18, p. 39-67, 2005. Disponível em https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.html

RODRIGUES, H. R. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. *In*: **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

SCHWARTSMAN, Hélio. **Fortaleza expugnada**. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 de fev. 2015. Colunistas. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartsman/2015/02/1592988-fortaleza-expugnada.shtml. Acesso em: 16 out. 2023.

Traumas herdados. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 de ago. de 2015. Opinião. Disponível em: http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/231158-traumas-herdados.shtml Acesso em: 16 out. 2023.